

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ARIELLE DE JESUS MEIRELES TEIXEIRA

**“DEUS ODEIA O ORGULHO”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO
INTOLERANTE CONTRA A COMUNIDADE LGBTQIAPN+**

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Arielle de Jesus Meireles Teixeira

3. Título do trabalho

"DEUS ODEIA O ORGULHO": Uma Análise do DISCURSO RELIGIOSO intolerante contra a comunidade LGBTQIAPN+

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Arielle De Jesus Meireles Teixeira**, Discente, em 23/01/2025, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira, Professora do Magistério Superior**, em 24/01/2025, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5115715** e o código CRC **407E5CDD**.

Referência: Processo nº 23070.039678/2024-30

SEI nº 5115715

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

ARIELLE DE JESUS MEIRELES TEIXEIRA

“DEUS ODEIA O ORGULHO”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO
INTOLERANTE CONTRA A COMUNIDADE LGBTQIAPN+

Dissertação apresentada à Banca examinadora,
na Universidade Federal de Goiás, como
exigência parcial na obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos
Linha de Pesquisa: Língua, Texto e Discurso

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosângela Aparecida
Ribeiro Carreira.

GOIÂNIA

2024

ARIELLE DE JESUS MEIRELES TEIXEIRA

**“DEUS ODEIA O ORGULHO”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO
INTOLERANTE CONTRA A COMUNIDADE LGBTQIAPN+**

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre.

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. JARBAS VARGAS NASCIMENTO

PROF. DR. MARCIO ROGERIO DE OLIVEIRA CANO

PROF. DR. MARCO ANTONIO ALMEIDA RUIZ

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

TEIXEIRA, Arielle de Jesus Meireles

"DEUS ODEIA O ORGULHO" [manuscrito] : UMA ANÁLISE DO
DISCURSO RELIGIOSO INTOLERANTE CONTRA A COMUNIDADE
LGBTQIAPN+ / Arielle de Jesus Meireles TEIXEIRA. - 2024.

CXXIV, 124 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Discurso Religioso Cristão. 2. Discurso Teológico. 3. Ethos
intolerante. 4. Discurso Intolerante. 5. Análise do Discurso. I.
Carreira, Rosângela Aparecida Ribeiro, orient. II. Título.

CDU 81



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 18 da sessão de Defesa de Dissertação de **ARIELLE DE JESUS MEIRELES TEIXEIRA**, que confere o título de Mestra em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos.

Aos **vinte e sete** dias do mês de **agosto** do **ano de dois mil e vinte e quatro**, a partir das **15 horas**, na **Sala 33**, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás e **via videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“DEUS ODEIA O ORGULHO – O DISCURSO INTOLERANTE DE ANDRÉ VALADÃO”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, **Profa. Dra. Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira (PPGLL/FL/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (PUC/SP)**, **Prof. Dr. Márcio Rogério de Oliveira Cano (UFLA)**, **Prof. Dr. Marco Antonio Almeida Ruiz (FL/UFG)**, membros titulares externos. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **vinte e sete** dias do mês de **agosto** do **ano de dois mil e vinte e quatro**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

“DEUS ODEIA O ORGULHO”: Uma Análise do DISCURSO RELIGIOSO intolerante contra a comunidade LGBTQIAPN+



Documento assinado eletronicamente por **Rosangela Aparecida Ribeiro Carreira, Professora do Magistério Superior**, em 30/08/2024, às 15:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Rogério de Oliveira Cano, Usuário Externo**, em 30/08/2024, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marco Antonio Almeida Ruiz, Professor do Magistério Superior**, em 30/08/2024, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0,
informando o código verificador **4785975** e o código CRC **99D885DF**.

Referência: Processo nº 23070.039678/2024-30

SEI nº 4785975

DEDICATÓRIA

O cachorro é realmente o melhor amigo do ser humano, assim, dedico este trabalho ao meu melhor amigo que perdi no início de 2023 e que fez parte de toda a minha trajetória do ensino médio, graduação (escrevi o meu Trabalho de Conclusão de Curso com ele sentado no meu colo) e me acompanhou durante as horas que passei estudando e me preparando para entrar no Programa. Eu nunca pensei que um coração pudesse se quebrar tantas vezes seguidas como agora eu sei, queria conseguir acreditar que existe um céu para saber que vou te encontrar de novo.

AGRADECIMENTOS

Queria manter a minha lógica e afirmar, novamente, que ninguém a quem agradeço é minha heroína e meu herói, mas, quando paro e penso no último ano que tivemos, isso é difícil. As pessoas a quem agradeço neste espaço são minhas heroínas e heróis na medida em que todo ser humano, limitado por natureza, o é. Talvez, pensando agora, sejam as nossas limitações que nos fazem ser heróis e heroínas. Somos imperfeitos em toda a nossa trajetória, mas tentamos e é por esse tentar constante que agradeço aqui.

Eu sou uma pessoa com TDAH e com muitas manias, não falo isso como uma limitação, mas sim para contextualizar o agradecimento que faço. Assim, agradeço ao meu pai Emir Teixeira Junior por ter vindo me auxiliar a arrumar as minhas coisas todas as vezes que precisei. Mesmo sem entender como coisas que pareciam tão pequenas pudessem me impedir de estudar e escrever.

Por diferentes pendências emocionais, o último ano foi difícil para todos, principalmente para a minha mãe. Mas mesmo assim ela segue, atende ligações, ajuda os outros, e, infelizmente, esquece de si mesma. Algo que não deveria ser tão ovacionado quanto a sociedade nos faz acreditar que o é. Eu te amo, mãe, mas pare de esquecer de si mesma.

Agradeço a minha irmã caçula Barbara Teixeira por ter segurado tantas pontas quantas nem ela achou que seria capaz de fazer. São coisas que a gente normalmente não fala, mas eu te amo, Bah, e tenho orgulho das suas conquistas. Não desista dos seus sonhos, porque você é capaz.

Agradeço a minha namorada Agata Cristina por ter me ouvido reclamar tantas vezes e por não ter me dado atenção todas as vezes que jurei desistir de tudo. Obrigada pelas incontáveis vezes que você se esforçou apenas para me lembrar que eu era capaz. Obrigada por sempre tentar me fazer acreditar que eu mereço estar onde eu estou.

No último ano parece que não tive tempo de responder as pessoas, mas mesmo assim elas seguiram se lembrando de mim. Agradeço a minha tia Shirlei Meireles, alguém que insiste em nos lembrar de levar a vida com humor e esperança, mesmo quando os tempos são difíceis. Agradeço às minhas primas e ao meu primo, Kamilla, Anna e João, que mesmo eu ainda fazendo o mestrado já me chamam de “futura doutora”. Agradeço também aos meus avós, Iracema e Meireles, por compreenderem a ausência de ligações e por se preocuparem com o meu trabalho.

Quanto mais velho a gente vai ficando, mais o número de amigos diminui. Mas alguns laços só ficam mais fortes. Agradeço a minha amiga Letícia Maass, de certo modo uma amizade interestadual de quase 17 anos. Eu não prometo a partir de agora parar de sumir por

uma semana, mas eu te amo. Obrigada pela sua amizade, pelas palavras de conforto e, também, por compartilhar os desconfortos.

Por falar em desconforto, agradeço a minha amiga Shalimar Costa. A vida adulta cobra um preço muito alto, o nosso tempo. Mas ainda sim você está presente para mim e eu estou para você. Obrigada por fazer parte do meu caminho e por me permitir fazer parte do teu.

Como disse, esse tem sido um ano difícil para muitos, inclusive para a minha orientadora. Temos que lutar mesmo quando não sabemos de onde mais podemos tirar forças. Mas ainda bem que existem os laços de carinho e apoio que formamos até mesmo ao longo da faculdade. Obrigada, Rosângela Carreira, por aceitar me orientar e estar do meu lado durante o mestrado. Sei que o caminho também não foi fácil para a senhora, mas obrigada pelo seu apoio e tempo. Obrigada por me acompanhar nessa etapa

Um agradecimento especial ao grupo de estudos Discurso, Cultura e Ensino, que desde o primeiro dia me acolheu, me permitiu contribuir para a vida acadêmica de todos ao mesmo tempo que contribuía para a minha. Nesse grupo tenho um agradecimento especial aos meus colegas Gabriel Paranista e Gustavo Rodrigues, espero ter acolhido vocês o tanto quanto vocês me acolheram.

Em um primeiro momento, agradeço ao professor Márcio Cano por ter aceitado acompanhar o desenvolvimento deste trabalho desde o início sendo o leitor crítico quando ainda era um projeto com vários caminhos e diferentes objetivos. Agradeço ao professor Jarbas Nascimento (cujos estudos contribuíram tanto para o meu trabalho) e ao professor Marco Antônio. Obrigada pela atenção que os senhores deram aos meus estudos, pelos apontamentos e novas sugestões de leitura.

No Brasil temos um ensino público e de qualidade para a nossa formação superior, no entanto, apesar de novas políticas públicas que favorecem a entrada nas universidades, a permanência para muitos ainda é algo difícil. Assim, agradeço ao investimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior na minha formação acadêmica. Ressalto aqui a afirmação: pesquisar é trabalhar, a bolsa é um salário.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a você que está me lendo. Obrigada pelo voto de confiança do seu tempo, obrigada pela atenção que está dando a esse trabalho. Ele é resultado do esforço de muitas pessoas. Vivemos em um mundo que é assustador para muitas vivências e é necessário lutarmos contra isso.

allons-y

¹Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.

²Ainda que eu tenha o dom de profecia, saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei.

³Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.

⁴O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

⁵Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

⁶O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

(1 Coríntios 13:1-6)

TEIXEIRA, Arielle de Jesus Meireles Teixeira. *“Deus odeia o orgulho”: Uma análise do discurso religioso intolerante contra a comunidade LGBTQIAPN+.* Goiânia, 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a dinâmica acerca do discurso da intolerância religiosa do movimento evangélico neopentecostal contra a comunidade LGBTQIAPN+. O objeto de estudo é a pregação religiosa “Deus odeia o orgulho” e nele analisa-se como os sentidos de exclusão e intolerância são construídos no discurso religioso neopentecostal, com foco no Brasil contemporâneo, onde religião e política estão intimamente conectadas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa bibliográfica (Severino, 2013) de base interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008), tendo como materialidade discursiva o vídeo do culto “Deus odeia o orgulho”, da igreja Lagoinha Orlando Church, compartilhado na rede social *YouTube* em junho de 2023. Para tanto, utilizamos a Análise do Discurso de linha francesa, tendo como pressupostos teóricos principais Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2012 e 2016a), Nascimento (2009, 2020 e 2022) e Foucault (2008a, 2008b e 2009). A análise discursiva se faz pertinentemente a partir do entendimento da alta atuação religiosa no Estado, a doutrina cristã interfere no desenvolvimento das políticas públicas para os direitos de gênero e sexualidade. Destacamos, ao fim do estudo, que o discurso religioso cristão evangélico atua como um incentivador para a manutenção da homofobia e transfobia no Brasil. A prática da Análise do Discurso desmistifica o fundamentalismo religioso cristão intolerante para o combate da intolerância social.

Palavras-chave: Discurso Religioso Cristão; Discurso Teológico; Ethos intolerante; Discurso Intolerante; Igreja Batista da Lagoinha; LGBT+fobia

ABSTRACT

This work aims to understand the dynamics surrounding the discourse of religious intolerance within the Neopentecostal evangelical movement against the LGBTQIAPN+ community. The object of study is the religious sermon “Deus odeia o orgulho” in which the construction of exclusion and intolerance is analyzed within the Neopentecostal religious discourse, focusing on contemporary Brazil, where religion and politics are intimately connected. This is a qualitative, bibliographic research (Severino, 2013) with an interpretivist base (Bortoni-Ricardo, 2008), using as discursive material the video of the “Deus odeia o orgulho” service from the Lagoinha Orlando Church, shared on the social network YouTube in June 2023. For this purpose, we applied the French Discourse Analysis approach, based on the theoretical framework of Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2012, and 2016a), Nascimento (2009, 2020, and 2022), and Foucault (2008a, 2008b, and 2009). The discourse analysis is particularly relevant in understanding the strong influence of religion within the State, as Christian doctrine interferes with the development of public policies regarding gender and sexuality rights. At the conclusion of the study, we emphasize that evangelical Christian religious discourse acts as a promoter of homophobia and transphobia in Brazil. The practice of Discourse Analysis helps to demystify intolerant Christian religious fundamentalism in the fight against social intolerance.

Keywords: Christian Religious Discourse; Theological Discourse; Intolerant ethos; Intolerant Speech; Igreja Batista da Lagoinha; LGBT+phobia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Dashboard Lagoinha Global.....	10
Figura 2 – Salomão, a inteligência artificial.....	10
Figura 3 - O chatbot Salomão.....	13
Figura 4 – About da Lagoinha Global.....	14
Figura 5 – Página do YouTube Lagoinha Global.....	15
Figura 6 – Página inicial do canal Lagoinha USA no YouTube.....	16
Figura 7 – ORGULHO NÃO.....	17
Figura 8 – Deus odeia o orgulho, André Valadão.....	34
Figura 9 – Tiago 4:6.....	44
Figura 10 – O púlpito de André Valadão.....	49
Figura 11 – Espaço do culto.....	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – IGREJA BATISTA DA LAGOINHA – HISTÓRIA, HISTORICIDADE E DOUTRINA.....	6
1.1. Igreja Batista da Lagoinha: contextualização histórica.....	6
1. 2. A nova face da IBL – Lagoinha Global.....	9
1. 3. A Lagoinha de André Valadão – o ministério Lagoinha USA.....	16
CAPÍTULO II – A CONSTITUÊNCIA DO DISCURSO TEOLÓGICO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO.....	18
2. 1. Discurso Constituinte.....	20
2. 2. Discurso Institucional.....	27
CAPÍTULO III -- EM RELAÇÃO AOS ASPECTOS TEÓRICOS E A ANÁLISE DO DISCURSO.....	34
3. 1. Relações interdiscursivas na pregação.....	36
3. 1. 1. Formação Discursiva.....	36
3. 1. 2. Interdiscurso.....	39
3. 2. Cenas da enunciação.....	44
3. 2. 1 Cena englobante e Cena genérica.....	44
3. 2. 2 Cenografia.....	51
3. 3 Ethos.....	55
CAPÍTULO IV – O DISCURSO INTOLERANTE E O ETHOS DISCURSIVO INTOLERANTE NA MINISTRAÇÃO “DEUS ODEIA O ORGULHO”.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	69
ANEXO A.....	75
ANEXO B.....	76
ANEXO C.....	77
ANEXO D.....	78
ANEXO E.....	79
ANEXO F.....	80
ANEXO G.....	81
ANEXO H.....	82
ANEXO I.....	83
ANEXO J.....	84
ANEXO K.....	85
ANEXO L.....	86
ANEXO M.....	96
ANEXO N.....	99

INTRODUÇÃO

Durante o processo eleitoral brasileiro de 2018, houve uma intensificação de manifestações antidemocráticas e a ascensão de uma retórica nacionalista cristã, que rapidamente se normalizou e se institucionalizou no discurso político e social. Esse movimento foi impulsionado por uma base política e religiosa que buscava consolidar a defesa da família tradicional, dos valores religiosos e de um nacionalismo estreitamente ligado à moral cristã. A campanha presidencial do ex-presidente Jair Bolsonaro, com *slogans* como “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!”, refletiu essa retórica ao alinhar-se com uma visão de mundo conservadora e cristã, particularmente baseada no discurso religioso neopentecostal.

A vitória de Bolsonaro à presidência do Brasil e seu governo possibilitou o fortalecimento de políticas cada vez mais conservadoras alinhadas à concepção moral cristã e, muitas vezes, promovidas em nome da fé e da preservação de valores “tradicionais”. Tais manifestações políticas foram impulsionadas por uma crescente influência de lideranças religiosas, especialmente evangélicas, tanto no parlamento quanto em cargos estratégicos do governo. Esse cenário também propiciou a proliferação de discursos intolerantes, direcionados a diferentes sujeitos sociais que não correspondiam à corrente político-ideológica dominante, como a comunidade Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agêneros, Pansexuais, Não-binários e mais (doravante, LGBTQIAPN+), mulheres e grupos étnico-raciais. A retórica de exclusão e intolerância, legitimada pelo discurso religioso, foi utilizada para justificar a marginalização desses grupos, reforçando estereótipos e preconceitos sob o argumento de preservação dos valores cristãos e da família.

Desde a promulgação da Constituição da República Federativa do Brasil, em 1988, o Estado não deve ter nenhuma religião oficial, assim, promove-se o princípio da laicidade. Nenhuma corrente religiosa pode interferir em assuntos estatais, principalmente naqueles que discutem a integridade, qualidade de vida e direitos humanos. Compreendemos que a inclusão é um princípio constitucional do Estado de Direito, assim, a tolerância é a base do Estado democrático. Na História e na história da democracia há um longo processo de aprendizagem no que diz respeito à questão da tolerância como uma política pragmática. Para o processo social de convivências plurais, a política da não discriminação é a base do tratamento igualitário.

A institucionalização do discurso religioso cristão representou (e ainda representa) uma ameaça ao pluralismo democrático e à diversidade social, uma vez que as políticas públicas passaram a ser influenciadas por uma visão moralista que nega a pluralidade de crenças e identidades. O impacto disso pode ser observado na dificuldade de avanço em questões de direitos humanos, especialmente no que diz respeito à igualdade de gênero, direitos reprodutivos e proteção de minorias, com o Discurso Religioso cristão sendo utilizado como barreira para a implementação de políticas inclusivas.

No Brasil lidamos com a significativa ascensão do movimento evangélico dentro do governo, mesmo que de modo indireto, a sua influência é cada vez maior. A partir da base de dados divulgada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o jornal GLOBO¹ destacou o recorde de líderes religiosos disputando cargos políticos no ano de 2022. De quase mil candidaturas que aliaram política e religião, 476 candidatos a representantes do Poder Legislativo e Executivo declararam-se como pastores e pastoras. A atual Frente Parlamentar Evangélica, a famosa “Bancada Evangélica”, ocupa 228 cargos de Deputados Federais e Senadores no Congresso Nacional².

Os discursos intolerantes e as ações que os acompanham não surgiram com a candidatura do ex-presidente Jair Bolsonaro, mas são parte estruturante da história social e política do Brasil. Eles sustentam a lógica hierárquica que define as relações de poder e a organização social ao longo do tempo, onde determinados grupos e identidades foram historicamente marginalizados. O que observamos, a partir da candidatura de Bolsonaro, foi um processo de aceitação e normalização desses discursos, que passaram a ser legitimados publicamente. O processo de legitimação social da intolerância por razão religiosa ganhou força nas mídias televisivas e nas redes sociais, onde líderes religiosos e políticos passaram a utilizar plataformas digitais para disseminar discursos que, antes, poderiam ser considerados polêmicos ou socialmente inaceitáveis. A intolerância, que sempre esteve presente na sociedade brasileira, começou a ser tratada como legítima e necessária para a defesa dos valores cristãos e da “família tradicional”, com isso, discursos LGBTQIAPN+fóbicos passaram a ser veiculados de forma mais aberta

¹ PASTOR, irmão e bispo: número de candidatos que se apresentam com identidade religiosa bate recorde. O Globo, Rio de Janeiro, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/08/pastor-irmao-e-bispo-numero-de-candidatos-qu-e-se-apresentam-com-identidade-religiosa-bate-recorde.ghml> Acesso em: 17 jun. 2024

² PODER360. Saiba quem comanda e quem integra a bancada evangélica no Congresso. Poder360, Brasília, 16 fev. 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poder-congresso/congresso/saiba-quem-comanda-e-quem-integra-a-bancada-evangelica-no-congresso/> Acesso em: 17 jun. 2024

As figuras públicas que promovem esses discursos, especialmente vinculadas ao movimento neopentecostal, apresentam a intolerância como uma forma de defesa moral, legitimada por sua interpretação das escrituras religiosas e por uma visão conservadora da sociedade. Assim, o discurso intolerante foi inserido na esfera pública como parte de uma narrativa de “salvaguarda” dos valores cristãos, tornando-se, em muitos casos, parte integrante do debate político.

A partir do ano de 2019, o Supremo Tribunal Federal passou a enquadrar condutas homofóbicas e transfóbicas como um tipo penal de acordo com a Lei do Racismo (Lei 7.716/1989)³, violências verbais ou físicas à comunidade LGBTQIAPN+ passou a ser compreendidas como injúrias raciais. No entanto, o STF destacou como ressalva a essa discussão que o decreto não pode restringir a liberdade religiosa. Assim, as instituições religiosas têm o direito de pregar aquilo que acreditam de acordo com o seu Discurso Teológico. Com o avanço de uma representação política cada vez mais conservadora, o crescente número de parlamentares evangélicos têm influenciado significativamente na agenda legislativa brasileira. Há um déficit no avanço das políticas públicas para os direitos da comunidade LGBTQIAPN+, diferentes Projetos de Leis relativos à sua segurança de vida e saúde estão sendo arquivados por falta de aprovação⁴.

A preocupação à intolerância contra a comunidade LGBTQIAPN+ ganhou centralidade em nossa pesquisa, pois compreendemos que o envolvimento da religião dentro do Estado é um entrave para os avanços das discussões políticas sobre direitos sexuais, reprodutivos, de gênero e religião. Mesmo que os discursos religiosos reproduzam LGBTQIAPN+fobia e invistam na manutenção da intolerância a essa comunidade, no Brasil eles não são enquadrados como discursos de ódio e formas de intolerância, pois defende-se que os seus autores estão apenas exercendo o seu direito de pregar a fé.

De acordo com o censo realizado pelo Instituto Ipsos sobre a presença e as identidades religiosas no mundo no ano de 2023⁵, *Global Religion 2023*, o Brasil é um país cuja maioria da população identifica-se como cristã, a doutrina religiosa está na cultura e faz parte da

³ SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Ministro Alexandre de Moraes defende fortalecimento das instituições de Justiça para preservação da democracia. Portal STF, Brasília, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010&ori=1> Acesso em: 17 jun. 2024

⁴ MAIA, Marina. Projetos sobre direitos LGBT+ caducam sem análise no Congresso. JOTA, 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.jota.info/legislativo/projetos-sobre-direitos-lgbt-caducam-sem-analise-no-congresso-28062021?non-beta=1> Acesso em: 17 jun. 2024

⁵ MARIANO, Soraya. Como os evangélicos se tornaram decisivos na eleição presidencial. BBC News Brasil, 3 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c29r21r69j8o#:~:text=Mariano%20ressalta%20que%20o%20Brasil,co%20promisso%20com%20nenhuma%20religi%C3%A3o%20espec%C3%ADfica>. Acesso em: 02 jun. 2024

política brasileira. A religiosidade assume papel central na identidade do povo brasileiro. Em entrevista, o sociólogo Ricardo Mariano⁶ afirma que, embora grupos religiosos movimentem-se contra a comunidade LGBTQIAPN+ e a busque barrar o avanço de seus direitos e haja, também, um histórico de opressão contra esse grupo, eles não levantam-se como uma identidade antirreligiosa.

Ao colocarmos-nos como analistas do discurso, não podemos pensar a comunicação sem as suas relações socioculturais e as hierarquias de poder envolvidas, pois ela é atravessada pelo seu contexto político cultural. Os discursos são afetados e afetam a dinâmica entre os atores que disputam os efeitos de sentido de acordo com o jogo de poder social. Após ressaltarmos um dos aspectos culturais brasileiros sobre a relação entre a religião e a política dos últimos anos, destacamos como é emergente o estudo da intolerância discursiva e o seu modo de manifestação nos Discursos Religiosos Cristãos.

Desenvolvemos a presente dissertação tendo como norte teórico e metodológico a Análise do Discurso. Para analisarmos discursivamente o *corpus* selecionado como material de estudo, realizamos uma pesquisa qualitativa bibliográfica (Severino, 2013) de base interpretativista (Bortoni-Ricardo, 2008) com base, principalmente, nos seguintes teóricos: Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2012 e 2016a), Nascimento (2009, 2020 e 2022), Foucault (2008a) e Barros (2008 e 2016). A materialidade linguística selecionada como *corpus* é o culto religioso “Deus odeia o orgulho”, ministrado pelo pastor-presidente da Igreja Batista da Lagoinha (doravante, IBL) e, também, o responsável principal pelo pastorado do ministério Lagoinha Orlando Church, na cidade de Orlando, Flórida, André Valadão. O sermão em questão aconteceu no dia 04 de junho do ano de 2023 e foi disponibilizado de modo *online* e público no canal do ministério, @LagoinhaUSA, no *YouTube*.

A pesquisa teve como objetivo principal analisar a construção discursiva da pregação religiosa do pastor André Valadão, com foco na compreensão de como os sentidos são construídos contra a comunidade LGBTQIAPN+. A partir de uma abordagem da Análise do Discurso, buscamos investigar de que maneira o discurso religioso, especialmente em suas manifestações neopentecostais, constrói e legitima narrativas de exclusão e intolerância. O discurso de Valadão, especificamente em sua pregação “Deus odeia o orgulho”, serve como um exemplo emblemático de como a retórica religiosa é utilizada para condenar a diversidade sexual e de gênero, associando o orgulho LGBTQIAPN+ a comportamentos moralmente condenáveis segundo a doutrina cristã. Com o desenvolvimento deste estudo evidenciamos que o discurso de Valadão não se limita à condenação religiosa, mas incentiva a intolerância

⁶ *ibidem*

ativa entre seus seguidores, apresentando a rejeição da comunidade LGBTQIAPN+ como uma responsabilidade moral e religiosa de todo cristão.

Para comprirmos a nossa motivação, o desenvolvimento da dissertação está organizado da seguinte maneira:

No **primeiro capítulo** “Igreja Batista da Lagoinha – História e historicidade”, apresentamos a instituição religiosa na qual o nosso material de análise está inscrito, assim, destacamos o processo histórico de sua formação, qual doutrina religiosa a IBL está filiada e o que sustenta o seu discurso.

Para analisarmos a produção discursiva de André Valadão organizada em forma de um culto religioso, no **segundo capítulo**, “A constituição do Discurso Teológico e a Institucionalização do Discurso Religioso”, discutimos sobre as relações discursivas entre o objeto Discurso Teológico, o texto-fonte, e o objeto Discurso-Religioso, a produção enunciativa do sermão religioso. Compreendemos que ambos os objetos discursivos estabelecem processos de funcionamento e recepção diferentes em sua comunidade discursiva.

Concentramo-nos no **terceiro capítulo** desta dissertação, “Em relação aos aspectos teóricos e a análise do discurso”, sobre a exposição dos conceitos teóricos mobilizados para a análise discursiva do *corpus* e a própria análise. No **quarto capítulo**, “O discurso intolerante e o *ethos* discursivo intolerante na ministração “Deus odeia o orgulho” analisamos a como o enunciador constrói sentidos que legitimam a rejeição à comunidade LGBTQIAPN+ e à prática da homossexualidade, utilizando uma estrutura discursiva que se ancora no *ethos* religioso e em figuras imagéticas retiradas da tradição cristã.

Por fim, em nossas **Considerações Finais** destacamos a importância dos conhecimentos teóricos da Análise do Discurso para que nos fosse possível refletir sobre a dinâmica da intolerância no Discurso Religioso “Deus odeia o orgulho”. A enunciação de André Valadão é um incentivo à manutenção da intolerância religiosa à comunidade LGBTQIAPN+, a argumentação discursiva do pastor é investida, através de projeções de polêmicas e que são problematizadas fiando-se no Discurso Teológico, contra a liberdade de existência de um grupo marginalizado socialmente.

CAPÍTULO I – IGREJA BATISTA DA LAGOINHA – HISTÓRIA, HISTORICIDADE E DOCTRINA

Para analisarmos a pregação religiosa “Deus odeia o orgulho” de André Valadão à luz da Análise do Discurso de linha francesa, como propomos para o desenvolvimento da pesquisa, é necessário compreendermos condições de produção discursiva teológica que sustentam a prática religiosa de Valadão. Assim, apresentamos a contextualização teológica da Igreja Batista da Lagoinha (doravante, IBL), a qual a Lagoinha Orlando Church, onde Valadão proferiu o seu discurso, está filiada como um ministério.

De acordo com Oro (2012), *a religião é um produto social*. Mesmo que os diferentes movimentos religiosos partem do mesmo texto-fonte bíblico, como é o caso das religiões protestantes, a sua interpretação e ênfase dos versículos passa por diferentes processos de interação e contextos linguísticos de acordo com os desdobramentos do movimento religioso.

Para Hervieu-Léger (1993, p. 36 *apud* Brandão, 2016, p. 67), a religião ganha novas formas com a Modernidade e os seus processos de secularização, apesar de perder o seu gerenciamento do todo social, ela se recompõe, “numa dinâmica que, ao mesmo tempo que se esgota, se dilui, renasce, ressurgue e se difunde” (Brandão, 2016, p. 67). De acordo com esse panorama, compreendemos o “Movimento Pentecostal” como uma atividade de interação social em perspectiva religiosa pós-tradicional que é resultado tanto do individualismo da secularização quanto do pluralismo religioso.

[o] espantoso crescimento que o protestantismo nacional tem experimentado em décadas recentes reflete principalmente o que ocorre nas igrejas pentecostais. Por causa dos seus pressupostos explícitos ou implícitos, esse movimento tem uma notável capacidade de reinventar-se a cada geração, assumindo formas novas e inusitadas. Isso já ocorreu no passado e ocorre novamente agora com o neopentecostalismo, um fenômeno nitidamente brasileiro. (Matos, 2006, p. 24).

Desse modo, compreendemos que a interpretação da Bíblia realizada dentro da IBL é própria e resulta de sua história, constituição social e processo de circulação dos efeitos de sentido impostos por suas autoridades religiosas internas.

1.1. Igreja Batista da Lagoinha: contextualização histórica

Dentro do campo religioso evangélico (principalmente o Movimento do Protestantismo, Pentecostalismo e o Neopentecostalismo), a Igreja Batista da Lagoinha é uma referência de crescimento e de atuação do Movimento Cristão. Como destaca Moreira (2016), no censo realizado pela própria instituição Igreja Batista da Lagoinha no ano de 2016, ela

contava com aproximadamente 67.128 fiéis. Ainda de acordo com Moreira (2016), o crescimento da IBL ocorreu, principalmente, a partir da década de 1990, com o sucesso do Ministério de Louvor Diante do Trono⁷, que desde o seu primeiro CD, em 1998, tornou-se um nome de peso no mercado fonográfico, principalmente no da música gospel, fato que divulgou a igreja.

Schmidt (2021) destaca que todos os dados sobre a IBL e sua origem são produzidos apenas pela própria instituição, não há outra fonte de informação, além do que é originado a partir da própria instituição:

[t]odos os arquivos e textos que relatam a história da Igreja Batista da Lagoinha são informais. Basicamente, concentrados em páginas da internet e com um grande caráter denominacional, fruto de entrevistas com o atual pastor presidente, Márcio Valadão. A própria página da *web* da instituição carece de informações históricas e teológicas. Assim, não há segurança nas informações porque são pessoas da própria instituição contando a sua história. (Schmidt, 2021, p. 11).

A Igreja Batista da Lagoinha surgiu em 20 de dezembro de 1957. A instituição é fruto do rompimento de seus primeiros membros com outras Igrejas Batistas de Belo Horizonte, como: Primeira Igreja Batista de Belo Horizonte, Igreja Batista do Barro Preto e a Igreja Batista da Floresta. Barros (2010) destaca que, a princípio, a razão para esses rompimentos aconteceu por motivos teológicos, aqueles membros que se retiraram discordavam dos demais em relação à crença de que o “Espírito Santo se manifestava na vida cotidiana das pessoas ainda nos dias de hoje e não apenas no passado bíblico” (Barros, 2010, p. 41).

O primeiro pastor da Igreja Batista da Lagoinha foi José Rego, que já era pastor da Igreja de Vitória da Conquista, na Bahia. Além de sair de uma igreja bem conceituada na ocasião, como destaca Márcio Valadão em entrevista⁸, Rego era comparado ao Pelé, graças ao seu talento. No entanto, a presença do pastor José Rego também foi motivo para a primeira tensão dentro da igreja que acabara de nascer, pois, como Valadão afirma, “ele pregava de modo diferente, pregava com unção, com muita graça. As pessoas choravam, havia arrependimento e clamor, porém, aos olhos de algumas pessoas, isso não ‘soava bem’ para uma estrutura batista”.

⁷ Um ponto interessante a destacarmos nesta questão é que os cantores e cantoras deste e de outros ministérios não se denominam “cantores” ou “artistas”, mas levitas e/ou adoradores, uma vez que “[p]ara eles, não seria de bom tom falar em apresentação ou espetáculo, mas em ministrações e cultos” (MOREIRA, 2016, p. 14). Na Bíblia, há muitas funções para os levitas, a principal delas seria a de zelarem das coisas do Senhor e guardiões do culto a Deus, assim, a propagação da IBL já ocorre marcadamente com essa simbologia que permeia discursivamente, de certo modo, a maneira como se instituem, se apresentam e se entendem na sociedade.

⁸ Entrevista de 2001 em que o pastor Márcio Valadão conta a história da IBL para a equipe do site lagoinha.com. Disponível em: <https://mayrone.comunidades.net/a-historia-da-lagoinha>. Acesso em: 13 de mai. 2023

Apesar de ser batista, os cultos de José Rego tinham características pentecostais, “ele era batista, com convicções batistas, só que ele havia experimentado antes de vir para Belo Horizonte, o batismo com o Espírito Santo, havia recebido também a capacitação espiritual e o dom de falar em línguas” (Valadão, 2001, s/p)⁹. A tensão entre ser uma Igreja Batista e ter cultos com características pentecostais foi algo que marcou a história da IBL. Inclusive, no ano de 1964, ela foi excluída da Convenção Batista Brasileira que ocorreu em Niterói, Rio de Janeiro. Na história da origem desta instituição, essa tensão é bem marcada no decorrer dos anos de 1966 e 1967 (Valadão, 2001, s/p).

Durante o período da década de 1960 e 1970, a IBL teve dois pastores responsáveis pelo seu pastoreio, Airton e o Pastor Rego, no entanto, ambos não conversavam entre si, pois um dava ênfase a uma postura assembleiana, enquanto o outro promovia um tom mais espiritual e com liberdade. Deste período, conforme Márcio Valadão relata em sua entrevista (vide **Anexo L**), a IBL passou por crises em relação aos seus líderes religiosos desde a saída de Rego e Airton. No ano de 1968, em razão de suas desavenças, os dois líderes deixaram a congregação, durante esse período a IBL ficou sem pastoreio.

Entre as idas e vindas de pastores, Márcio Valadão é convidado a tomar posse do pastorado da Igreja Batista da Lagoinha no dia 30 de julho do ano de 1972, aos 23 anos. Quanto a essa experiência, ele destaca:

era solteiro, e uma série de coisas que não eram bem aceitas pela prática dos batistas. Na época, a igreja da Lagoinha era uma igreja grande com cerca de 300 pessoas. Quando comecei a pastoreá-la, ela de encontrava dividida. Porque existia o grupo do pastor Rego, o grupo a favor do pastor Airton... Mas em tudo eu reconheço o cuidado de Deus para com a minha vida. Ele me preservou! (Valadão, 2001, s/p.).

Para Barros (2010), com Márcio Valadão à frente da IBL, a instituição passa por uma reorganização. Em 1987, o pastor colocou em prática o seu plano para o crescimento da Igreja Batista da Lagoinha. Em um primeiro momento houve o processo de emancipação das igrejas que foram abertas durante o ano de 1972 a 1987, para que elas fizessem parte desta nova fase todas precisaram fazer um pedido de cadastramento à instituição. De acordo com Valadão (2001, s/p),

[n]essa época, ficaram cerca de 1.200 pessoas na igreja. Antes da emancipação, contávamos com aproximadamente 5 mil membros. E, durante este tempo, recomeçamos baseados em uma visão: investir nos membros. Para isso, precisávamos de uma casa pastoral e pastores em tempo integral.

⁹ Conforme pode ser visto em entrevista concedida a equipe do lagoinha.com no ano de 2001. Disponível em: <https://mayrone.comunidades.net/a-historia-da-lagoinha>. Acesso em: 13 de mai. 2023

O nosso desejo era investir nos membros para que através deles mais vidas se rendessem aos pés de Jesus.

Barros (2010, p. 43) descreve as mudanças sofridas pela IBL, o que foi incrementado em sua reorganização:

[c]ada departamento da igreja passou a ter um pastor na direção, sua infraestrutura também ganhou novidades, com a construção de um prédio para a educação religiosa ao lado do templo central. Novos departamentos foram criados e também um veículo de comunicação, o jornal “Atos Hoje”, periódico até hoje publicado pela IBL e que conta, inclusive, com uma versão digital que pode ser baixada no site da igreja. A igreja ganhou uma escola de ensino fundamental que, além do ensino regular, ainda tinha como objetivo a formação cristã.

Para Pereira (2011) a origem da fundação da IBL como resultado da insatisfação de um grupo de fiéis com outras igrejas em Belo Horizonte, Minas Gerais, marca até os dias atuais a identidade da instituição religiosa. Assim, de acordo com o autor:

[p]or um lado, o desenho identitário da IBL traz os sinais de uma “insatisfação” que gera novas alternativas e possibilidades religiosas e, por outro, as marcas e a natureza de uma religião que se desenha e se atualiza permanentemente. [...] Este conceito [de desenho], por trazer a ideia de “traçado”, “pintura” e/ou “esboço”, é bastante adequado para referir-se à identidade IBL, como algo que é inacabado e construído continuamente e em sintonia com os processos mais amplos do campo religioso. (Pereira, 2011, p. 134).

Pautar-se em interesses pessoais é uma parte significativa das práticas religiosas da instituição e, também, de sua trajetória histórica. Isso, segundo Pereira (2011), explica todas as transformações internas que ocorreram, e ainda ocorrem, na IBL.

1. 2. A nova face da IBL – Lagoinha Global

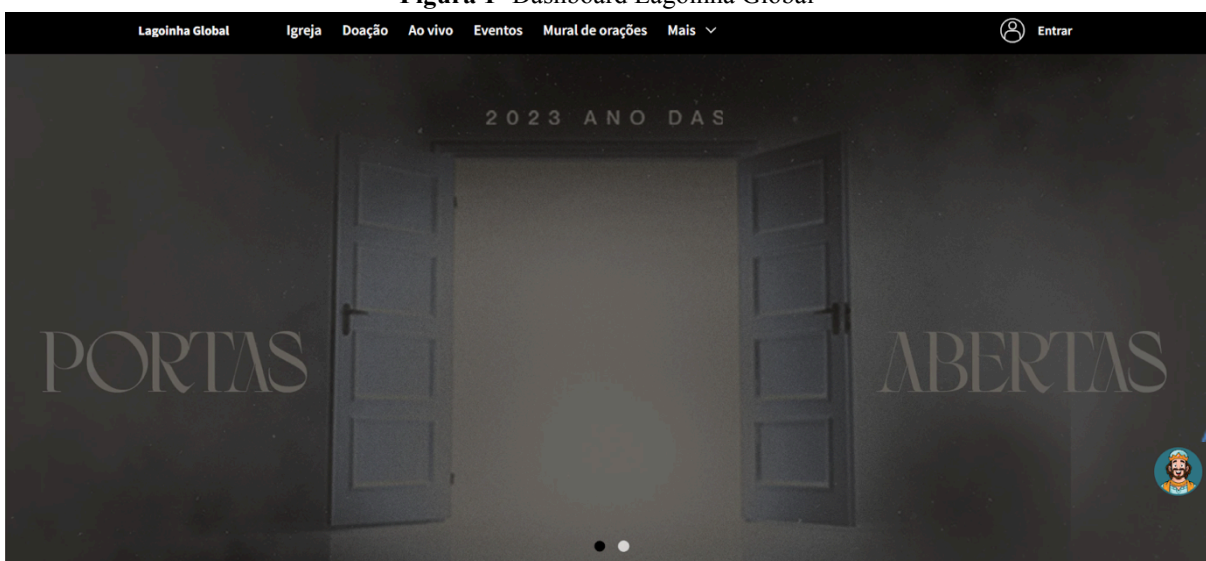
O atual *site* da Igreja Batista da Lagoinha não leva mais o seu nome, agora ela passa a ser chamada apenas de Lagoinha Global, e é hospedado pelo sistema de gestão de manutenção norte-americano *InPeace*, um *software* de manutenção para as igrejas.

Na Figura 1, podemos ver que o *layout* do *site* da Lagoinha Global é simples, mas moderno. Há seis seções disponíveis para o visitante navegar na plataforma: Igreja, Doação, Ao vivo, Mural das orações, Eventos e Mais, nesta última está disponível informações sobre os ministérios da IBL, um espaço devocional e para estudos bíblicos. Todas as informações do *site* estão disponíveis apenas em português. Caso o visitante permita que a página acesse a sua

localização, há disponível uma lista com todas as igrejas próximas de acordo com a sua localização. Ao todo, são listados 396 ministérios no Brasil.

O bom uso das tecnologias de informação é uma das características do movimento religioso ao qual a IBL relaciona-se atualmente, o neopentecostalismo. A instituição religiosa em questão utiliza-se de ferramentas da informação como estratégia de legitimação e reivindicação de uma voz na esfera pública, o que reforça o poder de autoridade do discurso religioso que daí emana. Como exemplo do domínio das mídias sociais, no canto inferior direito, temos acesso a uma Inteligência Artificial (IA) para o visitante da página conversar.

Figura 1- Dashboard Lagoinha Global



Fonte: site Lagoinha Global. Acesso em: 03 jun.. 2023

Na Figura 2, exploramos a interface da IA (indicada pela flecha na Figura 1) da Lagoinha Global, que se apresenta como Salomão. Como podemos observar abaixo, além de um nome também a IA tem um rosto, é um homem branco, com cabelos escuros que espera o visitante com um sorriso aberto, pronto para o diálogo. Aquele que acessa o *site* é, então, apresentado de forma breve a quem é Salomão, um homem jovem, mas que é muito sábio graças à sabedoria que Deus lhe concedeu para governar o seu povo.

Figura 2 – Salomão, a inteligência artificial



Fonte: *site Lagoinha Global*. Acesso em: 03 jun. 2023

Desse modo, vemos no *site Lagoinha Global* um aspecto da mercantilização religiosa, uma característica particularizada do Movimento Neopentecostal. Relacionamos a *IA Salomão* como um modo da IBL, sob a nova face Lagoinha Global, atualizar-se nas redes sociais, uma vez que estamos em um momento em que as inteligências artificiais marcam a nova era da informação.

Na publicidade brasileira, os influenciadores virtuais, personagens criados por computação gráfica, e que são inteligência artificial, tornam-se cada vez mais comuns. Diferentes marcas, para manterem-se no mercado e conquistarem o público, criam-nas para que as representem em redes sociais e em propagandas. Inclusive, esses influenciadores virtuais têm personalidades e perfis em redes sociais, há constante diálogo entre eles e os seus seguidores. O uso dessa ferramenta personificada vai além de uma simples estratégia de *marketing* utilizada para referenciar as marcas por meio de uma identidade visual própria.

Como destaca Perez (2011, p. 58), a publicidade contemporânea caracteriza-se por não ser mais apenas informativa, mas por também estabelecer com o seu consumidor uma relação

capaz de gerar afeto, ou seja, já notamos um processo de interação que estabelece uma relação de consumo entre os co-enunciadores. Ao compreender o uso das “mascotes digitais” como estratégia de vínculo com o cliente, Trigo (2021, p. 15) assinala que

as mascotes digitais são ferramentas poderosas de personificação e humanização da marca, dada a forte adesão de grandes empresas a essa estratégia, e de que as novas tecnologias, como a inteligência artificial possuem um papel chave para a atuação e o sucesso das mascotes contemporâneas.

Uma vez que analisamos a Lagoinha Global como uma marca, um empreendimento que se desdobra a partir da Igreja Batista da Lagoinha, utilizamos as leituras de Perez (2011) e Trigo (2021) como suporte teórico para tratar Salomão como “uma mascote” da nova fase da IBL. A Lagoinha Global, como uma marca, tem forte presença nas mídias de comunicação, ela é uma das maiores representantes de instituições religiosas do Movimento Neoentecostal. Esta instituição religiosa faz uso das redes sociais não só para compartilhar informações acerca da instituição física (local de culto, hora, compartilhar o que aconteceu na igreja, por exemplo), mas também como uma continuação do templo.

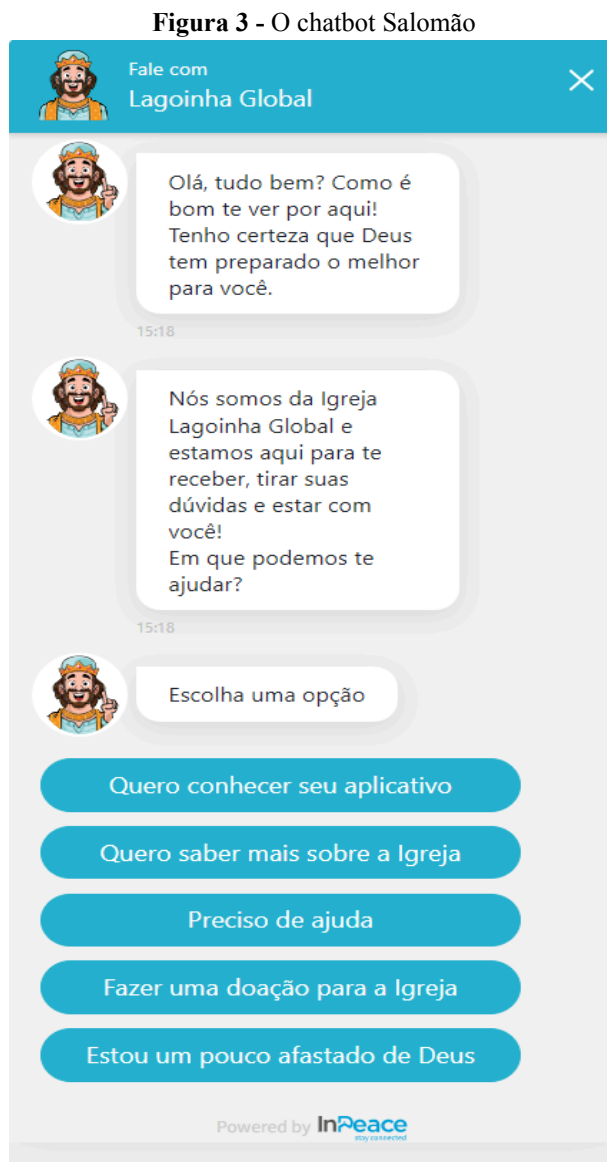
Compreendemos que nessa *persona* há a “venda” de uma imagem cristã-evangélica cheia de conhecimentos. Desse modo, temos na figura de Salomão a tentativa de a Lagoinha Global estabelecer vínculo com os co-enunciadores, contudo, esse vínculo simboliza o poder divino na terra. Na lógica do *marketing* digital, interessa-nos observar qual imagem a Lagoinha Global utiliza como mascote digital para interagir com o seu visitante. Salomão é uma personagem bíblica, ele é o rei do Egito, e é conhecido pelo seu conhecimento, como descrito no livro I Reis, capítulo 4, versículo 29-30:

²⁹ E ^adeu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar.

³⁰ E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios.

Na representação semiótica de uma personagem bíblica, não se trata apenas de uma interação afetiva, mas uma relação hierarquizada de poder para manutenção da cena de enunciação, em que essa “mascote digital” funciona como *ethos* fiador dessa relação de poder entre a igreja e seus fiéis. A mascote digital da Lagoinha Global, figura responsável por estabelecer o diálogo entre a instituição religiosa e o seu visitante, é conhecida como o rei mais sábio, de acordo com a tradição bíblica. Ao apertarmos em “iniciar a conversa”, entre as cinco opções que aparecem para estabelecermos o diálogo, três delas voltam-se para apresentar a igreja, o aplicativo ou aproximar o visitante de “Deus” novamente.

A mascote não somente mantém a relação de poder, ela representa o saber, como faz a conexão direta com “imagem de Deus” personificada pela igreja e representada por sua mascote digital como pode ser observado na Figura 3:



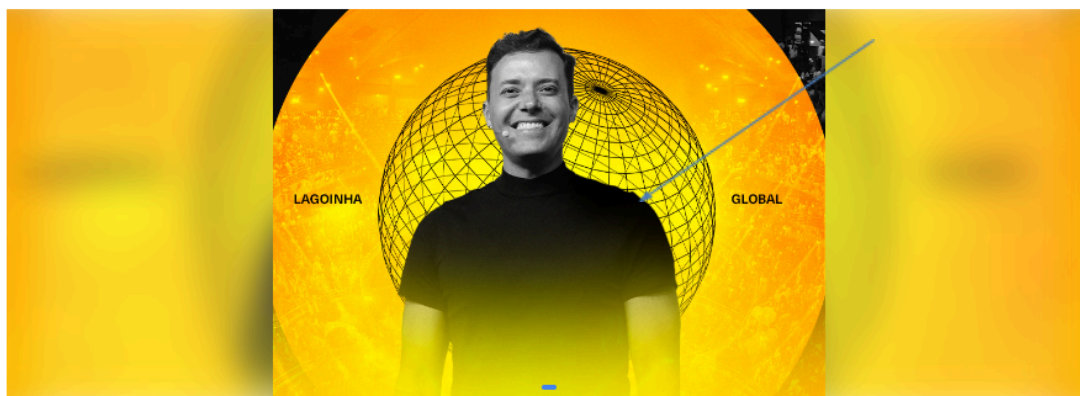
Fonte: site Lagoinha Global. Acesso em: 03 jun. 2023

A partir dessa apresentação, compreendemos que a Igreja Batista da Lagoinha tenta se adaptar à sociedade moderna. Ela acompanha as tendências de mercado e das redes sociais, atualizando sua imagem institucional para conseguir mais seguidores com o, aparente, objetivo de evangelizar ou de levar o co-enunciador mais próximo de Deus (da Igreja). A estratégia de atuação e comunicação posta em prática aproxima do discurso capitalista empresarial, ainda que o discurso seja aparentemente religioso.

Essa nova fase que destacamos é encabeçada pelo atual pastor-presidente André-Valadão, filho de Márcio Valadão, de tal modo que na seção *about* do site, onde

apresenta-se brevemente a história da Igreja Batista da Lagoinha, temos a foto do pastor como capa da chamada.

**Figura 4 – About da Lagoinha Global
Igreja**



História

"Então, Jesus aproximou-se deles e disse: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mateus 28.18-20).

Esse é o chamado que a Lagoinha Global tem se dedicado a cumprir. É impossível explicar essa dimensão de forma humana. É um milagre. Multiplicado, constantemente abençoado, diariamente sustentado. Com 66 anos de história, a Lagoinha, hoje, tem centenas de igrejas plantadas em todos os continentes do mundo.

A Lagoinha Global é a convenção da Igreja Batista da Lagoinha e surgiu com a finalidade de facilitar os processos de implantação de igrejas e dar visibilidade às suas ações evangelísticas ao redor do globo. Dessa forma, todas

Fonte: *site Lagoinha Global*. Acesso em: 03 jun. 2023

Apesar dessa aba apresentar-se como “História”, na seção não nos é apresentada a história sobre a origem da Igreja Batista da Lagoinha, apenas o funcionamento e o objetivo da convenção Lagoinha Global, há um desvio da situação comunicativa. De acordo com o *site*, a transformação da IBL em Lagoinha Global justifica-se com o intuito de melhor responder e atender ao chamado de Jesus, que está no livro Mateus, capítulo 28, versículo 18-20:

¹⁸ E chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o ^apoder no céu e na terra.

¹⁹ Portanto, ide, ^aensinai todas as nações, ^b batizando-as em nome do ^c Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

²⁰ ^aEnsinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho ^b mandado; e eis que ^c eu estou convosco todos os dias, até a ^dconsumação dos séculos. Amém

Como lemos a seguir na seção *about* do *site Lagoinha Global*:

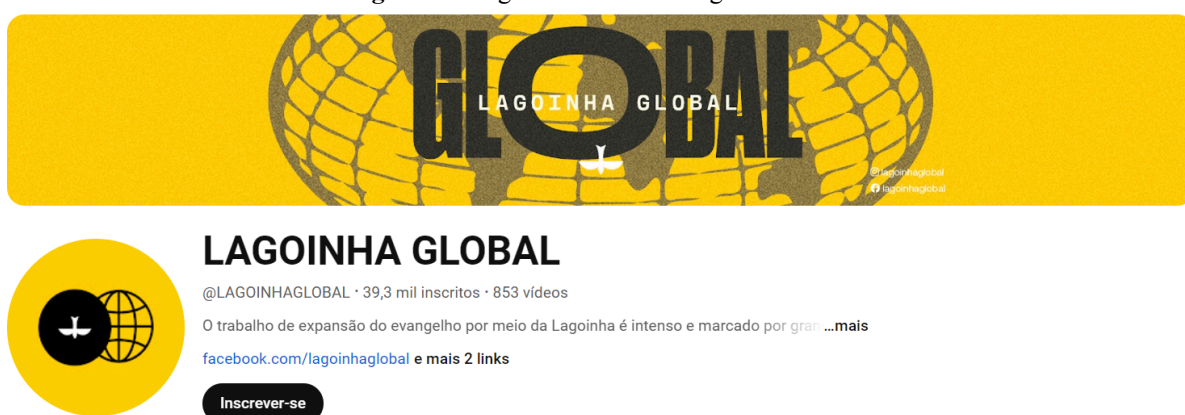
Esse é o chamado que a Lagoinha Global tem se dedicado a cumprir. É impossível explicar essa dimensão de forma humana. É um milagre. Multiplicado, constantemente abençoado, diariamente sustentado. Com 66 anos de história, a Lagoinha, hoje, tem centenas de igrejas plantadas em todos os continentes do mundo.

Ainda na seção *about*, encontramos uma afirmação de que a Lagoinha Global não anuncia números, pois a sua instituição *reflete o poder sobrenatural de Deus, é incalculável*. Compreendemos que esta é mais uma estratégia de vínculo em que o co-enunciador pode se sentir agraciado por esse poder e acolhido por uma instituição que não é somente “a imagem e semelhança de Deus”, mas é a “imagem do poder de Deus”.

Quanto à atuação religiosa da igreja, no *site*, destaca-se que “Do Brasil até os confins de toda a terra. Onde estiver uma de nossas placas, estará, principalmente, a mais preciosa posse de Deus: a sua Igreja”. Esse jogo discursivo possibilita compreendermos que esta é mais uma associação discursiva da imagem da Lagoinha Global, gerando como efeito de sentido que ela não é uma mera instituição, mas *A* instituição que leva o poder de Deus para todo o mundo, a terra divina, quase como associação direta à “terra prometida”.

A IBL e todos os seus ministérios derivados marcam presença em todas as redes sociais. Os ministérios se apresentam em perfis no *Instagram*, são ativos no *TikTok*, além de manterem as páginas no *Facebook* atualizadas e possuírem diversos canais no *YouTube*. Inclusive, há um apenas para a nova fase da igreja.

Figura 5 – Página do *YouTube* Lagoinha Global



Fonte – Canal no *YouTube* Lagoinha Global. Acesso em: 20 set., 2024

Como visto na Figura 5, o canal Lagoinha Global tem mais de 800 vídeos organizados em seções, sendo as principais: Giro Global, um telejornal sobre as Lagoinhas de todo o mundo; Lagoinha Gerações; Lagoinha Global Responde; Devocionais e Testemunhos. Além do *link* para outras redes sociais da Lagoinha Global, há em anexo a sua descrição:

O trabalho de expansão do evangelho por meio da Lagoinha é intenso e marcado por grandes testemunhos. Já são centenas de igrejas plantadas no Brasil e no mundo! Dia após dia, pessoas de diversas partes da Terra vão conhecendo Jesus e abrindo seus corações para viverem novos começos.

É por meio da Lagoinha Global que as ações evangelísticas, ministeriais e sociais dessas igrejas são divulgadas. A convenção reúne todas as Lagoinhas debaixo de uma mesma missão e identidade e dá visibilidade às suas atividades. Neste canal você tem diversos conteúdos para acompanhar o que Deus está fazendo nas nossas igrejas e também ser edificado com pregações, devocionais e programas que trarão uma palavra para o seu coração e ferramentas para seu dia a dia.

Se inscreva para não perder nenhum conteúdo e compartilhe com os seus amigos!

1. 3. A Lagoinha de André Valadão – o ministério Lagoinha USA

Entre os diversos canais no *YouTube* dos ministérios da IBL, o nosso objeto de análise é vinculado a *Lagoinha Orlando Church*. Esta igreja é liderada por André Valadão, que a partir do dia 11 de dezembro de 2022 também passou a ser o pastor-presidente da própria Igreja Batista Lagoinha após a saída de seu pai do cargo, Márcio Valadão.

A Lagoinha USA, canal na rede social *YouTube* do ministério de Valadão, possui aproximadamente 781 mil inscritos e já acumula mais de 2 mil vídeos que, assim como o canal Lagoinha Global, também são organizados em seções, chamadas na rede social por *playlists*. É interessante destacarmos que, apesar de ser um ministério da IBL, o canal da Lagoinha USA apresenta uma identidade visual própria, como podemos ver na Figura 6. Este canal não se parece com uma extensão do outro.

Figura 6 – Página inicial do canal Lagoinha USA no *YouTube*

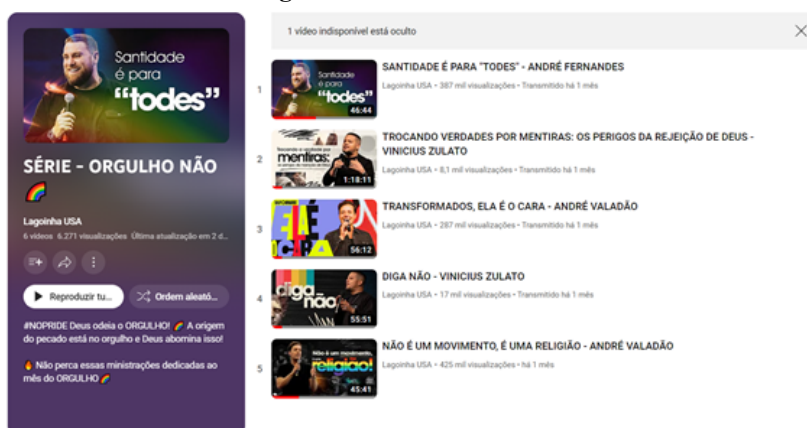


Fonte – Canal no *YouTube* Lagoinha USA. 20 set.. 2024

Durante o mês de junho de 2023, o ministério *Lagoinha Orlando Church* organizou uma série de cultos religiosos para discutir o mês do orgulho LGBTQIAPN+. Ao todo, foram produzidas seis pregações sobre a temática, as suas gravações eram disponibilizadas publicamente ao fim de cada culto no canal do *YouTube* e organizadas em uma *playlist* de vídeos com o título “SÉRIE - ORGULHO NÃO 🌈”.

Na Figura 7, podemos ver a *playlist* do canal @LagoinhaUSA e os vídeos organizados por ordem de publicação, com os seus títulos discriminados e o nome de cada pastor responsável pelo momento de pregação. O culto “Deus odeia o orgulho”, com duração de 49 minutos e 59 segundos, nosso objeto de análise, fazia parte desta mesma série, mas não se encontra mais disponível, como foi determinado pela Justiça Federal, a partir de uma ação do Ministério Público Federal (MPF) no dia 10 de junho de 2023, a sua retirada.¹⁰

Figura 7 – ORGULHO NÃO



Fonte – Canal no *YouTube* Lagoinha USA. Acesso em: 03 set. 2023

Como podemos observar acima do primeiro vídeo, à esquerda, indicado pela flecha, “Santidade é para “todes””, culto ministrado pelo pastor André Fernandes, há a informação “1 vídeo indisponível está oculto”. O vídeo em questão havia sido o primeiro desta série e foi ministrado no dia 4 de junho de 2023, pelo pastor André Valadão.

Atualmente, a *playlist* disponível para acesso no canal do *YouTube* conta com os outros cinco cultos, sendo eles: “Santidade é para ‘todes’” (46 minutos), ministrado por André Fernandes, em 11 de junho; “Trocando verdades por mentiras: os perigos da rejeição de deus” (1 hora e 18 minutos) e “Diga não” (45 minutos), ministrados por Vinicius Zulato, nos dias 4 e 18 de junho, “Transformados, ela é o cara” (56 minutos) e “Não é um movimento, é uma religião” (45 minutos), ministrados por André Valadão, nos dias 18 e 28 de junho.

¹⁰ No dia 10 de junho de 2023, o Tribunal Regional Federal da 6ª Região (TRF-6) determinou a retirada do vídeo da plataforma *YouTube*, inclusive que conteúdos referentes ao culto “Deus odeia o orgulho” fossem retirados também de outras plataformas de redes sociais, como o *Google*, *Meta* e o *Instagram*. Após o aviso oficial, as pesquisadoras fizeram o *download* do material e guardaram todos os vídeos em acervo particular, inclusive o vídeo que está oculto no canal.

CAPÍTULO II – A CONSTITUÊNCIA DO DISCURSO TEOLÓGICO E A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO RELIGIOSO

Antes da enunciação, a língua é apenas uma possibilidade e a partir da enunciação ela passa a ser vista na instância do discurso, a sua origem está no locutor e dirige-se ao co-enunciador, suscitando uma enunciação de retorno/uma resposta (Benveniste, 1989). Em sua condição de intersubjetividade necessária a todo exercício da linguagem, a significância do aparato linguístico mobilizado pelo sujeito da enunciação é atualizada a cada ato enunciativo.

A intersubjetividade característica da enunciação refere-se ao ato discursivo e a possibilidade de existência deste é coordenada na e pela inserção do sujeito da enunciação. Os elementos da língua são analisados dentro do Quadro do discurso (Benveniste, 1995), assim, a enunciação é responsável pelos signos que ela promove à existência,

É preciso então distinguir as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de “indivíduos” que a enunciação cria e em relação ao “aqui-agora” do locutor. Por exemplo: o “eu”, o “aquele”, o “amanhã” da descrição gramatical não são senão os “nomes” metalingüísticos de *eu*, *aquele*, *amanhã* produzidos na enunciação. (Benveniste, 1989, p. 86).

Assim, as teorias linguísticas da enunciação trabalham a língua na instância do discurso e a sua referência é sempre atualizada em cada ato enunciativo, os seus efeitos de sentido referem-se ao tempo em que o enunciador fala, e este é *sui-referencial* (Benveniste, 1995, p. 289). O eu/aqui/agora são relativos às condições específicas do ato enunciativo e não apenas as categorias linguísticas empregadas. Tal perspectiva teórica não reduz o sujeito da enunciação ao sujeito empírico, ele é caracterizado com base em sua relação discursiva entre enunciador/co-enunciador, seja este real ou imaginário, coletivo ou individual.

É nessa importante delimitação de um território específico do discurso e da AD em particular que, de acordo com Maingueneau (2016a), é mais fácil trabalhar a Ciência a partir de um ponto de referência sobre o que ela é e o que, de fato, é o seu objeto de análise. Para o teórico, as primeiras definições da AD e do discurso eram úteis, mas muito simplistas, pois a disciplina ainda estava se estabelecendo como uma área de pesquisa que ia em uma direção diferente da desenvolvida até então na Ciência da Linguagem, cujo objeto de estudo era analisado apenas de modo linguístico ou semântico.

Pelo viés dos estudos discursivos, a análise não se concentra mais apenas na organização do texto, em seu aspecto gramatical e estrutural, mas também nas circunstâncias da situação enunciativa. Assim, as condições sócio-históricas e ideológicas do ato enunciativo passam a ser questionadas. Agora que a disciplina já apresenta alicerces mais firmes, é necessário construir definições precisas sobre a ciência e o seu objeto que não sejam resumidas às oposições de outras abordagens da Ciência da Linguagem.

A proposta de delimitar uma fronteira para a AD, além de promover maior respaldo científico à ciência que está sendo desenvolvida, também visa a prevenir que as estudiosas e os estudiosos do discursivo se equivoquem em suas análises e, com isso, cometam os riscos aos quais esta disciplina está exposta, sendo eles principalmente:

- [e]specular sobre subjetividade, ideologia, linguagem etc., sem estar ligada a fenômenos empíricos.
- [d]escrever um *corpus* sem nenhum ponto de vista organizado. Teoricamente, o território da análise do discurso é ilimitado: qualquer enunciado linguístico pode ser levado em conta, recortado em elementos, ou comentado: mas para que? Para a sintaxe ou a morfologia, o trabalho descritivo é muito útil, e mesmo indispensável, como uma base para a construção de modelos linguísticos, mas na análise do discurso as descrições podem facilmente se revelar inúteis, embora aparentem ser absolutamente exatas e sérias. Uma maneira de se proteger desse risco é encarar um problema metodológico, mostrar o mais rigorosamente possível, a relação entre a especificidade dos *corpus* e os fins da investigação.
- [h]ermenêutica descontrolada, segundo a qual qualquer fenômeno discursivo poderia ser analisado de acordo com uma interpretação preestabelecida. Esta censura é frequentemente dirigida à psicanálise, mas é válida também para qualquer prática hermenêutica. (Maingueneau, 2016a, p. 4).

A partir dessas inquietações sobre os possíveis riscos aos quais a Análise do Discurso (doravante, vez ou outra, AD) e o seu objeto de estudo, o discurso, está exposta em decorrência das definições estabelecidas no processo de sua consolidação como uma disciplina do campo da Ciência da Linguagem, Maingueneau (2016a) apresenta, progressivamente, a categoria *Discurso Constituinte*. Essa hipótese é caracterizada pelo teórico como uma proposta de análise alinhada às tendências francesas da AD (Maingueneau, 2015) acerca dos discursos que se pretendem legitimadores de outras produções discursivas e se colocam como discursos-limite da sociedade, entre eles, estaria o discurso religioso.

Para analisarmos a produção discursiva de André Valadão, organizada em forma de um culto religioso, é necessário compreendermos o que, de acordo com a Análise do Discurso, constitui-se como um Discurso Religioso. Com este objetivo, nas seguintes seções tratamos em um primeiro momento das relações discursivas entre o Discurso Teológico, o

texto-fonte para a produção enunciativa religiosa, e o Discurso Religioso, pois não podemos compreender o funcionamento de um sem levar em consideração o conjunto da hierarquia textual em que eles estão inseridos.

2. 1. Discurso Constituinte

A categoria *Discursos Constituintes* (doravante, DC) é uma hipótese de pesquisa em que Maingueneau (2008a, 2012, 2016a e 2016b) se propõe a estudar os discursos “institucionalizados” pelo viés macrossociológico, identificando as suas regularidades e padrões de linguagem. Na perspectiva da Análise do Discurso de *tendências francesas*, Maingueneau estrutura essa abordagem a partir de três premissas: discursos regulados, teorias da enunciação e o primado do interdiscurso, este último é compreendido pelo teórico como o “princípio central da análise do discurso” (Maingueneau, 2016a, p. 5). Em concordância ao pensamento de Maingueneau, compreendemos as *teorias linguísticas da enunciação* analisam o discurso nas estruturas linguísticas que constituem a situação enunciativa e como as condições de emprego da língua moldam a situação enunciativa, incorporando a dinâmica entre gêneros autorais e gêneros de rotina, com o interdiscurso como princípio central.

A primeira premissa dessa perspectiva de análise apresenta como objeto de estudo os discursos “regulados” que, como Maingueneau (2016a) compreende, são produções discursivas submetidas ao “forte controle do ponto de vista social e textual e que podem ser arquivados e comentado” (Maingueneau, 2016a, p. 5). Este eixo de análise que compartilhamos com o teórico compreende que o estudo dos discursos “regulados” nos permite estudar as várias formas de relação de poder. No entanto, destacamos que a preferência por esses discursos não diz respeito à valoração do discurso “autorizado” sobre o “efêmero”, uma vez que os discursos e os enunciados estão constantemente circulando entre a interação cotidiana e a interação institucionalizada, sejam eles orais ou escritos.

De modo geral, existem três modalidades de gêneros do discurso regulados, aqueles cuja circulação pode ser apreendida: *os gêneros autorais, os gêneros de rotina e os gêneros conversacionais* (Maingueneau, 2016a e 2016b). Os *Gêneros autorais* são, principalmente, os que pertencem a determinados gêneros do discurso, como o literário, filosófico e o religioso, por exemplo. As suas produções caracterizam-se por serem textos inseridos pelos seus autores “em uma classe de textos associados a um texto ou conjunto de textos prototípicos” (Maingueneau, 2016a, p. 5). A modalidade dos gêneros autorais é imposta ao destinatário por meio de explicitações paratextuais, seja pelo autor ou pelo editor, que enquadram o texto como um “ensaio”, “tragédia”, “meditação” ou “dissertação”.

Já os *Gêneros de rotina*, ou *Gêneros rotineiros*, constituem a segunda modalidade de gêneros do discurso regulados, eles são os mais comuns e, para Maingueneau (2016b), são os objetos privilegiados pelos analistas do discurso.

Estes gêneros do discurso não tem um autor, assim, não é útil perguntar quem os inventou, eles se estabelecem na/com a vida social, são práticas sociais estruturadas por objetivos de diferentes ordens. Os parâmetros de estabilização dos gêneros de rotina são referentes às situações sociais em que são produzidos e dividem-se em dois polos: de um lado, aqueles que são bem ritualizados, que deixam pouca margem de manobra aos locutores (por exemplo, um grande número de gêneros jurídicos); de outro, aqueles que deixam uma margem de variação considerável aos locutores (por exemplo, muitos gêneros políticos ou publicitários). (Maingueneau, 2016b, p. 138-139).

A priori, de acordo com Maingueneau (2016b), no processo de comunicação dos *Gêneros de rotina* os papéis interpretados pelos enunciadores são fixos, eles inserem-se em quadros preestabelecidos e a sua atuação condiciona-se por contratos de fala. As atividades de comunicação pertencentes aos *Gêneros de rotina* são de coações *verticais*, “impostas pelo sistema de lugares preexistentes” (Maingueneau, 2016b, p. 139), e *globais*, pois carregam em si mesmas o conjunto de atividade. Já as coações dos *Gêneros conversacionais*, o terceiro grande conjunto em que as práticas verbais reguladas são organizadas, são *horizontais*, os participantes “estão constantemente negociando seus papéis” (Maingueneau, 2016b, p. 139). Não há a fixação de papéis dos enunciadores, muito menos *scripts* pré-estabelecidos para estruturar a atividade comunicacional dos *Gêneros conversacionais*, Nem a sua finalidade ou a sua organização textual são claras e estáveis (Maingueneau, 2016a).

Normalmente, os *Gêneros conversacionais* não interessam aos analistas do discurso que adotam o suporte teórico e metodológico característico das *tendências francesas* da AD, uma vez que eles não podem ser inscritos em um estatuto tipológico. Dessa forma, Maingueneau (2016a) destaca que o trabalho sobre os discursos “condicionados” é sobre os *Gêneros autorais* e os *Gêneros de rotina*, e os seus estudos são desenvolvidos em três perspectivas de análise, sendo elas: a ênfase na “materialidade” linguística, o uso das teorias linguísticas da enunciação e o primado do interdiscurso.

Os métodos da AD dependem dos conhecimentos científicos da Linguística, a linguagem não resume-se a um instrumento de comunicação, posto que a análise dos discursos não considera apenas os seus impactos sociais. O estudo dos possíveis efeitos de sentido são alcançados no aspecto material do discurso através dos indícios apresentados em sua materialidade, são as marcas linguísticas que nos permitem o acesso aos sujeitos da

comunicação e às condições de produção da linguagem. Assim, é no campo dos sentidos que a materialidade linguística interessa para a AD.

Enquanto analistas do discurso podemos estudar os efeitos de sentido discursivos pela perspectiva teórica dos estudos da enunciação. Em relação a isso, Orlandi (1996, p. 20) afirma que a linguagem representa um sistema de relações de sentido e possibilita que todos os sentidos sejam possíveis e, ao mesmo tempo, impede que o sentido seja qualquer um. Para Maingueneau (2016, p. 5), o discurso tenta resolver conflitos, mas por meio da materialidade linguística imposta aos falantes que “limita movimentos e desencadeia efeitos incontrolláveis” e com a qual eles devem negociar.

O discurso não funciona de acordo apenas com a sua relação interna, o *intradiscurso*, mas também depende da relação com outros discursos, o *interdiscurso*. Toda produção enunciativa associa-se a uma *memória discursiva* coletiva que é presumida pelo enunciador na medida em que ele inscreve o seu ato discurso na história e o constitui de “formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações” (Maingueneau, 1997, p. 115). Nessa lógica, os fenômenos textuais como a citação, ironia, formas linguísticas e pressuposições, como exemplifica Maingueneau (2016a), apenas são analisados a partir dos princípios do *primado do interdiscurso*, posto que “a identidade de um discurso se constitui e se alimenta através de outros discursos; falar é sempre falar com, contra ou por meio de outros discursos, outras vozes” (Maingueneau, 2016a, p. 5). Inclusive, ainda de acordo com o teórico, as relações entre *interdiscurso* e *intradiscurso* não podem ser dissociadas, quando se estuda o funcionamento do discurso.

As três perspectivas de análise destacadas acima são a base para a proposta de estudo desenvolvida por Maingueneau (2008a, 2012, 2016a e 2016b) acerca dos *Gêneros autorais* e *Gêneros de rotina*, principalmente discursos científicos, filosóficos, literários e religiosos. Ao compreender que a diversidade dos *corpora* selecionados para as suas análises, apesar de diferentes, compartilham propriedades em comum, como *a sua condição de emergência, funcionamento, circulação e o modo específico* de se inscrevem no *interdiscurso*, o teórico desenvolveu como hipótese de pesquisa a categoria dos *Discursos Constituintes*, um espaço em processo de estabilização que reúne textos pertencentes ao “seio da produção verbal de uma sociedade” (Maingueneau, 2016a, p. 6).

Como fonte de autoridade discursiva, os DC fiam os múltiplos gêneros do discurso e atuam como “zonas de fala em meio a outras e falas que pretendem preponderar sobre todas as outras” (Maingueneau, 2008a, p. 34). Eles representam os discursos últimos da sociedade, os discursos Absolutos, assim, estabelecem o quadro de referência obrigatório para o

interdiscurso. Desse modo, os *Discursos Constituintes* são aquelas produções verbais e orais características de cada sociedade, eles representam em si mesmos o princípio da coletividade. Maingueneau (2008a e 2016a) afirma que os quatro discursos dessa categoria (religioso, científico, filosófico e literário) operam uma mesma função na produção simbólica da identidade coletiva:

uma função que nós poderíamos chamar de *archeion*. Esse termo grego, étimo do latino *archivum*, apresenta uma polissemia interessante para a nossa perspectiva: ligado a *archè*, “fonte”, “princípio”, e a partir daí, a “comando”, “Poder”, o *archeion* é a sede da autoridade, um palácio, por exemplo, um corpo de magistrados, mas também os arquivos públicos. (Maingueneau, 2008a, p. 33).

A princípio, os DC são autoconstituintes, pois eles não precisam se fiar em outros gêneros do discurso para serem legitimados, cada um deles se põe como o primeiro elemento da cadeia dos interdiscursos, como se antes dele não houvesse outros dizeres. No entanto, de acordo com o *primado do interdiscurso*, nenhum discurso é capaz de funcionar sem que esteja em constante interação com outros dizeres, sem que ele seja atravessado por outros gêneros do discurso que vieram antes e sustentam a sua existência. Sobre este aspecto, Maingueneau (2008a e 2016a) diz que os DC são em um só tempo unidos e dilacerados graças a sua pluralidade e só existem na gestão dessa impossível coexistência, se atraem ao mesmo tempo em que se excluem. Ainda de acordo com o teórico, os DC estão no interior e no exterior dos discursos não-constituintes que eles atravessam e pelos quais são também atravessados, “[c]ada discurso constituinte aparece ao mesmo tempo como interior e exterior aos outros, que ele atravessa e pelos quais é atravessado” (Maingueneau, 2008a, p. 35).

Desse modo, compreendemos que *Discursos Constituintes* e não-constituintes são, na realidade, faces imbricadas da interdiscursividade e caracterizam-se de acordo com uma hierarquia interdiscursiva. Maingueneau (2008a e 2016) define os DC como aqueles que estabelecem uma constituição simbólica coletiva, como os discursos religiosos, filosóficos, científicos e literários. Eles se caracterizam pela pretensão de serem autônomos e “absolutos”, não precisando recorrer a outros discursos para se legitimar. No entanto, devido ao *primado do interdiscurso*, nenhum discurso funciona isoladamente, estando em constante diálogo com outros discursos.

A constituição do discurso, a qual os múltiplos gêneros do discurso se fiam, existe na medida em que esses gêneros recorrem a ele para legitimar-se. Não há DC sem uma comunidade discursiva que recorra a eles como um discurso de Autoridade, assim como não há constituição sem que se recorra a outros discursos para validar-se como a autoridade do

dizer, ou seja, há uma retroalimentação de sua constituição. Como observa Carreira (2020, p.14),

o termo “constituência” está presente em muitos textos de Dominique Maingueneau relacionado aos discursos constituintes/fundadores, embora não seja um termo dicionarizado em português, é uma terminologia específica da AD. Em nosso entendimento, não se trata de um problema de tradução, pois difere de “constituente” por referir-se “à ação, ao processo, ao ato de ser constituinte”. Nos originais em francês encontramos o termo “constituance” para diferenciar de “constituant”.

Os DC atuam como zonas de fala privilegiadas, que não apenas circulam entre outros discursos, mas também os atravessam, determinando normas e valores que orientam a produção simbólica da sociedade. De acordo com a proposta de Maingueneau (2008a e 2016a) compreendemos que o conceito de Discurso Constituinte refere-se discursos institucionalizados que ocupam uma posição de autoridade na sociedade, servindo como referência simbólica e legitimadora de práticas sociais e discursivas.

Como afirmamos anteriormente, Maingueneau (2008a e 2016a) não reconhece a categoria dos DC como algo concluído e fechado a desdobramentos. Para o teórico essa discussão ainda está em aberto, é um território de pesquisa a ser explorado pelos analistas do discurso, um campo que pode ser revisto e atualizado. Tal perspectiva de projeto em constante desenvolvimento possibilitou que Nascimento (2009 e 2020) questionasse a constituição do Discurso Religioso (doravante, DR) a partir dos próprios argumentos de Maingueneau (2008a, 2012, 2016a e 2016b) e propusesse a sua transferência para o Discurso Teológico (doravante, DT).

Maingueneau (2008a e 2016a) compreende o DR como um discurso com capacidade de legitimar a totalidade de sua produção discursiva graças ao papel social que a religião exerce nas sociedades ocidentais e orientais, principalmente no que se refere ao controle da moral e da reprodução de outros discursos. Para tematizar a constituição do Discurso Religioso, Maingueneau (2008a e 2016a) afirmou que a religião se volta a um texto-fonte para fundamentar-se e legitimar-se. No entanto, dentro da própria lógica da constituição dos discursos, o DR não pode ser lido como um DC, uma vez que a sua autoridade do dizer não está em si mesmo, mas sim no texto ao qual ele recorre, o bíblico (Nascimento, 2009 e 2020).

A Bíblia é o principal pilar cultural cristão do mundo, a tal ponto que a fé em Deus não é questionada, constrói-se uma imagem coletiva como se ela fosse algo natural. Assim, como uma produção discursiva constituinte, o discurso bíblico traz a palavra revelada para a comunidade cristã ocidental e oriental. Ele é a expressão autoritária das comunidades de fé e

estabelece os símbolos da tradição e dos ritos das instituições cristãs. Não há nenhuma noção de “dêixis fundadora” (Maingueneau, 1997) anterior ao discurso bíblico em uma nação majoritariamente cristã, principalmente, se a interpretação for conservadora e hermética.

Desse modo, análogo ao pensamento de Nascimento (2009 e 2020), trabalhamos a constituição discursiva do Discurso Teológico, ele é o texto fundador maior. O discurso bíblico define uma maneira de fazer, compreender e exercer uma religião, sua filosofia e sua história, além de também ser o responsável pelo próprio universo social em que está inscrito. Em nossa pesquisa temos o texto bíblico como um DT, compreendemos a Bíblia como uma coleção de textos religiosos/escrituras sagradas consideradas canônicas pelo Cristianismo, além de outras religiões que recorrem à Bíblia como autoridade discursiva. A partir do DT bíblico diferentes Discursos Religiosos são produzidos e eles destacam-se entre si em relação à ênfase que dão a determinadas escrituras e a interpretação considerada oficial dos símbolos e mitos.

Adotamos o princípio de que o DT se refere ao discurso bíblico, uma coleção de textos religiosos/escrituras sagradas consideradas canônicas pelo Cristianismo, além de outras religiões que recorrem à Bíblia como autoridade discursiva. Para a comunidade religiosa cristã-evangélica, o centro do texto bíblico é o Plano de Redenção do ser humano. Na Bíblia, o hiperenunciador nos revelaria a nossa condição imperfeita e desobediente, em que todo o sofrimento passado na Terra se dá em razão da nossa desobediência ao Plano da Criação. Apesar de dentro da tradição cristã existirem diversas denominações e correntes religiosas, como o catolicismo, o ortodoxismo, o protestantismo, pentecostalismo e neopentecostalismo, o Cristianismo caracteriza-se principalmente por reconhecer apenas a Bíblia como um DT, responsável por apresentar o discurso e o *hiperenunciador Absoluto*.

Conceituar e diferenciar o Discurso Teológico e o Discurso Religioso é uma atividade complexa, pois, como analistas do discurso, impomos sobre esses materiais questões que não são facilmente observáveis. Assim, nos é necessário trabalharmos os aspectos que não estão na superfície de suas produções e são muito abstratos, toda tentativa de definição pode soar restritiva à sua complexidade linguística e social. Dessa forma, com o cuidado para não reduzir estes conjuntos de discurso a objetos apenas linguísticos ou sociológicos, e simplificar demasiadamente toda a sua complexidade, Junior e Tomazi (2020) propõem um estudo sobre eles a partir de suas oposições textuais.

Junior e Tomazi (2020) utilizam-se de propriedades enunciativas, funcionais e situacionais para elencar propriedades que distinguem os DR e DT entre si. Assim, os teóricos afirmam:

discurso teológico e discurso religioso são diferentes tanto na organização interna e configurações discursivas, como em relação às suas condições de produção, uma vez que exigem marcas linguísticas específicas e mecanismos formais que explicitem o funcionamento de cada um dos discursos. Também diferem na forma como delimitam sua identidade e, assim, estabelecem suas fronteiras. (Junior e Tomazi, 2020, p. 59).

Apesar de intrinsecamente relacionados, os campos religioso e teológico diferem entre si e cada um deles estabelece com os seus co-enunciadores pactos distintos de comunicação, o que influencia diretamente nos seus efeitos de sentidos na sociedade. No DT há a voz do ser transcendente, o foco é a Sua natureza divina e atuação no universo com base em um conhecimento transcendental; já no DR há a construção de uma cena enunciativa que leva a crer na relação do ser humano com o divino. Assim, o Discurso Religioso existe apenas na interdiscursividade com o DT e essa relação é assimétrica, *pois o DT não depende do DR para existir* (Nascimento, 2020).

Em nossa sociedade, o DT é o texto fundador maior, ele define a maneira de fazer religião, filosofia e história, e é o responsável pelo universo social em que está inscrito. Mesmo que, como comunidade discursiva, suponhamos que o este DC é uma produção enunciativa de alcance global, a sua produção é local. A posição hierárquica privilegiada que os Discursos Constituintes gozam é resultado do seu gerenciamento pelas regras particulares do grupo discursivo ao qual eles se submetem. Como afirma Maingueneau (2007, p. 280):

esses textos, cujo alcance é global, emergem de maneira essencialmente local: sua enunciação deve antes de tudo se submeter às regras particulares do campo do qual participam os grupos restritos que os produzem, fazem-nos circular e os gerenciam. São nesses grupos que se preserva e se reconstrói uma memória, que os enunciados podem ser avaliados em relação a normas compartilhadas

Quanto aos mecanismos formais do funcionamento discursivo bíblico e as suas marcas linguísticas, Junior e Tomazi (2020) afirmam que DC bíblico não apresenta um produtor, pois ele apaga a sua própria identidade para dar voz a um ser de instância superior. suficiente para apreendê-Lo, para exemplificar plenamente o que Ele é. Até mesmo a Sua natureza, planos, mensagens e Reino se dão ao homem por meio de metáforas, pois a totalidade do divino, aparentemente, foge ou deveria fugir, à logicidade das competências humanas. Deus se converte, então, em um hiperenunciador. Assim, destacamos que, em relação à identidade do hiperenunciador e ao seu discurso, em seu conjunto, os 1.189 capítulos que formam a Bíblia são narrados na terceira pessoa do singular, não é um *eu* que fala, mas sempre um *ele* onisciente e onipresente.

O DC bíblico não apresenta um produtor, uma vez que ele apaga a sua própria identidade para dar voz a um ser de instância superior, ou seja, um Enunciador superior – hiperenunciador. Não há nada *antes* ou *depois* de Deus, o mundo existe *a partir* Dele. Apenas Deus é capaz de criar a natureza e fazê-la ser entendida. Desse modo, a produção textual bíblica é um discurso fechado a atualizações.

A compreensão da constituição do DT é indissociável da cenografia que ele mesmo constrói para a sua situação de enunciação ao mesmo tempo em que enuncia. Composta por Escrituras Sagradas cujos sentidos são, ou deveriam ser, fixos e preestabelecidos, porque na produção textual bíblica não deveria haver espaço para dúvidas, pois não há espaço para brechas no discurso de um hiperenunciador Absoluto. Ele é um ser pronto, tudo que Ele faz é perfeito e com propósito, segundo o texto sagrado.

Em conclusão, o DC, conforme proposto por Maingueneau (2008a, 2012, 2016a e 2016b), é um tipo de discurso que ocupa uma posição central na construção simbólica e ideológica de uma sociedade, caracterizando-se por sua autonomia e capacidade de legitimar outros discursos. O discurso teológico bíblico, como Nascimento (2020 e 2022) atualiza, é um exemplo claro de DC, pois exerce a função de autoridade discursiva no âmbito religioso, constituindo-se como um texto-fonte que estrutura a compreensão e prática da fé cristã. Ele estabelece os parâmetros morais e espirituais que guiam as comunidades religiosas, sendo um pilar cultural e simbólico.

2. 2. Discurso Institucional

Em consonância aos Estudos Sociológicos, a AD de linha francesa compreende que as instituições são elementos criados pelo ser humano para estruturar as relações sociais, políticas, econômicas e coletivas. Ao entendermos que a religião apresenta um sistema de significados próprios, passamos a trabalhá-la como um sistema social e cultural que funciona de acordo com o conceito de Aparelho Ideológico do Estado (Althusser, 1980)¹¹, um elemento utilizado para promover o controle social e moral.

Como afirmam Sales & Haetinger (s/d, p. 3 *apud* Nascimento, 2020, p. 37):

a religião é considerada uma instituição, pois é constante ao longo da história e exerce um padrão de controle da sociedade e uma programação da conduta individual. Ela apresenta características próprias das instituições sociais: é

¹¹ Os Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) e os Aparelhos Repressores do Estado (ARE) são elementos básicos para os estudos de Louis Althusser sobre o fenômeno da ideologia em suas reflexões sobre a constituição da sociedade. Esses conceitos são explorados na obra “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado” (Althusser, 1970)

socialmente coercitiva; é exterior aos indivíduos; possui objetividade, historicidade e detém autoridade moral.

Para permitir uma vida social menos agressiva, as sociedades humanas construíram, em diferentes contextos históricos e geográficos, as Instituições Sociais, organizações que fazem parte do processo de construção cultural e social, elas são representações das doutrinas coletivas. As instituições, de acordo com North (1991), desempenham função social de construir e realizar a manutenção da ordem, elas organizam o mundo e as relações sociais regulando o comportamento dos indivíduos por meio de determinações que podem ser formais, como com constituições e leis, ou informais, através das tradições, investimento em elementos culturais e a normalização de um código social de conduta, por exemplo.

Os Estudos Sociológicos compreendem que a sociedade se organiza em grupos na medida em que os indivíduos estabelecem entre si e com o meio relações complexas através de padrões sociais e culturais definidas historicamente. Logo, as instituições são mecanismos de reprodução do controle ideológico ao perpetuar e traçar a régua social de valores, tradições e costumes. Como sujeitos sociais inseridos no mundo, interpretamos papéis sociais estruturalmente relacionados à sua função, significado e propósito social estabelecidos pelas instituições existentes.

De acordo com Durkheim (1996), para a sociedade ser um todo coeso, ela necessita das Instituições Sociais em sua formação, pois elas regulam a moral social por meio de coerção e de normatização do que pode ser feito e do que não pode ser feito. Estas instituições são mecanismos de reprodução do controle ideológico ao perpetuar e traçar a régua social de valores, tradições e costumes. Tal relação de poder das Instituições Sociais com as comunidades ocorre apenas na medida em que as instituições atuam também em papel pedagógico ao ensinar normas básicas de convívio e socialização para que os indivíduos sejam parte do grupo social.

No atual contexto social da América Latina, entendemos que as três principais Instituições Sociais responsáveis por manter a coesão do corpo social ainda difundidas são: a Instituição Familiar, a Instituição Religiosa e a Instituição do Estado, que atuam de forma quase similar e são interdependentes na manutenção e regulamentação das normas que validam o comportamento dos indivíduos e perpetuam o atual sistema hierárquico dos grupos sociais. Destacamos que, comumente, a família é a primeira Instituição Social que todo ser humano tem contato, propomos que ela é a responsável por apontar as bases das normas sociais e morais iniciais para as crianças acessarem a sociedade. Após a Instituição Familiar, a Instituição Religiosa é a principal responsável pela socialização dos indivíduos no Brasil, país

em que a maioria dos cidadãos são cristãos e onde religião e Estado estão intrincados culturalmente.

A grande influência desta suposição acerca das Instituições Sociais que atuam no Brasil e a sua atuação no corpo social é ressignificada, em nossa compreensão, com o desenrolar da campanha eleitoral em 2018 de Jair Messias Bolsonaro (presidente durante os anos de 2019 e 2022), candidato, até então, pelo partido Partido Liberal, e cujo slogan era “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos!” e “Deus, Pátria, Família”, afirmações que relacionam-se com ideais do movimento Integralista e propõe uma sociedade nacionalista e cristã. A consolidação da relação entre o Estado e a religião foi propulsora da campanha de Bolsonaro, e de sua vitória, pois havia uma significativa parcela brasileira que ressentia-se com o avanço de uma política mais aberta à diversidade sexual e às discussões sobre os direitos reprodutivos. Durante os anos de 2019 a 2022 consolidou-se um governo religioso, anticomunista e que pregava a supremacia da Família e da religião cristã, podemos ver a influência desta imagem até os dias atuais.

No Brasil, a Igreja Evangélica, ao moldar comportamentos e influenciar valores sociais e políticos, constrói uma complexa rede de poder que se estende até as estruturas de Estado, influenciando políticas públicas e decisões morais no espaço público. O discurso religioso cristão, portanto, não só governa os indivíduos, mas também permeia o sistema político e legal, exercendo uma coerção biopolítica sobre a população, como evidenciado na atuação de líderes religiosos em temas como o direito à vida, sexualidade e moralidade. Estudar essa articulação entre religião, poder e política nos ajuda a compreender como a moralidade cristã contribui para a formação de sujeitos moralmente regulados, cujas ações e crenças se entrelaçam com os interesses religiosos e políticos que moldam a sociedade.

A Instituição Social Religiosa Neopentecostal, organizada a partir da sistematização do Discurso Religioso Cristão, apresenta a sua visão de mundo, explica a origem do universo e o propósito da vida de acordo com a sua ênfase particular e interpretação do Discurso Teológico bíblico. Socialmente, o Neopentecostalismo é uma ferramenta do código moral cristão e, em sua relação com os seus seguidores, trabalha a manutenção das diretrizes de um comportamento ético e justo de acordo com a consciência religiosa pautada em uma exegese cristã singular. O DR cristão, em particular, mobiliza as escrituras bíblicas para orientar o comportamento dos indivíduos e justificar a hierarquia social, tornando-se um mecanismo de perpetuação de valores e estruturas de poder. A relação intrínseca entre o Estado e o poder disciplinar da religião insere nas políticas públicas discussões acerca do direito de vida/morte sobre a comunidade LGBTQIAP+ pautadas na doutrina cristã. Desse modo, o que deve ser

mantido da vida social e o que deve ser excluído é justificado tendo como base a Bíblia, a noção de pecado e de santidade.

Em relação às similaridades de suas atuações, o Estado controla as ações dos indivíduos em sociedade por meio de leis que dizem o que é certo e o que é errado, o que é punível e como será punido, enquanto essa coerção e normatização é realizada pela Instituição Religiosa Cristã a partir dos mandamentos da Bíblia, o que é certo e errado é controlado pela noção de pecado, o que é condenável no texto religioso. Já sobre a interdependência entre as Instituições Sociais para regular o sociedade, o maior exemplo está também na estreita relação entre a religião e o Estado que, embora se diga laico, apresenta em sua estrutura símbolos religiosos cristãos (há a presença da imagem de Jesus Cristo crucificado em assembleias legislativas, a nota do real vem com a frase “Deus é fiel”) e a atuação de seus três poderes (Judiciário, Legislativo e Executivo) são determinadas com influência de dogmas religiosos dos líderes políticos, denotando o *primado do interdiscurso*, que nesse caso, é também o que institucionaliza o Discurso Religioso no contexto brasileiro contemporâneo.

A categoria do Discurso Institucional compreende aqueles discursos que são produzidos e legitimados socialmente, eles regulam as relações sociais, políticas e culturais. Na Análise do Discurso, estes discursos caracterizam-se pelo seu papel coercitivo, normatizador e reproduzidor de padrões ideológicos. Na perspectiva da AD adotada, a partir das considerações acima sobre as Instituições sociais, compreendemos que a categoria dos Discursos Institucionais não engloba apenas as produções discursivas das instituições formais como o Parlamento, empresas ou o poder judiciário, pois, em consonância aos Estudos Sociológicos, as instituições são elementos criados pelo ser humano para estruturar as relações sociais, políticas, econômicas e coletivas. Desse modo, ao tratarmos sobre os Discursos Institucionais, também falamos sobre aqueles que fazem parte da instituição escolar, religiosa e familiar.

Criada a partir das sistematizações do DR, entendemos que, de acordo com a sua respectiva comunidade e configuração social, as religiões atuam como uma instituição que se organiza em práticas, ritos, textos e doutrinas. A religião é um sistema social e cultural que engloba crença, valores e práticas baseadas em um Discurso Constituinte para orientar a vida dos indivíduos. Hervieu-Léger e Willame (2009) afirmam que estudar a religião é estudar as condições de formação de um ideal moral, cada instituição religiosa apresenta (e representa) um sistema de significados próprios. Para Nascimento (1996, p. 1996 *apud* Vilhagra, 2018, p. 42), “a Religião se constitui na e pela palavra”, nessa lógica, ainda de acordo com o teórico, ela é um objeto das “estruturas humanas institucionalizadas” (Nascimento, 2020, p. 38).

Assim, compreendemos que o DR cristão é um fenômeno discursivo público do domínio religioso e, uma vez que podemos perceber, através de similaridades a outros discursos que estruturam a vida em sociedade, que o DR se desdobra “em um espaço institucional”, como destaca Maingueneau (2008c, p. 119), o inserimos à categoria dos Discursos Institucionais. O DR cristão neopentecostal é um discurso institucionalizado mobilizador de relações de poder que afetam a sociedade, o modo como os sujeitos relacionam-se entre si e com a sociedade na medida em que os efeitos de sentido estão a serviço da interpretação de determinadas instituições. A partir disto, podemos afirmar que o discurso religioso neopentecostal produzido por André Valadão atua como uma forma de controle social e moral, baseado em sistemas de crenças e significados que legitimam o poder institucional da religião na sociedade

De acordo com Foucault (1979, 2008a, 2008b e 2009) todas as relações sociais são atravessadas e constituídas pelos diferentes mecanismos de poder que estão em constante disputa. O teórico entende a religião como um *dispositivo disciplinar e biopolítico*, ou seja, uma estrutura que visa controlar corpos e vidas através de processos de normalização. Para Foucault o Discurso Religioso orienta comportamentos de acordo com princípios divinos, por meio de processos de normalização ele utiliza as chamadas *técnicas do governo de si* (Foucault, 1979), estas envolvem práticas de autocontrole, disciplina e autossubmissão que o sujeito deve internalizar, moldando sua conduta de acordo com normas preestabelecidas, e são reforçadas pela prática religiosa.

As técnicas de subjetivação do poder religioso estão na gênese dos processos de *governamentalidade*, atuação do Estado e as técnicas de segregação e controle das pessoas (Foucault, 2008a). Acerca do poder e influência da igreja cristã na vida dos indivíduos ao longo da História do Ocidente, Nichols (2000, p. 102) afirma que além da religião “nenhuma organização na história jamais exerceu um domínio, uma escravidão tão completa, sobre as coisas e sobre os homens e as suas consciências”. Ao ensinar aos indivíduos como devem viver suas vidas de acordo com preceitos religiosos que são internalizados e reforçados pela repetição e prática social, o DR atua como um meio de disciplinar os corpos e regular a vida.

Para Foucault (2008a), o controle sobre a vida dos indivíduos não é exercido apenas em termos políticos, mas espirituais e morais, caracterizando, assim, o que o teórico compreende como *poder pastoral*.

A relação pastoral, em sua forma plena e em sua forma positiva, é portanto, essencialmente, a relação entre Deus e os homens. É um poder de tipo

religioso que tem seu princípio, seu fundamento, sua perfeição no poder que Deus exerce sobre seu povo. (Foucault, 2008a, p. 167 - 168)

O poder pastoral objetiva-se à “salvação do rebanho”, ele define-se como um bem-fazer, o pastor atua sempre preocupando-se com as suas “ovelhas”, o seu grupo de fiéis. O Discurso Religioso Cristão é a referência para a ação coercitiva da Instituição Social Igreja (Foucault, 2008a). Assim, compreendemos que a religião é um dispositivo disciplinar e biopolítico (Foucault, 2009) que, para a manutenção de seu *status* social engendra processos de individualização, dessubjetivação e subjetivação. De acordo com Foucault (2008a), a Igreja Cristã é a responsável por relacionar os temas do poder pastoral (o cuidado do pastor com os fiéis, sua ação de conduzir/controlar comportamentos e guiá-los ao “caminho de Deus”) às técnicas de governamentalidade.

Foi a igreja cristã que coagulou todos esses temas de poder pastoral em mecanismos precisos e em instituições definidas, foi ela quem realmente organizou um poder pastoral ao mesmo tempo específico e autônomo (Foucault, 2008a, p. 174)

Discurso Religioso institucionalizado, como o do cristianismo, fundamenta-se no poder pastoral, utilizando-se da moral religiosa para regular comportamentos, estabelecer normas sociais e perpetuar formas de controle sobre a vida dos indivíduos. Aqui, a função implicada no ato discursivo religioso faz-se em razão de que ele fala a partir de um lugar de autoridade social.

O Discurso Religioso Cristão é a referência para a ação coercitiva da Instituição Social Igreja (Foucault, 2008a). Assim, compreendemos que a religião é um dispositivo disciplinar e biopolítico (Foucault, 2009) que, para a manutenção de seu *status* social engendra processos de individualização, dessubjetivação e subjetivação. Para nós, o Discurso Religioso Cristão é um produto do ser humano, ele se desdobra na sociedade de acordo com as suas estruturas hierárquicas e dado padrão organizacional-discursivo exercendo e construindo estruturas de poder. O DR é um mecanismo de perpetuação e reprodução do controle ideológico e moral.

Estudar esses conceitos em relação à atuação da igreja evangélica no Brasil é importante para que possamos entender a existência de uma complexa rede de poder que se estende entre os interesses da religião e a sua relação com o Estado. Aqui, a função implicada no ato discursivo religioso faz-se em razão de que ele fala a partir de um lugar de autoridade social, uma vez que, atualmente, o Discurso Religioso Cristão é um dos que mais goza do

prestígio social no Brasil no que se refere à manutenção das relações de poder, 89% dos brasileiros acreditam em Deus¹².

Para nós, o Discurso Religioso Cristão é um produto do ser humano, ele se desdobra na sociedade de acordo com as suas estruturas hierárquicas e dado padrão organizacional-discursivo exercendo e construindo estruturas de poder. Graças ao seu papel na organização e controle das relações sociais, compreendemos que o discurso evangélico neopentecostal produzido por André Valadão atua como um instrumento institucional que articula práticas de poder entre religião e Estado, buscando influenciar políticas públicas e moldando a moralidade coletiva.

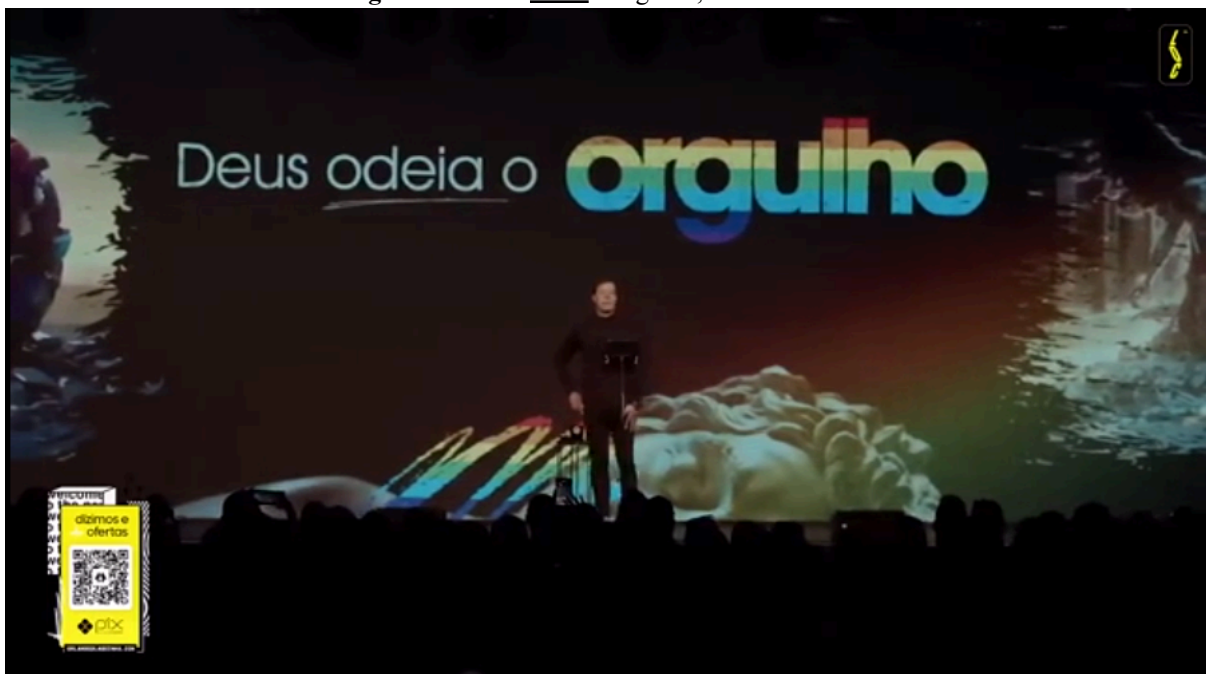
¹² Dado coletado pela pesquisa Global Religion 2023, realizada pelo Instituto Ipsos, em maio de 2023. Disponível em: ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%202026%20countries.pdf Acesso em: 17 mai. 2024

CAPÍTULO III -- EM RELAÇÃO AOS ASPECTOS TEÓRICOS E A ANÁLISE DO DISCURSO

Selecionamos como *corpus* de análise o culto “Deus odeia o orgulho”, ministrado por André Valadão no dia 4 de junho de 2023 na Lagoinha Orlando Church, localizada na cidade de Orlando, Califórnia. Esse momento de pregação também foi disponibilizado de modo *online* no canal da igreja na rede social *YouTube*, @LagoinhaUSA, como parte da *playlist* “Série - Orgulho não”. Após a sua publicação, o vídeo foi alvo de ataques virtuais acerca de seu conteúdo e no dia 10 de junho de 2023, o Tribunal Regional Federal da 6ª Região determinou a sua retirada da plataforma. Inclusive, todos os conteúdos referentes à sua divulgação precisaram ser retirados das outras redes sociais da igreja, como o *Instagram* e o *Facebook*.

O nosso material de análise tem duração de 49 minutos e 59 segundos. Durante a pregação vemos apenas o pastor André Valadão em cima do palco, atrás dele há uma parede em que durante o culto projeta-se uma das imagens utilizadas para a divulgação *online* do culto (Figura 8), alternando com os versículos bíblicos que são citados durante o culto (Figura 9, p. 44).

Figura 8 – Deus odeia o orgulho, André Valadão



Fonte – Canal do *YouTube* Lagoinha USA. Acesso: 06 jun. 2023

Na Lagoinha Orlando Church, assim como em outras instituições religiosas evangélicas atuais, os cultos ministrados são dispostos em séries de acordo com um tema específico a ser estudado durante um determinado período. As “séries” são uma ferramenta

para o ensino bíblico, pois proporcionam um estudo aprofundado e conectado sobre tópicos relevantes. Este modo de organização trabalha a partir de uma linha de raciocínio, a sua estrutura facilita que os membros da instituição acompanhem o desenvolvimento do tema discutido.

O culto “Deus odeia o orgulho” foi o responsável por dar início a série “Orgulho não”, em que três pastores do ministério selecionaram como tema para discussão o mês do orgulho LGBTQIAPN+. A série encontra-se disponível no canal do *YouTube* da Lagoinha Orlando Church na *playlist* “SÉRIE - ORGULHO NÃO”. Atualmente, além de um vídeo indisponível, nesta seção há cinco ministrações que abordam problemáticas (de acordo com a perspectiva religiosa da instituição em questão) relativas ao movimento LGBTQIAPN+ e aos perigos que o Mês do Orgulho representa para a comunidade cristã, de acordo com os posicionamento da igreja e seus pastores.

A primeira ministração, realizada por André Valadão e posteriormente retirada de circulação, teve como tema o orgulho na visão cristã. Neste culto o pastor enfatiza que Deus odeia o orgulho e o relaciona à figura de Lúcifer. A partir desta relação, André Valadão critica os movimentos que ele considera serem resultado da manifestação do orgulho, em especial aqueles do Mês do Orgulho LGBTQIAPN+. Como mensagem central, o pastor afirma que o orgulho é um pecado que afasta as pessoas de Deus.

A nossa materialidade de estudo é um discurso que, em resumo, é voltado contra a aceitação social de comportamentos que André Valadão e a Lagoinha Orlando Church vêem, a partir dos ensinamentos bíblicos, como pecaminosos, incluindo a homossexualidade. Na ministração há a defesa da importância de humildade e submissão à vontade de Deus, uma atitude que, para o pastor, aqueles do movimento LGBTQIAPN+ não exercem. O pastor Valadão se posiciona em seu pronunciamento contra o que ele chama de “agenda do orgulho” e exorta os cristãos que seguem a igreja a resistir às influências externas, como a mídia e a política, que promovem valores contrários aos ensinamentos bíblicos e buscam normalizar práticas “pecaminosas”.

A partir de uma abordagem teórico-analítica baseada nos princípios do campo de conhecimento da Análise do Discurso de linha francesa, temos como objetivo compreender no *corpus* de pesquisa como se constrói a intolerância de André Valadão à comunidade LGBTQIAPN+. Analisamos a materialidade discursiva a partir de sua compreensão como um Discurso Religioso, conforme o exposto no Capítulo II desta dissertação. Nas seções seguintes realizamos a análise do discurso a partir, principalmente, dos seguintes teóricos:

Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008b, 2008c); Orlandi (1987, 2005) e Barros (2008, 2016).

3. 1. Relações interdiscursivas na pregação

3. 1. 1. Formação Discursiva

Ao propormos esta pesquisa, partimos, a princípio, da compreensão de Maingueneau (2008a e 2016a) sobre a importância dos discursos religiosos como objeto de análise da AD. De acordo com o teórico, os seus estudos justificam-se em razão da autoridade social que as instituições religiosas representam socialmente. Como latino-americanos, as práticas religiosas são parte constituinte de nossa comunidade social, sobretudo, as de base cristã trazidas pelo processo de colonização europeia. Mesmo aqueles que não são adeptos a religião cristã, também são influenciados pelo cristianismo na construção de sua identidade, uma vez que estes discursos religiosos influenciam os padrões éticos e morais de muitas nações até os dias atuais

Para entendermos a construção discursiva da produção enunciativa do pastor André Valadão à luz da Análise do Discurso de tendência francesa, é fundamental trabalharmos conceitos como a Formação Discursiva e as relações interdiscursivas. Compreendemos neste trabalho a produção enunciativa de Valadão como um discurso religioso de base cristã e que organiza-se como uma pregação religiosa, assim, os conceitos supracitados nos permitem discutir e destacar em nosso material de análise como os sentidos são construídos, legitimados e compartilhados como verdades para a sua comunidade discursiva.

A pregação religiosa de André Valadão contra o movimento do orgulho não é uma simples mensagem transmitida pelo enunciador em sua posição social de pastor, mas sim um fenômeno social e discursivo. Os sentidos do discurso religioso dependem das relações discursivas e ideológicas que se entrelaçam em uma complexa rede para (re)produzir significados e efeitos de sentido. São essas relações as responsáveis por garantir que o discurso de Valadão, no dia 04 de junho do ano de 2023, vá além de uma fala individual.

Não podemos trabalhar os sentidos do discurso isolado-o do contexto sócio-histórico e ideológico no qual ele é produzido. Todo ato enunciativo é construído de acordo com as suas condições de produção, e estas são fronteiras instáveis que delimitam o que pode ser dito por determinada pessoa em dado momento histórico. Para falarmos de tais delimitações de produção é essencial compreendermos o conceito de Formação Discursiva, pois ele nos

permite entender como cada sentido constitui-se de acordo com um contexto específico. Em relação ao conceito de Formação Discursiva, Orlandi (2005, p. 43) afirma:

A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso.

Para explicar como os saberes e as práticas discursivas são organizados e constituídos em diferentes momentos históricos, destacamos Foucault (2008b) como um dos primeiros teóricos que trabalham com a noção de Formação Discursiva. Interessado em discutir as regras que tornam cada enunciado possível de ser realizado em seu momento histórico, para o autor este conceito é definido como um conjunto de regras situadas no tempo e no espaço, elas delimitam aquilo que pode ser dito dentro de um determinado campo de saber em um dado momento.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. (Foucault, 2008b, p. 43)

A Formação Discursiva de Foucault (2008b) é um conjunto de regras históricas responsáveis por delimitar quem pode dizer, o que pode ser dito, conhecido e/ou pensando em uma sociedade. Este conceito vincula-se, para o teórico, à noção do poder, pois o conhecimento e a ideia do que é legítimo são definidos de acordo com as relações discursivas e ideológicas que variam historicamente. Uma Formação Discursiva não é permanente ou fechada em si mesma, as suas fronteiras são instáveis e atualizam-se de acordo com as transformações sociais.

A partir dos apontamentos de Foucault (2008b), Pêcheux (1995) trabalha a noção de Formação Discursiva ampliando-a e trazendo à discussão questões relativas à formação ideológica e posições de classes. Na análise discursiva desenvolvida pelo teórico, a linguagem é trabalhada interrelacionada à ideologia e ao poder, assim, a Formação Discursiva e a Formação Ideológica são conceitos indissociáveis para compreender como os sentidos se produzem no discurso dentro de determinado contexto.

Sobre este ponto, Orlandi (2005, p. 43) esclarece:

Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formas ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja.

O sentido do discurso não está nas palavras que são mobilizadas ou na intenção do enunciador, mas sim na discursividade do texto, no modo como a ideologia está inscrita nele e como produz os seus efeitos de sentido. Pêcheux (1995) destaca que uma mesma palavra pode receber diferentes sentidos de acordo com a Formação Discursiva na qual está inserida. O teórico afirma que:

uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria “próprio” vinculado a sua literalidade. Ao contrário, seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que tais palavras, expressões ou proposições mantêm com outras palavras, expressões ou proposições da mesma formação discursiva. (Pêcheux, 1995, p. 161)

Desse modo, na análise discursiva é necessário que recorramos às condições de produção do ato discursivo que nos propomos a estudar. Quando falamos de Discurso Religioso cristão é essencial termos conhecimentos sobre a Formação Discursiva na qual ele está inserido e a Formação Ideológica que é mobilizada para a construção de seus efeitos de sentido. Compreendemos que a pregação religiosa evangélica analisada no trabalho inscreve-se na Formação Discursiva religiosa cristã e está ligada a Formação Ideológica cristã.

O conjunto de ideais, saberes, crenças, valores e representações sociais que orientam a produção discursiva de André Valadão moldam-se de acordo com as doutrinas e ensinamentos religiosos cuja fonte de conhecimento e tradições eclesiais baseiam-se na leitura cristã da Bíblia. A Formação Ideológica do discurso “Deus odeia o orgulho” valoriza a obediência aos mandamentos divinos, baseia-se em uma noção de moralidade cristã que distingue aquilo que representa o bem e o mal, o moral e o imoral. O papel que o divino representa nesta FI gera um padrão de comportamentos influenciados pela ideal de um Deus que abomina aquilo que é pecaminoso e é bondoso apenas com aqueles que são obedientes à lei divina.

A partir da leitura de Pêcheux (1995), podemos afirmar que a Formação Discursiva é a concretização da ideologia manifestada ao nível do discurso, ela estabelece regras do que pode ser dito, quem pode falar e como os sentidos devem ser reproduzidos para serem validados em uma comunidade discursiva. Logo, a FD religiosa cristã é determinada pela

Formação Ideológica cristã e a relação entre ambas faz com que os seus discursos sejam atravessados por valores e crenças ideológicas cristãs.

Em sua pregação André Valadão critica o movimento do orgulho e nega afirmações feitas por este de que o cristão não ama aquele que é homossexual, compreendido, neste discurso, como aquele que pratica o pecado da imoralidade sexual.

Recorte I¹³:

[O cristão o homem e a mulher de Deus ama abraça cuida até o último fôlego de vida Mas nós não vamos aceitar vida de pecado Não podemos aceitar Eu não estou falando pra perseguir Eu não estou falando pra bater pra não responder pra não estar junto pra não trabalhar junto Não tem nada disso Nós amamos Temos que amar Amar o drogado amar o alcoólatra amar o adúltero Do qual muitos de nós fomos um dia homossexual temos que amar temos que ter empatia]

Podemos compreender que a citação acima, um recorte da pregação realizada por André Valadão que constitui o nosso *corpus* de estudo, é um exemplo de como a Formação Ideológica cristã molda a Formação Discursiva religiosa cristã. Neste discurso, o pecado, aquilo que é imoral, define-se pelo que é interpretado a partir da leitura cristã da Bíblia e ele deve ser rechaçado, pois a salvação, dentro desta FI, depende do cumprimento dos mandamentos Divinos. Em nossa análise destacamos que há o investimento no princípio da moralidade cristã, assim, a sexualidade é tratada em um limite ideológico que reafirma valores tradicionais e ancora-se no conceito da “família tradicional” como o ideal cristão.

A construção de sentidos do discurso de André Valadão é possível na medida em que o enunciador inscreve-se na Formação Discursiva religiosa cristã. Esta FD permite que ele fale a partir de seu lugar social de pastor e possibilita que a diversidade sexual seja abordada como uma imoralidade, um pecado. Assim, o pastor pode falar sobre o comportamento dos fiéis e de outras pessoas dentro dos limites de sua Formação Discursiva, o que é certo ou errado, virtuoso ou não, é considerado a partir dos valores estabelecidos na Formação Ideológica cristã.

3. 1. 2. *Interdiscurso*

Dando continuidade aos estudos sobre Formações Discursivas, Maingueneau (2015) as compreende como responsáveis por estabelecer um conjunto de regras que delimita o que pode ser dito em uma prática social específica, seja ela religiosa, política ou científica, por

¹³ Todos os recortes da pregação de André Valadão no trabalho foram transcritos sem nenhuma alteração e seguiu-se as normas estabelecidas pelo projeto NURC

exemplo. No entanto, o teórico afirma que “o sentido se constrói no interior de fronteiras, mas mobilizando elementos que estão fora delas” (2015, p. 81). Assim, os sentidos de um enunciado são construídos relacionando-se, também, com o campo de conhecimento além do delimitado por sua própria Formação, “a FD se apresenta, dessa forma, como um domínio aberto e inconsistente e não como um domínio estável, a expressão cristalizada da “visão de mundo” de um grupo social” (Brandão, 2004, p. 91 - 92).

Os enunciados apresentam, dessa forma, uma dupla face: um “direito” e um “avesso” que são indissociáveis; ao analista cabe decifrá-los não só no seu “direito”, relacionando-os a sua própria formação discursiva, mas também no seu “avesso”. [...] ao analista cabe apreender não só a formação discursiva mas também a interação entre formações discursivas, uma vez que a identidade discursiva se constrói na relação com um Outro presente linguisticamente ou não no intradiscurso. (Brandão, 2004, p. 93)

Nenhuma Formação Discursiva é fechada em si mesma, elas sempre são atravessadas por outras Formações Discursivas diferentes. Courtine e Marandin (1984 *apud* Maingueneau, 2015, p. 86) propõem que o trabalho sobre uma Formação Discursiva seja a partir do interdiscurso, pois ele é “um processo de reconfiguração incessante no qual uma FD é construída, em função das posições ideológicas que esta FD representa em uma conjuntura determinada” (Courtine e Marandin, 1984, p. 24 *apud* Maingueneau, 2015, p. 86). De tal modo, compreendemos que cada Formação Discursiva é um conjunto de regras e regularidades responsáveis por delimitar o que pode ser dito em dado contexto, mas, como Maingueneau (2008c e 2015) defende, é a interdiscursividade que torna possível a existência das FDs.

Para dar conta dos funcionamentos discursivos, Maingueneau (2004, 2008c e 2015) compreende a interdiscursividade como elemento central no desenvolvimento de análises discursivas, para ele há *o primado do interdiscurso*. O autor afirma que “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso, isso significa que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas o espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008c, p. 20). Nesse sentido, entendemos o interdiscurso como os valores e vozes que estão presentes nas sociedades como “já-ditos”, as condições de produção de um enunciado dependem do como os discursos já existentes circulam.

De acordo Courtine e Marandin (1984), a análise discursiva não deve ignorar as contradições do discurso, mas trazê-las como algo elementar à prática discursiva, pois o discurso não é um objeto fechado em si mesmo, mas heterogêneo. Uma Formação Discursiva

organiza-se e adquire sentido a partir da relação complexa entre diferentes discursos que podem se complementar, opor ou cruzar.

Neste sentido, um discurso nunca seria autônomo: como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada. A noção de FD implica, portanto, sua relação com o interdiscurso. (Brandão, 2004, p. 91)

A partir destas leituras, em nossa pesquisa a Formação Discursiva religiosa cristã, na qual o discurso de André Valadão está inscrito, não é um bloco fechado, as suas fronteiras são instáveis e formadas pelo embate com diferentes Formações Discursivas que confirmam ou tensionam os seus sentidos. Ao falar sobre o tema “orgulho”, os possíveis efeitos de sentido da pregação de Valadão são construídos a partir de sua própria FD, mas também em relação com discursos que manifestam ideologias contrárias às suas, como a do movimento LGBTQIAPN+ e a do mercado.

Os possíveis sentidos para “orgulho”, “homossexualidade” e “família”, por exemplo, têm os seus valores cristãos reforçados a partir de conexões interdiscursivas com discursos externos à sua FD.

Recorte II:

[O símbolo do orgulho na bíblia é Lúcifer o anjo que quis se comparar a Deus se igualar a Deus e a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer Deus não respeitou Lúcifer Deus não amou o Lúcifer Deus expulsou Lúcifer do reino Deus chutou Lúcifer dos Céus ele caiu como um relâmpago ele foi colocado pra fora porque Deus repugna o orgulho Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho]

Neste trecho, dentro de sua Formação Discursiva, André Valadão apropria-se do conceito de *orgulho* definido a partir da moralidade cristã, que o associa a um comportamento pecaminoso e rebelde. A referência a Lúcifer como “o anjo que quis se comparar a Deus” retoma a narrativa do orgulho como pecado, esta interdiscursividade com o texto bíblico e a ideologia cristã manifestada no discurso reforça a visão religiosa evangélica de que o orgulho é um dos maiores vícios morais e que todos que o cometem devem sofrer as mesmas consequências de Lúcifer.

No discurso do pastor o *Outro* é retomado por aquilo que é contrário às ideologias cristãs. Ao mobilizar um léxico comumente associado ao movimento LGBTQIAPN+ e relacioná-lo ao comportamento de Deus perante as ações de Lúcifer, Valadão investe em uma relação de equivalência entre o referido movimento e a figura bíblica. Ao afirmar que Deus

não amou, tolerou ou respeitou o anjo, o enunciador busca legitimar a rejeição ao movimento por vinculá-lo a um exemplo que é condenado na tradição cristã.

Além de organizar e condicionar aquilo que pode ser dito e como pode ser dito em um dado momento por determinada pessoa de acordo com a sua Formação Discursiva, a noção de interdiscursividade nos permite compreender que cada discurso é a reatualização a partir de um campo mais amplo de discursos que estão em constante circulação. Tal compreensão pode ser exemplificada no Recorte II ao destacarmos como Valadão trabalha a moralidade cristã ressignificando uma narrativa bíblica a partir da mobilização de palavras relacionadas ao movimento LGBTQIAPN+. Neste contexto discursivo, a rejeição às representações de diversidade sexual e de gênero pela comunidade cristã evangélica alinha-se à rejeição de Deus contra Lúcifer.

Como explicado no primeiro capítulo, a princípio Maingueneau (2008a e 2016a) agrupou o Discurso Religioso a categoria dos Discursos Constituintes, pois havia o compreendido como um dos discursos fundadores da nossa comunidade discursiva. No entanto, a partir dos próprios argumentos elaborados pelo teórico e da proposta de análise defendida por Nascimento (2009 e 2020), entendemos que a categorização de um DC é de acordo com o papel desempenhado pelo discurso no interior de suas relações interdiscursivas. Com efeito, nos foi possível, de tal maneira, concluir que o DT não é enunciado *a partir* do DR, como se este fosse a sua fonte enunciativa, mas o contrário. O DT é a fonte enunciativa que fundamenta e “permite” a enunciação e circulação do DR, conforme Nascimento (2020) propôs.

Acerca da interdiscursividade entre o Discurso Teológico e o Discurso Religioso, Nascimento (2020, p. 39) afirma sobre o processo enunciativo do último que:

na literatura do discurso religioso, há um certo consenso de que esse tipo de discurso se organiza pela interdiscursividade com o teológico, apoia-se nele no processo de seu funcionamento argumentativo-enunciativo e vale-se dele como fonte para a construção de seus enunciados. (Nascimento, 2020, p. 39).

Deste modo, a partir da interdiscursividade assinalada que existe na relação entre o Discurso Teológico e o Religioso, compreendemos que em seu processo enunciativo o DR tem como mecanismo de engendramento fundamentar-se no DT. O primeiro não possui um horizonte de referência próprio, o seu horizonte de referência pertence ao DT cristão. O DR não é um discurso com dimensões indissociáveis, pois nos é possível analisar que ele traz o lugar transcendente do *hiperenunciador* na medida em que recorre ao DT para legitimar-se,

por assim dizer, pelo *hiperenunciador* que enuncia o DT, um discurso com estrutura mítica e de natureza ontológica.

É importante que destaquemos a relação entre o DT e o DR, dado que, além deste diálogo permitir a produção textual religiosa, ele também é o responsável pela circulação ou não do DR em sua comunidade discursiva a partir de princípios regidos pelos efeitos de sentido dados pelos interlocutores. Compreendemos que quanto mais atrelado ao DT o Religioso se constrói, maior é a credibilidade associada a ele por sua comunidade discursiva religiosa.

O dissenso em relação à definição e à categorização do DR e do DT ocorre, pois eles são intrínsecos demais um ao outro. Desse modo, conceituar e diferenciá-los é uma tarefa complexa, uma vez que nos é necessário analisarmos aspectos muito abstratos em suas relações linguísticas, como a organização interna do discurso e os mecanismos formais e sociais, o modo de delimitação e sua identidade social no interior de uma comunidade discursiva.

Destacamos ainda que há um sistema de dispersão e regularidade entre o objeto DT e o objeto DR cuja possibilidade de existência do último ocorre conforme a interdiscursividade necessária com o primeiro. Junior e Tomazi (2020, p. 60) categorizam, desse modo, que o DT é o texto nobre, já o DR materializa-se como “menos nobre”, são produções enunciativas de diferentes gêneros e que podem ser questionadas, posto que a sua fonte enunciativa é o homem. A textualidade da produção discursiva religiosa cristã não é exterior ao Discurso Constituinte bíblico, ela sempre é construída com o objetivo de mediar a relação entre o ser humano e o texto sagrado, a palavra do hiperenunciador Deus.

Vilhagra (2018, p. 45) destaca que “o discurso religioso se constrói na interdiscursividade com o discurso bíblico/teológico”. Uma das características do que constitui o discurso como um sermão religioso é a sua relação com a Bíblia e podemos analisar isso no *corpus*. Durante a sua pregação, André Valadão destaca constantemente que aquilo que está sendo dito é a partir da Bíblia, é a Palavra de Deus.

Recorte III:

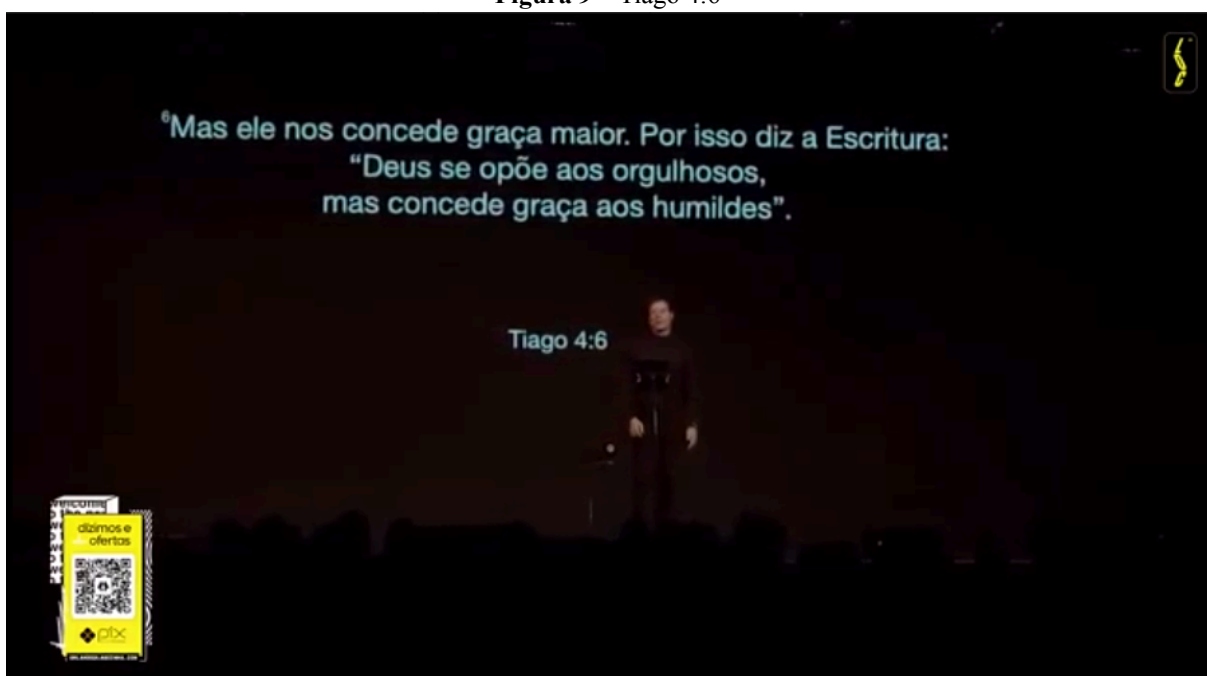
[Tiago capítulo quatro no versículo seis a gente vai ler muito a Bíblia aqui amém gente? Porque eu não estou aqui pra dar minha opinião Eu estou aqui pra ler a Bíblia pra você A posição de Deus em relação ao orgulho é clara Vamos ler em voz alta]

A partir desse Recorte podemos reforçar a afirmação de que Valadão não apenas destaca aos seus fiéis o quão próximo a sua pregação está da palavra de Deus, como também

se isenta do que está dizendo, pois não é ele quem afirma que Deus odeia o orgulho, está escrito no livro Sagrado, essa é a lei de Deus. E, como o pastor afirma durante a sua ministração, a Constituição Federal, em seu artigo 5º estipula a liberdade em relação ao exercício de cultos religiosos, expressão de crença e consciência, assim, a sua intolerância não pode ser julgada a “lei dos homens” como um crime.

O enunciador do DR caracteriza-se apenas como o intermediário do DT. Tudo que é dito na pregação tem que ser validado com base no texto bíblico. Desse modo, destacamos que André Valadão recorre ao texto-fonte de sua produção discursiva e o exibe no telão para que os seus co-enunciadores também possam lê-lo junto com ele.

Figura 9 – Tiago 4:6



Fonte – Canal do *YouTube* Lagoinha USA. Acesso: 06 jun. 2023

3. 2 Cenas da enunciação

3. 2. 1 Cena englobante e Cena genérica

Os sentidos construídos no discurso de André Valadão vão além da interpretação de suas palavras, para analisarmos a sua construção nos é necessário considerarmos o contexto enunciativo no qual o seu ato enunciativo está inserido. Nesse sentido, a teoria das cenas de enunciação, proposta por Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008c e 2015), torna-se uma ferramenta essencial para investigarmos como o discurso é configurado, validado e percebido, quais são os jogos de poder que o atravessam e tensionam.

Para desenvolver a sua teoria das cenas enunciativas, Maingueneau (2015, p. 117) parte da metáfora do mundo teatral, pois para ele o mundo é um “imenso teatro no qual os homens apenas desempenham papéis”. O teórico destaca que:

O termo “cena” apresenta ainda a vantagem de poder referir ao mesmo tempo um *quadro* e um *processo*, ela é, ao mesmo tempo, o espaço bem delimitado no qual são representadas as peças (“na cena se encontra...”, “o rei entra em cena”), e as sequências das ações, verbais e não verbais que habitam esse espaço (“ao longo da cena”, “uma cena doméstica”).

Os discursos são analisados assim a partir das teorias da enunciação, um conjunto de abordagens linguísticas e discursivas que concentram-se no ato de enunciar, ou seja, o processo pelo qual o enunciador constrói os sentidos de seu discurso de acordo com determinado contexto. Do mesmo modo que Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008c e 2015), compreendemos que as teorias da enunciação examinam os mecanismos linguísticos e extralinguísticos envolvidos na produção de sentido, levando em consideração aspectos como o contexto, os papéis sociais dos participantes e as condições de produção do discurso.

Na perspectiva pragmática, a linguagem é considerada como uma forma de ação; cada ato de fala (batizar, permitir, mas também prometer, afirmar, interrogar, etc.) é inseparável de uma instituição, aquela que este ato pressupõe pelo simples fato de ser realizado. (Maingueneau, 1997a, p. 29)

De acordo com o teórico, apreendemos a cena enunciativa através de seus elementos internos à situação enunciativa como uma apresentação teatral, as falas são encenadas por enunciadores que representam/assume papéis sociais de acordo com o que determina/possibilita as condições contextuais de seu ato enunciativo. A teoria das cenas de enunciação evidencia que o sentido de um discurso não depende do que é dito (conteúdo do enunciado), mas também de onde, como, por quem e em que contexto ele é dito.

Este primado do sistema de lugares é crucial a partir do momento em que raciocinamos em termos de formação discursivas; trata-se, então, segundo o preceito de M. Foucault, de “determinar qual é a posição que pode e deve ocupar cada indivíduo para dela ser sujeito”. Isto equivale dizer que “a teoria do discurso não é uma teoria do sujeito *antes que este enuncie*, mas uma teoria da *instância de enunciação* que é, ao mesmo tempo e intrinsecamente, um efeito de enunciado”. (Maingueneau, 1997a, p. 33)

A noção de cenas da enunciação refere-se ao contexto discursivo em que os discursos são produzidos e interpretados, esta teoria nos permite analisar como os discursos se estruturam e ganham legitimidade de acordo com determinados contextos sociais em que estão inseridos.

A partir de Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008c e 2015) compreendemos que as cenas de enunciação organizam o discurso em três níveis: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Estas relacionam-se para criar o quadro completo do ato de enunciação, determinando as relações entre enunciador, co-enunciador e os valores morais e ideológicos em jogo. De acordo com a análise das cenas da enunciação podemos entender como o discurso se legitima e se posiciona dentro de determinadas condições sociais e ideológicas. Como destaca Maingueneau (2004), a comunicação é como um jogo, antes mesmo de ser iniciada há um conjunto de regras pré-discursivas que deve ser seguido, os interlocutores encontram-se em um dado espaço que lhes permite determinados movimentos enunciativos. Ainda de acordo com o teórico, as possibilidades de papéis e funções que o enunciador e o seu co-enunciador podem desempenhar depende do gênero textual e discursivo mobilizado no ato comunicativo.

O conceito de *cena englobante* refere-se ao tipo de discurso que interpela o interlocutor, este define-se de acordo com uma função social ampla e constitui-se de acordo com os limites de cada setor de atividade social. Cada tipo de discurso relaciona-se a uma função social específica, a cena englobante interpela o interlocutor de acordo com as atividades simbólicas que ocorrem dentro de uma sociedade. Para definirmos o tipo de discurso que nos interpela, Maingueneau (2004 e 2015) afirma que é necessário questionarmos de acordo com qual finalidade ele foi organizado. O teórico exemplifica:

Quando recebemos um folheto na rua, devemos determinar a que título ele nos interpela, se ele é resultante do discurso político, publicitário, religioso... Uma cena englobante política, por exemplo, implica uma relação entre um “cidadão” dirigindo-se a “cidadãos” sobre temas de interesse coletivo”. (Maingueneau, 2015, p. 118 - 119)

Maingueneau (2004 e 2015) compreende que a Cena englobante também determina que os enunciadores de cada ato discursivo devem, através do próprio enunciar, conformar-se com os “valores prototipicamente relacionados ao locutor pertinente para o tipo de atividade em pauta” (2015, p. 119). Embora não seja propriamente a enunciação, a cena englobante restringe as condições de enunciação de cada gênero do discurso, as quais relacionam-se às expectativas dos interlocutores envolvidos e às possíveis antecipações do enunciador, responsáveis por determinar propriedades específicas de cada tipo discursivo.

Nesse sentido, em uma cena englobante religiosa, o enunciador deve apresentar-se como alguém dotado de autoridade espiritual e moral, um líder religioso, um pastor ou um guia espiritual devoto ao serviço de Deus e à condução da comunidade de fé. Assim como na

cena política, em que o enunciador, um político, “deve ser ‘um homem de convicções’, um funcionário, um homem ‘devotado’ ao serviço público etc.” (Maingueneau, 2015, p. 119), na cena englobante religiosa o enunciador deve expressar sua ligação profunda com a fé e o comprometimento com a mensagem divina. No caso de um pastor evangélico como André Valadão, por exemplo, isso significa adotar uma postura de liderança espiritual, manifestando uma identidade religiosa que já é legitimada e reconhecida pelos fiéis a partir de um *ethos* prévio de autoridade sobre questões religiosas e morais.

Para Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008c e 2015) a cena englobante é apenas uma “caracterização mínima”, o analista do discurso não deve se bastar nela para estudar o ato enunciativo em toda a sua complexidade, uma vez que, embora essencial, ela não é suficiente para descrever as especificidades do ato enunciativo. Um discurso do tipo religioso, como é o caso do nosso *corpus*, pode desenvolver-se em diferentes gêneros discursivos, como uma pregação, uma oração, testemunho e hinos, por exemplo.

Com o objetivo de tratar sobre as especificidades do ato discursivo, é necessário delimitarmos, também, a *cena genérica* do discurso, pois toda enunciação é construída através de determinado gênero. O ato de enunciação existe na medida em que os seus co-enunciadores são capazes de lhe atribuir um sentido a partir dos indícios presentes em sua materialidade discursiva. Complementando a informação da cena englobante, que permite aos parceiros da comunicação se situarem no ato enunciativo, a cena genérica é responsável por particularizar as propriedades que podem ser levantadas sobre o enunciado.

Dizer que a cena de enunciação de um enunciado político é a cena englobante política, ou que a cena de um enunciado filosófico é a cena englobante filosófica etc. é insuficiente: um co-enunciador não está tratando com o político ou com o filósofo em geral, mas sim com gêneros de discurso particulares. (Maingueneau, 1997b, p. 42)

Assim, Maingueneau (2015, p. 120) afirma que “os usuários do discurso, a realidade tangível, imediata, são os gêneros do discurso. As *cenagens genéricas* funcionam como normas que suscitam expectativas”. Para o teórico falar apenas sobre o tipo do discurso é insuficiente, pois o co-enunciador não é interpelado por um enunciador religioso geral, mas sim por um enunciador que representa um papel social específico. A cena genérica determina os papéis que os co-enunciadores assumem na enunciação, o que particulariza cada ato enunciativo.

Aprendemos a moldar nossa fala pelas formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos logo, desde as primeiras palavras, descobrir seu gênero, adivinhar seu volume, a estrutura composicional usada, prever o final, em

outras palavras, desde o início somos sensíveis ao todo discursivo. (Gallimard, 1984, p. 285 *apud* Maingueneau, 2004, p. 63)

As cenas genéricas são as normas que regem as expectativas prévias de cada ato discursivo. As suas coerções genéricas definem a *finalidade* do contrato de comunicação, bem como os papéis sociais daqueles envolvidos no ato enunciativo, o *suporte* pelo qual o discurso mobiliza para ser compartilhado, a composição, uso específico de recursos linguísticos, temporais e espaciais responsáveis por construir a cena da enunciação.

É apenas a partir da delimitação das normas de comunicação que estabelecem regras responsáveis por reger as expectativas de um público e definir os papéis sociais que os interlocutores desempenham as expectativas de um público e definem os papéis sociais que os interlocutores desempenham. Assim, são justamente as informações apreendidas na cena genérica que nos permite estabelecer um espaço estável para o ato enunciativo. A partir do gênero e de suas normas, esta cena enunciativa nos dá contornos específicos ao modo como o discurso é organizado.

O êxito de cada gênero do discurso depende das relações que se estabelecem entre os parceiros da comunicação e dos conhecimentos que eles compartilham. Maingueneau (2004) destaca que os diferentes gêneros do discurso estabelecem diferentes estatutos de parceiros legítimos de enunciação. Um sermão religioso apenas concretiza-se enquanto gênero do discurso se o enunciador ocupar o lugar daquele que ministra a palavra de Deus e o seu co-enunciador representar o papel social daquele que crê na Bíblia e está disposto a ser guiado pelo pastor.

todo gênero de discurso visa um certo tipo de modificação da situação da qual participa. Essa finalidade se define ao se responder à questão implícita: “Estamos aqui para dizer ou fazer o quê?” (Maingueneau, 2004, p. 66).

Em uma cena englobante religiosa, o discurso apresenta propriedades específicas que nos permitem caracterizá-lo e reconhecê-lo como um discurso religioso, tais como o uso de referências bíblicas, a invocação de autoridade espiritual e a mobilização de um *ethos* que corresponde às crenças e valores das comunidades religiosas evangélicas. Essas características não apenas fundamentam a legitimidade do enunciador, mas também orientam as expectativas dos interlocutores, moldando a interação e a recepção do discurso dentro de um contexto de práticas e tradições religiosas.

Devemos considerar as relações contextuais do ato enunciativo do culto “Deus odeia o orgulho”, como o lugar e o momento da enunciação, pois para Maingueneau (2004) esses dados não são exteriores ao discurso, mas constitutivos. Assim, para compreendermo que a

produção discursiva de André Valadão é um discurso do tipo religioso (Cena englobante) precisamos contextualizar o espaço no qual ela ocorre e como é constituída. A enunciação ocorre na Lagoinha Orlando Church, um dos ministérios da Igreja Batista da Lagoinha, Valadão posiciona-se no palco atrás de um púlpito, objeto físico que instala um referencial simbólico enquanto um lugar para a eloquência sagrada de sacerdotes religiosos.

Figura 10 – O púlpito de André Valadão



Fonte – Canal do YouTube Lagoinha USA. Acesso: 06 jun. 2023

Na Figura acima podemos ver André Valadão ocupando o centro da imagem, ele está no meio do palco e, apesar de se mover um pouco no decorrer da pregação, mantém-se sempre próximo ao púlpito, prostrando-se atrás do objeto.

Em nosso *corpus*, Valadão adverte os fiéis sobre os perigos do mês do orgulho, ele destaca à luz da doutrina cristã como o movimento do orgulho LGBTQIAPN+ vai contra o que Deus espera do ser humano. O enunciador assume o papel social de um líder espiritual, alguém com autoridade para interpretar textos sagrados e orientar a sua comunidade religiosa. Por sua vez, os seus co-enunciadores, os membros da congregação, assumem o papel de ouvintes, espectadores e, muitas vezes, participantes ativos, respondendo verbal ou não verbalmente às palavras do pastor (como améns, aplausos ou expressões de concordância).

Assim, compreendemos que o discurso do pastor enquadra-se na cena genérica de uma pregação religiosa, cuja função social é instruir, edificar e advertir os fiéis sobre comportamentos considerados pecaminosos de acordo com a moral cristã. O pastor é motivado pela necessidade de provocar uma transformação pessoal de seus co-enunciadores

que os influencie a mudar um comportamento ou atitude e os incentiva a aplicar os ensinamentos bíblicos em suas vidas.

O enunciador pastor André Valadão inicia o culto afirmando que “Deus odeia o orgulho”, logo, os sentidos que podem ser construídos pelos co-enunciadores é que a problemática da pregação é o orgulho. Valadão deixa claro desde o início do sermão que ali será pregado uma preocupação de Deus, o problema justifica-se a partir de Deus.

Recorte IV:

[Deus odeia ele repugna qualquer atitude de orgulho Só o uso da palavra orgulho Deus já condena Qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho Deus abomina Porque Deus não está com quem se orgulha Deus está Deus está com quem se humilha]

O gênero discursivo da pregação religiosa segue algumas normas específicas de comunicação, como o uso de uma linguagem acessível, mas impregnada de termos e expressões que carregam um peso religioso, como citações bíblicas, analogias e parábolas. É importante destacar que tais recursos teóricos visam não apenas comunicar uma mensagem, mas também emocionar e mobilizar os ouvintes a favor do que é defendido pelo pastor. Além disso, a pregação ainda define-se de acordo com uma estrutura discursiva própria, há a introdução do assunto a ser problematizado de acordo com a moralidade cristã, a defesa de seus argumentos sempre pauta-se nas Escrituras bíblicas, o enunciador vale-se de citações e interpretações do texto religioso.

Assim, destacamos que a ideologia cristã conservadora defendida por André Valadão é construída por meio de referências à Bíblia e à moralidade religiosa. Os valores morais que emergem nesse discurso alinham-se a uma visão tradicional do pecado, obediência a Deus e o repúdio ao que é considerado imoral segundo a doutrina religiosa

Recorte V:

[Aquele que sujeita a sua vida em Deus ele ouve a voz ele tem um temor no coração e por mais que o seu coração também bata por esses mesmos pecados ele tem força pelo Espírito Santo pra dizer ‘eu não vou matar não vou roubar, eu não vou ter maus pensamentos eu não vou praticar imoralidade sexual minha vontade era de roubar mas eu não vou roubar, minha vontade era de adulterar mas eu não vou adulterar’ Fala amém comigo quem tá pegando essa palavra aqui, ‘minha vontade era de enganar, mas eu não vou enganar’ porque você tem um Senhor. Aleluia]

Na pregação religiosa o pastor é visto como uma figura de autoridade, o seu principal dever é ser o portador da mensagem divina, traduzindo os ensinamentos bíblicos de forma acessível e relevante para o contexto social dos ouvintes. Atuando como um líder religioso, é

parte do dever pastoral provocar a reflexão dos ouvintes sobre as suas atitudes e comportamentos, encorajando o arrependimento e uma mudança de vida conforme os preceitos da fé cristã.

3. 2. 2 *Cenografia*

Como discutido acima, de acordo com a caracterização mínima da produção de um discurso, compreendemos que o nosso *corpus* enquadra-se na cena englobante religiosa evangélica e atualiza-se na cena genérica de uma pregação religiosa de acordo com os diferentes papéis que os participantes do ato enunciativo interpretam. No entanto, Maingueneau (1997b, 2004 e 2015) destaca que a delimitação do *quadro cênico* (resultado do entrelaçamento entre a cena englobante e a cena genérica) não é suficiente para lidar com a singularidade do discurso.

Apesar de ser essencial delimitar o *quadro cênico* no processo de análise, precisamos saber que não é com ele que o co-enunciador se confronta, mas sim com a *cenografia* instituída em cada ato discursivo. As três cenas da enunciação, cena englobante, cena genérica e cenografia, se entrelaçam para criar um quadro completo do ato de enunciação, determinando as relações entre o pastor André Valadão, os seus co-enunciador e os valores morais e ideológicos em jogo. Aplicar essas cenas à análise do discurso de Valadão nos permite identificar como a sua autoridade religiosa é construída, quais expectativas são geradas no público e como a mensagem é moldada para alcançar seus objetivos.

De acordo com Maingueneau (1997b, 2004 e 2015), a noção de cenografia vai além do simples reconhecimento do tipo de discurso ou do gênero ao qual o enunciador está inserido. Não é um cenário fixo, mas uma “encenação” que se desenvolve no decorrer da fala e é moldada pelas escolhas do enunciador para persuadir ou impactar o co-enunciador. A cenografia, conforme definida pelo teórico, é o espaço simbólico no qual a enunciação acontece, ela é uma construção interna ao próprio ato enunciativo.

Ao contrário da cena englobante e da cena genérica (que possuem aspectos mais estáveis e institucionalizados) trabalhamos a cenografia como uma noção mais dinâmica e que define-se de acordo com a forma particular como cada enunciador constrói o seu cenário discursivo.

A noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a

adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima. (Maingueneau, 2015, p. 123)

A partir de Maingueneau (2015, p. 122) compreendemos que o ato de enunciar não resume-se a “ativar as normas de uma instituição de fala prévia; é construir sobre essa base uma encenação singular da enunciação: uma *cenografia*”. Desse modo, o conceito de cenografia é essencial para o desenvolvimento de uma análise discursiva, pois os sentidos de um discurso não estão apenas nas palavras enunciadas ou no gênero ao qual ele pertence, mas também na maneira como ele é encenado, no “lugar” simbólico criado e na posição que o enunciador assume diante do seu público.

Dentro da Análise do Discurso de linha francesa adotada no trabalho, o conceito de cenografia refere-se a uma noção de “palco discursivo” construído pelo enunciador durante a sua enunciação, pois compreendemos, de acordo com Maingueneau (1997b, 2004 e 2015), que o discurso é posto em funcionamento como uma espécie de “peça teatral” que legitima, ao mesmo tempo que é legitimado, um espaço simbólico que emerge à medida que o discurso se desenvolve. Portanto, a cenografia é definida pelo modo como o enunciador constrói e apresenta seu discurso em um cenário imaginário, utilizando-se de elementos de linguagem, contexto, *ethos* e memória coletiva para legitimar e dar credibilidade ao que está sendo dito.

Trabalharmos a cenografia é essencial principalmente quando tratamos de discursos que apresentam uma forte carga simbólica, como é o caso dos discursos religiosos, em que o enunciador “encena” um papel que relaciona-se com valores e expectativas de seu tipo e gênero discursivo. No caso de Valadão, a cenografia constrói uma narrativa em que ele se posiciona como o intermediário da vontade divina, usando elementos bíblicos para justificar suas posições, o pastor estabelece uma encenação específica da enunciação que busca persuadir e conduzir seu público a adotar determinadas posturas morais em relação a problemática do orgulho.

A pregação religiosa do pastor ocorre no espaço de um culto religioso evangélico, há um palco para o pastor se posicionar à frente de seus fiéis de modo que todos possam vê-lo, ele conta com um sistema de som e vídeo possibilitando que todos possam ouvir o que é dito e ver as imagens que são transmitidas no telão. Estas especificidades físicas do ambiente em que a enunciação ocorrem legitimam e são legitimadas pelo próprio ato enunciativo conforme André Valadão encena o que é esperado dele deste espaço. A cenografia do discurso pede que o enunciador utilize referências bíblicas e recorra a figura de Deus para dar peso a sua fala.

Em estrutura física, o culto ministrado na Lagoinha Orlando Church lembra um *show*, a presença dos telões (em um deles enquadra-se apenas a imagem de André Valadão)

permitindo que o espaço esteja lotado e que mesmo assim todos possam ver o pastor-apresentador. Abaixo do palco, pela imagem da transmissão temos uma ideia do público que está à frente do enunciador, mas esse é apenas uma sombra, contornos de cabeça, pois só André Valadão no palco é iluminado e pode ser visto claramente. Essa caracterização de show é peculiar do movimento neopentecostal, como explicitado no Capítulo I.

Durante todo o momento do culto, o pastor encontra-se no centro do palco, onde está localizado o seu púlpito. Com base no que é registrado pelo vídeo do culto disponibilizado no canal do *YouTube* da igreja, vemos que Valadão encontra-se no centro da imagem, no entanto, o enquadramento da cena muda e podemos ter um vislumbre de todo espaço em que o culto ocorre. Assim, na Figura 11 apresenta-se mais de telão além daquele que está atrás de Valadão e que observamos durante a pregação.

Figura 11 – Espaço do culto



Fonte – Canal do *YouTube* Lagoinha USA. Acesso: 06 jun. 2023

O discurso de André Valadão constrói-se com base na ideia de um pastor que fala diretamente em nome de Deus, transmitindo verdades espirituais. Ele se posiciona como um “porta-voz” divino, capaz de interpretar e aplicar a Bíblia para os tempos contemporâneos.

Recorte VI:

[Jesus teve empatia teve compaixão por todos os pecadores Mas ele denunciou o pecado Jesus morreu por todas as pessoas mas ele denunciou ele foi contra o pecado quantas pessoas Jesus disse ‘vai e não peques mais’. Aleluia. Jesus não disse ‘eu te amo eu te protejo e continue vivendo a vida que você quer’ ele disse ‘eu te amo eu te protejo eu te perdoo mas não peque para que não te aconteça coisa pior. Para com essa vida muda de vida’ Nós

precisamos ter um limite naquilo que é empatia O cristão o homem e a mulher de Deus ama abraça cuida até o último fôlego de vida Mas nós não vamos aceitar vida de pecado]

Valadão utiliza a memória coletiva evangélica, ou seja, uma tradição religiosa que legitima seu discurso, ao se alinhar a interpretações tradicionais da Bíblia. Em muitos momentos, o enunciador evoca diretamente a vontade de Deus para legitimar suas declarações. Ele se coloca não apenas como um líder humano, mas como alguém que tem uma conexão direta com o divino, o que confere à sua fala uma autoridade transcendental, difícil de questionar dentro do contexto religioso. Notamos no recorte acima que ele apresenta aos seus fiéis a postura de Jesus frente aos pecadores e a contextualiza à postura que os fiéis devem ter, além disso, o pastor também faz um movimento de explicar ao público o que Jesus quis ensinar com esse ato e o que se espera de seus seguidores.

Ancorado em Benveniste, Maingueneau (1997b, p. 42) compreende que a enunciação é a ação de “pôr a língua a funcionar através de um acto individual de utilização” (Benveniste, 1974, p. 80). Em relação à nossa materialidade discursiva, destacamos que além do discurso oral, há também a construção visual organizada com a finalidade de instaurar como contexto comunicacional o momento de um culto religioso evangélico, cuja pregação era presencial, mas também foi transmitida simultaneamente do modo *online* e, posteriormente, disponibilizada para acesso virtual na plataforma *YouTube*. Desse modo, em relação às qualidades imagéticas específicas que delimitam a cenografia do nosso *corpus*, podemos analisar na Figura 10 (p. 49) o enunciador (André Valadão) no meio do palco, atrás dele há um espaço em que imagens são projetadas ao longo da ministração, estas variam entre a imagem de divulgação do culto (Figura 8, p. 34) e citações bíblicas referenciadas no momento da enunciação (Figura 9, p. 44). Abaixo do palco, pela imagem da transmissão podemos ter uma ideia do público que está à frente do enunciador, mas esse é apenas uma sombra, contornos de cabeça, pois só André Valadão no palco é iluminado e pode ser visto claramente.

Um dos aspectos da cenografia é a autolegitimação da cena enunciativa e do estatuto de seu enunciador, assim, o pastor legitima a si mesmo e a seu discurso ao moldar a cenografia de um culto religioso evangélico sério. A retórica de Valadão reforça sua autoridade ao empregar uma linguagem direta, carregada de emoção e com apelo a valores morais absolutos. Ao condenar o “orgulho”, ele usa uma estrutura de linguagem que impõe um julgamento moral, o que o posiciona como alguém com poder para definir o certo e o errado, de acordo com a visão religiosa.

Recorte VII:

[Eu preciso falar sabe por quê? Porque isso provoca Deus Eu preciso falar porque esse mês todo nós vamos falar e vamos apontar o pecado vamos apontar o caminho da santidade vamos apontar o caminho por quê? Porque está entrando está sujando está destruindo aquilo que presta atenção Deus não destruiu a humanidade por causa de roubo Deus não destruiu a humanidade por causa de assassinatos. Deus não destruiu a humanidade Quem está pegando aqui? Por causa de idolatria Deus destruiu a humanidade por causa de imoralidade sexual Nível daquilo que Deus repugna é imoralidade sexual como um pecado grave]

A partir das três categorias responsáveis por construir a cena enunciativa, em nosso *corpus* de análise pudemos destacar que a autoridade religiosa de André Valadão é construída em seu discurso a partir de um conjunto de estratégias discursivas que envolvem a criação e reforço de um *ethos* religioso e moral. Cada dimensão estabelecida pelas cenas de enunciação contribuem para determinar a posição do pastor como uma autoridade religiosa legítima dentro do contexto evangélico. Como um pastor evangélico, Valadão destaca a emergência de falar sobre o assunto e se posicionar, uma vez que é dever do pastor salvar a sua comunidade, proteger os seus fiéis ele fala em nome de sua igreja. Há no discurso de Valadão afirmações que definem a vontade de Deus, ele explica aos seus fiéis de modo enfática o porquê o pecado da homossexualidade é o mais grave, contextualiza a vontade de Deus, pois, em sua lógica argumentativa, Deus destruiu toda a sua criação por causa da prática da “imoralidade sexual”.

A partir do exposto, podemos concluir que a autoridade de André Valadão enquanto pastor evangélico não é pessoal, mas simbólica, pois sustenta-se pela instituição religiosa e na articulação entre as cenas da enunciação da pregação religiosa. Essas dimensões permitem que o enunciador assuma uma posição de poder, na qual suas palavras são vistas como interpretações legítimas da vontade divina, apoiadas por uma longa tradição religiosa. Dessa forma, Valadão cumpre o papel que se espera de um pastor: condenar o pecado, oferecer orientação e reforçar a fé dos seus seguidores, moldando a mensagem para alcançar os objetivos espirituais e ideológicos do discurso evangélico.

3. 3 Ethos

Após tratarmos da cena englobante, da cena genérica e da cenografia, é necessário nos concentrarmos na figura do enunciador dentro da cena de enunciação, pois esta é construída na cenografia e também é responsável pela legitimação do ato discursivo. De acordo com a corrente teórica que adotamos, quando falamos da figura do enunciador estamos discutindo o *ethos*, a imagem que o enunciador projeta de si mesmo ao enunciar, ele é uma parte

indissociável da dinâmica enunciativa. Como discutimos acima, dentro da cena de enunciação, responsável por delimitar o espaço no qual o discurso se inscreve e as regras, o *ethos* emerge como uma identidade discursiva que legitima o enunciador.

Compreendemos que a noção do *ethos* refere-se ao sujeito que se constrói como fonte do enunciado, ele é a “origem” do ato enunciativo, a pessoa que sustenta um dizer. De acordo com Maingueneau (2004) podemos dizer que o enunciador, ao falar, cria uma imagem de si que vai além de sua identidade física: ele encarna um sujeito discursivo. O estudo do *ethos* relaciona-se ao interesse de analisar as condições de produção discursiva (Maingueneau, 2008b), pois ele é o autor do ato enunciativo.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências lingüísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. (Amossy, 2005, p. 9).

Amossy (2005) ressalta que o *ethos* está diretamente relacionado à cena de enunciação, ou seja, ao contexto no qual o discurso é produzido. No caso de Valadão, a cena englobante religiosa já estabelece uma expectativa de que ele seja um líder espiritual, entretanto, é na cena genérica da pregação que o *ethos* de Valadão como pastor se consolida. A cena de enunciação molda a imagem de si, e esta, por sua vez, influencia a interpretação do discurso pelos co-enunciadores.

Para Maingueneau (2004 e 2008b) a noção de *ethos* articula-se na cena de enunciação, desse modo entendemos que uma análise discursiva que concentra-se apenas na cena de enunciação é insuficiente, pois temos em mente que “toda fala procede de um enunciador encarnado; mesmo quando escrito, um texto é sustentado por uma voz – a de um sujeito situado para além do texto” (Maingueneau, 2004, p. 95). O *ethos* é uma apresentação de si implícita no ato discursivo, na Análise do Discurso esse conceito ajuda a entender como o enunciador constrói sua autoridade e como essa construção está vinculada às condições de produção do discurso, à cena de enunciação e às expectativas dos co-enunciadores.

Em nossas discussões trabalhamos o *ethos* como a construção do sujeito discursivo que resulta das condições de produção do enunciado, ele constitui-se no próprio dizer do enunciador. Análogo à Maingueneau (2004 e 2008b), entendemos que essa *imagem de si* é o sujeito da enunciação e que só existe no ato enunciativo, ele é resultado das escolhas do enunciador, é uma instância discursiva. O corpo enunciante não se limita ao discurso verbal, ele abrange aspectos como tom de voz, postura, gestos, e até elementos simbólicos que afetam

a percepção do público. A imagem construída durante a enunciação não está explícita no conteúdo do discurso, mas sim implícita em como o enunciador apresenta-se para os seus co-enunciadores.

Não se trata das afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, contrariamente, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... [...] É na qualidade da fonte da enunciação que ele se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam a sua enunciação aceitável ou não. (Ducrot, 1094, p. 201 *apud* Maingueneau, 2004, p. 98)

Em uma cena englobante religiosa, como a pregação de André Valadão, o *ethos* se constrói sobre a figura do pastor como um intermediário entre o divino e os fiéis. A autoridade do enunciador não vem apenas da eloquência ou domínio da fala, mas da legitimidade que ele possui como alguém supostamente autorizado por Deus para transmitir uma mensagem divina.

Já o *ethos* construído na cena genérica a partir de um contrato social tácito requer que o enunciador (pastor) cumpra certas expectativas, como oferecer uma mensagem de esperança, de condenação às práticas pecaminosas e de redenção para aqueles que obedecem as Escrituras e serão premiados com a vida eterna. O *ethos* do pastor é julgado pela sua capacidade de cumprir esse papel, ele deve demonstrar piedade, sabedoria e autoridade espiritual para que os fiéis o reconheçam como legítimo fiador da palavra divina. Esse contrato também implica que o público aceite essa figura de autoridade como alguém acima dos julgamentos terrenos, obedecendo-o como representante de Deus.

A cenografia, conforme Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008c e 2015), envolve a construção do ambiente discursivo em que o *ethos* se manifesta. A construção da cena enunciativa adapta-se ao *ethos*, criando uma interação com o público que favorece sua aceitação e adesão à mensagem. No caso de Valadão, a cenografia religiosa ajuda a consolidar a imagem de um enunciador piedoso com aqueles que seguem os mandamentos divinos e devoto aos ensinamentos bíblicos, ele guia os fiéis em um ambiente ritualístico, é um *ethos* que representa e reforça a ideia de autoridade espiritual.

A imagem construída do enunciador no ato discursivo constitui-se de um conjunto formado por “determinações físicas e psíquicas ligadas pelas representações coletivas à personagem do enunciador” (Maingueneau, 2004, p. 98). Em nossa análise discursiva não há o sujeito físico ou o lugar empírico, mas as representações destes que são construídas na enunciação. É na relação entre o enunciador e seus co-enunciadores que surge o sujeito

discursivo, Maingueneau (2004, p. 98) o compreende como “uma instância subjetiva que desempenha o papel do **fiador** do que é dito”.

O *ethos* de um discurso resulta da interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto nos quais o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*) – diretamente (“é um amigo que lhes fala”) ou indiretamente, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala, por exemplo. (Maingueneau, 2008b, p. 18)

A partir de “indícios textuais de diversas ordens”, que não necessariamente precisam corresponder a realidade do mundo empírico, os co-enunciadores atribuem um caráter e um corpo social ao enunciador, o *fiador*. Assim, em nosso *corpus* não analisamos o sujeito empírico André Valadão, mas o *ethos* discursivo que emana do ato enunciativo que é encenado. O corpo que enuncia a pregação “Deus odeia o orgulho” e é construído à medida que enuncia.

O pastor André Valadão, como enunciador, apresenta-se como alguém que não age em nome próprio, mas como um intermediário divino. Essa ideia reflete-se nas palavras de Oliveira (2010), que destaca como pastores e bispos, na comunidade evangélica neopentecostal, são líderes espirituais dotados de poder sobre a igreja e sobre o destino dos fiéis no Reino dos Céus. Isso implica que Valadão não fala com sua própria autoridade, mas com a de Deus, durante a sua pregação ele se preocupa em destacar para os seus fiéis que não é ele quem está falando, mas sim Deus, e afirma que tudo o que está dizendo está na Bíblia.

Recorte VIII:

[OK mas e quando a Bíblia já diz? Então eu me tiro de dizer o que eu acho e passo a ler o que a Bíblia diz A Bíblia não está dizendo que uma pessoa que vive uma prática dessa maneira vai pro céu A Bíblia está dizendo que ela não vai pro céu]

Durante a sua pregação, Valadão construí-se como um líder religioso corajoso, cuja moral cristã está acima das leis dos homens. A sua autoridade religiosa é construída não apenas pela sua posição como líder de uma grande igreja, mas também pelo seu domínio da linguagem religiosa e pela sua capacidade de encarnar a figura de um pastor moralmente inquestionável quando se contrapõem a outros fiéis e líderes religioso que não pregam a palavra por medo do julgamento, por “repressão” social.

Recorte IX:

[Eu estou aqui pra te dizer, você tem toda a liberdade de prestar seu culto ao senhor Você tem toda a liberdade de falar aquilo que você crê Você tem toda

a liberdade de dizer aquilo que está na palavra de Deus você tem toda a liberdade de adorar o senhor, de vir domingo na igreja, de estabelecer uma família amém? Que tá pegando isso aqui comigo? de estabelecer aquilo que é pela Bíblia aquilo que nós cremos Por isso Deus repugna o orgulho]

Destacamos que o *ethos* discursivo do pastor André Valadão constrói-se como um homem corajoso e moral, ele reforça princípios cristãos em sua postura e opiniões sobre o atual contexto brasileiro, principalmente no que refere-se ao movimento LGBTQIAPN+ e as representações sociais da diversidade sexual e de gênero. A legitimidade do que o Valadão afirma ser moral ou imoral dentro da perspectiva cristã, que reforça o seu *ethos* pastoral, dá-se pela intertextualidade destacada com a Bíblia, a todo momento ele afirma que não é André Valadão, o homem que está dizendo, mas sim André Valadão, o intermediário da palavra Divina.

A autoridade religiosa de André Valadão é construída a partir de um *ethos* consolidado em seu papel de pastor, fiador da palavra de Deus. Ele se apresenta como alguém que detém a verdade divina, cujo discurso está alinhado com as expectativas da comunidade religiosa. Dessa forma, a análise do *ethos* nos permite compreender como a autoridade de Valadão é construída no interior da cena de pregação e como ele utiliza essa imagem de si para garantir a adesão de seus co-enunciadores.

Conforme Maingueneau (2004), o *ethos* não é apenas uma característica do sujeito empírico, mas sim uma construção discursiva que emerge no ato de enunciação. O enunciador, ao falar, encarna um sujeito discursivo. Isso significa que o *ethos* de André Valadão, em seu discurso, não se refere diretamente à pessoa real, mas à imagem de líder religioso que ele constrói e que é percebida pelos co-enunciadores. A imagem de poder e autoridade moldam o *ethos* pastoral representado, estabelecendo que suas origens e ensinamentos devem ser obedecidos porque representam a vontade divina, essa incorporação física e moral do *ethos* é fundamental para que a mensagem religiosa seja crível e persuasiva, especialmente em contextos em que o público espera ser guiado por alguém que represente o divino.

CAPÍTULO IV – O DISCURSO INTOLERANTE E O ETHOS DISCURSIVO INTOLERANTE NA MINISTRAÇÃO “DEUS ODEIA O ORGULHO”

A partir do conhecimento teórico que destacamos e do nosso entendimento da situação contextual do ato enunciativo, como foi exposto acima, realizamos um exame do discurso de André Valadão em que analisamos a intolerância ao movimento do orgulho LGBTQIAPN+ e à prática da homossexualidade construída na enunciação do pastor. Assim, nos concentramos em compreender a construção de sentidos a partir do *ethos* mobilizado, o contexto do ato enunciativo, o tema do discurso e as figuras imagéticas que são postas em jogo.

Compreendemos que o discurso intolerante é aquele que expressa a negação ou rejeição de grupos, ideias, comportamentos ou identidades que destoam dos valores morais e normas da ideologia daquele que enuncia. Esse tipo de discurso é utilizado para promover a marginalização e exclusão daqueles que não se enquadram em padrões pré-estabelecidos, sejam estes relativos à etnia, gênero, orientação sexual, posicionamento político ou religião

O discurso intolerante pode se manifestar de várias formas, desde a negação explícita de direitos de determinados grupos até a disseminação de estereótipos, preconceitos e incitação ao ódio ou à violência. Ele tende a perpetuar relações de poder desiguais, reforçando a hegemonia de um grupo sobre outro, e frequentemente se ancora em ideologias religiosas, culturais ou políticas que defendem uma visão única ou restrita de “correto” ou “aceitável”. A construção da identidade intolerante e do discurso intolerante ocorre na manutenção de oposições, há o bem e há o mal, há o certo e o errado etc. há aquilo com o que eu me identifico e aquilo que é contrário a mim. Laplanche e Pontalis (1985, p. 208 *apud* Hall, 2014, p. 107) compreendem que a construção do *eu* se dá em relação com a identificação daquilo que está dentro de sua cultura, eu sou aquilo com o que eu me identifico socialmente e culturalmente.

[e] precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos ou institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional –isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (Hall, 2014, p. 109 – 110).

De acordo com Barros (2008, p. 150) o discurso intolerante organiza-se a partir da lógica de sancionar negativamente aqueles que descumprem um contrato social. Assim a teórica afirma:

A hipótese que elaboramos é a de que o discurso intolerante é, sobretudo, um discurso de sanção aos sujeitos considerados maus cumpridores de certos contratos sociais (por exemplo, de branqueamento da sociedade, de pureza lingüística) e que, portanto, devem ser reconhecidos como pretos ignorantes, usuários de língua incorreta, índios bárbaros, judeus exploradores, árabes fanáticos, e punidos (com a perda de direitos, de emprego, com a morte). Concebida a narrativa dessa forma, a intolerância dos discursos encontra sua justificativa.

Compreendemos que nosso *corpus* é um discurso intolerante à prática da homossexualidade e ao que o movimento do orgulho LGBTQIAPN+ representa para uma comunidade evangélica. A construção estigmatizada da prática homossexual como algo que deve ser rechaçado, controlado e punido é legitimada pela interdiscursividade com o discurso bíblico. Na pregação religiosa “Deus odeia o orgulho” o contrato social que organiza as relações é o da moralidade cristã, e os maus cumpridores dele são aqueles que não agem de acordo com aquilo que foi criado por Deus, com o que é natural. As pessoas que pertencem ao movimento do orgulho e praticam a homossexualidade estão indo contra a vontade de Deus.

Recorte X:

[Eu falo com vocês Deus odeia o orgulho Deus não tolera uma das palavras mais é difíceis pra Deus é orgulho Deus odeia ele repugna qualquer atitude de orgulho Só o uso da palavra orgulho Deus já condena qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho Deus abomina Porque Deus não está com quem se orgulha Deus está Deus está com quem se humilha Então o esse o mês do orgulho eu considero que hoje é o mês que Deus mais repugna na humanidade Porque só a expressão orgulho é a expressão que mais provoca a Deus irrita Deus e Deus condena Deus não está com os orgulhosos Deus está com os humildes].

No discurso religioso a lógica do que é punível ou não é de acordo com o texto bíblico, uma narrativa que estrutura o mundo determinando que aqueles que forem contra o que Deus prega estão errados e serão punidos no final, já aqueles que estão de acordo com Deus são corretos e serão bonificados. O fanático religioso, de acordo com Oz (2016), enxerga o mundo de modo maniqueísta, há o bem e o mal e eles estão em um embate constantemente para ver quem vence. Com isso, analisamos que o discurso de André Valadão se constrói na manutenção do maniqueísmo cristão, Deus é bom e tudo aquilo que não foi criado por Ele é mau e representa uma ameaça para a ordem dos “justos”.

Recorte XI:

[eu preciso odiar o pecado eu preciso odiar a impureza sexual eu preciso ter ódio ódio daquilo que Deus não criou de forma natural eu preciso ter nojo Eu preciso romper na minha vida não deixar que isso entra na minha casa na

mente dos meus filhos das minhas crianças do meu casamento eu não posso tratar naturalidade aquilo que Deus repugna].

Nessa lógica, os cristãos que seguem a Palavra são bons, justos e corretos, pois eles obedecem ao que é natural. Já aquilo que está fora deste grupo, que não foi criado por Deus, não corresponde aos mesmos valores sociais e está contra o desejo do Senhor é ruim, eles são injustos e errados.

Compreendemos, de acordo com Foucault (1979, 2008a e 2009), que o cuidado do pastor em relação aos seus fiéis funciona como uma ferramenta de poder. Como representante da fé e líder religioso, é dever de Valadão cuidar de sua comunidade, mostrar a eles qual caminho seguir para alcançar a salvação e o bem de todos. Por isso o seu discurso mobiliza-se a partir de uma preocupação sua, pois ele precisa zelar por aqueles que guia. Destacamos que, como o discurso em questão é um Discurso Religioso, o seu enunciador impõe-se apenas como um mediador da palavra bíblica, não é ele quem diz que essas pessoas são erradas, mas Deus. A preocupação que justifica a realização deste culto parte do pastor André Valadão e da Igreja, como podemos analisar no Recorte XII, mas ela é necessária, pois os problemas analisados vão contra a vontade de Deus, e Valadão é o responsável por intermediar a relação humano/Sagrado.

Recorte XII:

[eu preciso falar. Eu preciso falar, sabe por quê? Porque isso provoca Deus. Eu preciso falar porque esse mês todo nós vamos falar e vamos apontar o pecado vamos apontar o caminho da santidade]

Uma das estratégias discursivas mobilizadas pelo enunciador intolerante é a inversão da relação entre a maioria e a minoria social. O cristão, no enunciado de Valadão, é trabalhado como se estivesse sendo ameaçado, há um movimento que busca censurá-los, que quer acabar com o que eles são e com aquilo que acreditam. Aqui o discurso constrói-se a partir da inversão do atual contexto nacional em que há movimentos religiosos intolerantes à comunidade LGBTQIAP+. Na pregação o opressor é construído como um oprimido simbólico, ele está sendo ameaçado e acuado, está ficando constrangido por pregar a Bíblia.

Recorte XIII:

[E aí existe um outro ensino hoje que está envenenando a igreja que é o ensino da empatia. Empatia. E você não tem ideia como que dói meu coração pregar isso hoje. Mas não deveria doer A igreja hoje ela se constrange em falar de pecado].

Nessa inversão há a busca pela adesão do co-enunciador fomentando o medo e a insegurança ao outro, ao que é diferente. Como podemos analisar no Recorte XIV, em que o modo de vida do crente está sob ameaça, a sua liberdade de exercer a própria fé está sendo oprimida por uma “agenda cultural”, como define Valadão em seu culto, que pode entrar em sua casa e influenciar os seus filhos. Neste trecho compreendemos que há a representação de uma ameaça silenciosa a Instituição Família, pois esta “agenda cultural” quer se impor superior a ela..

Recorte XIV:

[e hoje a gente vive uma agenda na mídia uma agenda externa onde marcas bilionários as redes sociais elas levantam uma agenda muito forte onde o não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver].

O enunciador de “Deus odeia o orgulho” investe na “atualização” da memória discursiva cristã em que ele reconstrói um evento emblemático bíblico a partir do léxico utilizado pelo movimento de defesa à comunidade LGBTQIAP+, “tolerância”, “respeito” e “amor”.

Recorte XV:

[a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer Deus não respeitou Lúcifer Deus não amou o Lúcifer Deus expulsou Lúcifer do reino Deus chutou Lúcifer dos Céus ele caiu como um relâmpago ele foi colocado pra fora porque Deus repugna o orgulho Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho].

Os orgulhosos são a representação em terra de Lúcifer, o anjo caído por traição a Deus, por ir contra aquilo que era natural. O orgulho corrompeu Lúcifer. Como destacamos na seção 2. 1, o sermão ministrado por André Valadão institui-se como um novo texto a partir do Discurso Teológico Bíblico. É dever do enunciador explicar a revelação de Deus sobre um problema da atualidade a partir de versículos bíblicos. Como exemplo, para falar sobre a imoralidade sexual e sobre as manifestações públicas do orgulho em um primeiro momento o enunciador lê o texto bíblico com os seus fiéis (Romanos, capítulo 1, versículo 20-24)

Recorte XVI:

[eu estou lendo apóstolo Paulo São Paulo O que que ele diz? “Dizendo-se sábios Tornaram-se loucos” Olha como o Espírito Santo trata a promiscuidade “Dizendo-se sábios tornaram-se loucos”].

Durante a leitura, o pastor se interrompe para destacar que não é ele mesmo que está dizendo, mas a Bíblia. Valadão utiliza essa passagem bíblica para explicar um problema da

atualidade à luz de Deus e se isenta do que está sendo dito. No que o enunciador complementa:

Recorte XVII:

[Hoje você vê um debate, você vê debate de um de um homem que se sente mulher competir em competições femininas Eu vi esses dias um vídeo de uma manifestação na Europa de pessoas que se sentem cachorros latindo na rua Dizendo-se sábios tornam-se loucos]

Para o enunciador do discurso intolerante analisado, a palavra de Deus estabelece o que é certo/errado, natural/não-natural, positivo socialmente/negativo socialmente. A partir de Barros (2016), compreendemos que a intolerância do enunciador André Valadão instala-se construindo o *Outro* como anormal. Não há naturalidade em quem vai contra o plano de Deus, logo, ele não está agindo corretamente, não merece a sanção positiva de acordo com a lógica cristã.

O orgulhoso e o praticante da homossexualidade agem contra a natureza, contra aquilo que é certo, por isso merecem ser sancionados negativamente. O enunciador intolerante constrói-se a cada ato enunciativo de acordo com os diálogos estabelecidos em seu interior e com os outros discursos sociais que trabalha.

Recorte XVIII:

[Deus não criou Adão e outro Adão imagine Deus criar Adão e criou o outro Adão e falou assim multiplique-se Agora multiplica. Não tem como Deus não criou isso Não faz parte do plano de Deus que é natural é natural tudo que Deus faz é natural ele tem um ciclo ele tem uma forma e o que se rompe nisso é promíscuo é rebelião é orgulho Deus abomina].

Apenas o que é natural é merecedor da sanção positiva da Palavra de Deus. Ao afirmar que “Deus não criou Adão e outro Adão”, André Valadão retoma a história bíblica que está no primeiro livro de Moisés, Gênesis, em que tudo que Deus criou era natural e cheio de bênçãos, mas quando houve o descumprimento de uma de Suas leis, Ele amaldiçoou o homem e o lançou para fora do paraíso. Como Barros (2016) assevera, o diferente no discurso intolerante é aquele que rompe com os contratos sociais. Assim, o diferente no discurso de André Valadão é o “Adão com outro Adão”, são sujeitos que não estão sendo éticos com a sua natureza, o que faz que possam (e devam) ser temidos e odiados. Eles são uma ameaça aos princípios éticos cristãos e à família evangélica.

Recorte XIX:

[são insensatos desleais sem amor pela família odeiam a família odeiam a família hétero homem mulher gerar filhos].

Para argumentar em defesa da ideia de que aqueles que fazem parte do movimento do orgulho LGBTQIAPN+ representam para a comunidade cristã evangélica, o enunciador André Valadão investe na imagem de que eles odeiam tudo aquilo que o *ethos* de Valadão representa e com o que o público concorda e se identifica. A ideologia manifestada na enunciação de André Valadão constrói que o *outro* é uma potencial ameaça a tudo que eu acredito e sou, é ele quem tem ódio, eu apenas reajo a isso. A intolerância ao movimento do orgulho e aos que praticam a homossexualidade justifica-se na medida em que o enunciador (e os co-enunciadores que identificam-se com ele) mostra que eles não compartilham a mesma identidade. O investimento de que são sujeitos socialmente diferentes é de acordo com as relações específicas de poder, aceito aquilo que é igual a mim, aquilo que é valorado positivamente e posso (preciso) excluir aquilo que é diferente da minha essência, está em desacordo com o que é correto e deve ser mantido em sociedade.

A pregação “Deus odeia o orgulho” constrói-se para instruir os seus fiéis a condenar comportamentos e identidades que representam a diversidade sexual, baseando-se em uma leitura bíblica que legitima essa rejeição. Apesar de introduzir a problemática do orgulho como algo generalizado, no decorrer de seu enunciado André Valadão passa a relacionar esse “pecado” aos sujeitos LGBTQIAPN+. Ao traçar uma analogia entre Lúcifer, figura central do mal na tradição cristã, e o movimento do orgulho, Valadão promove uma equivalência condenável entre ambos, há a demonização da comunidade LGBTQIAPN+, pois ela é a representação da traição a Deus por um de seus anjos.

A cena de intolerância à comunidade LGBTQIAPN+ no discurso de André Valadão constrói-se dentro de uma estrutura que combina elementos religiosos (a figura de Deus, citações bíblicas), discursivos (a construção de um “inimigo” por meio de comparações com figuras bíblicas) e sociais (a promoção da marginalização de um grupo social específico). Esta cena enunciativa investe em um ambiente em que a intolerância aos direitos e à diversidade sexual e de gênero é naturalizada e justificada como parte de uma verdade religiosa inquestionável. Não há espaço para aceitar o diferente, pois a intolerância dá-se à voz de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos a relevância de analisar o discurso religioso cristão, especialmente o seu papel no contexto brasileiro como um Discurso Institucional que organiza e legitima normas sociais e comportamentais. Ao longo da pesquisa nos foi possível evidenciar como o Discurso Religioso cristão evangélico, particularmente no contexto neopentecostal, atua como um dispositivo de poder, moldando tanto a vida individual quanto a coletiva. A partir da análise discursiva da pregação de religiosa “Deus odeia o orgulho”, enunciada pelo pastor André Valadão no ano de 2023, verificamos como o discurso bíblico e religioso é atualizado para legitimar práticas de intolerância em relação a comunidade LGBTQIAPN+

Com base nas leituras de Maingueneau (1997a, 2004, 2008a, 2008b, 2008c) e Foucault (1979, 2008a, 2008b e 2009) destacamos que o discurso religioso não limita-se ao domínio espiritual, mas também exerce um domínio sobre as esferas política e social. No desenvolvimento da nossa pesquisa, a preocupação em relação a intolerância à comunidade LGBTQIAPN+ em discursos religiosos ganhou centralidade a partir da compreensão de que o envolvimento da religião no Estado é um entrave para os avanços de políticas públicas que invistam nos direitos de qualidade de vida a todos com equidade. A presença significativa de parlamentares ligados à Frente Parlamentar Evangélica no Brasil é um exemplo claro de como o Discurso Religioso molda a agenda política e cultural, promovendo uma política conservadora que reflete os valores religiosos nas decisões do Estado.

A pregação religiosa de André Valadão contra o movimento do orgulho não é uma simples mensagem transmitida pelo enunciador em sua posição social de pastor, mas sim um fenômeno social e discursivo. Os sentidos do discurso religioso dependem das relações discursivas e ideológicas que se entrelaçam em uma complexa rede para (re)produzir significados e efeitos de sentido. O discurso “Deus odeia o orgulho” valoriza a obediência aos mandamentos divinos e baseia-se em uma noção de moralidade cristã que distingue aquilo que representa o bem e o mal, o moral e o imoral. O papel representado pelo divino representa gera um padrão de comportamentos influenciados pela ideal de um Deus que abomina aquilo que é pecaminoso e é bondoso apenas com aqueles que são obedientes à lei divina.

Em nosso *corpus*, Valadão adverte os fiéis sobre os perigos do mês do orgulho, ele destaca à luz da doutrina cristã como o movimento do orgulho LGBTQIAPN+ vai contra o que Deus espera do ser humano. O enunciador assume o papel social de um líder espiritual, alguém com autoridade para interpretar textos sagrados e orientar a sua comunidade religiosa. Por sua vez, os seus co-enunciadores, os membros da congregação, assumem o papel de

ouvintes, espectadores e, muitas vezes, participantes ativos, respondendo verbal ou não verbalmente às palavras do pastor (como améns, aplausos ou expressões de concordância).

A partir da pregação de André Valadão sobre o tema do orgulho, observamos como o Discurso Religioso pode se tornar uma ferramenta de intolerância, incentivando os fiéis a reproduzirem comportamentos de exclusão e marginalização baseados em uma interpretação específica das escrituras bíblicas. As citações bíblicas destacadas para defender o argumento religioso organizam-se a partir da ideia de imoralidade sexual e pecado.

Na análise discursiva do *corpus*, vemos que além de compartilhar ideias LGBTQIAPN+fóbicas a partir da doutrina cristã, o enunciador também investe, por meio do preceito religioso da evangelização, na ideia de que é dever de todo cristão pregar a Palavra para quem vive na prática condenada. Os seus co-enunciadores são incentivados a praticar a intolerância, pois Deus também se levantou contra eles.

O incentivo à manutenção da intolerância religiosa à comunidade LGBTQIAPN+ dá-se na pregação através da projeção de polêmicas e desvio pelas pessoas que fazem parte desse grupo. Raramente André Valadão utiliza palavras como “gay”, “lésbica” e “trans” em seu discurso, mas ele fala sobre essas questões a partir de sua relação cristã com “o desviado”, “aquele que pratica a imoralidade sexual”, “o orgulhoso”, “aquele que quer ir contra a natureza de Deus”.

Trazer para o âmbito acadêmico discussões sobre intolerância, religião e poder permite uma melhor compreensão das dinâmicas sociais e políticas que envolvem a relação entre religião e Estado, além de fortalecer a prática democrática e promover a equidade social. análise crítica dessas práticas discursivas é fundamental para a desconstrução de discursos intolerantes e fundamentalistas que buscam manter o controle social e perpetuar a desigualdade. Assim, consideramos que este estudo contribui para a compreensão de como os discursos intolerantes operam, não apenas em termos religiosos, mas também como instrumentos de coerção e manutenção de uma ordem social, reforçando hierarquias e limitando a diversidade de pensamentos e práticas dentro da sociedade.

O discurso de Valadão, especificamente em sua pregação “Deus odeia o orgulho”, serve como um exemplo emblemático de como a retórica religiosa é utilizada para condenar a diversidade sexual e de gênero, associando o orgulho LGBTQIAPN+ a comportamentos moralmente condenáveis segundo a doutrina cristã. Além disso, a pesquisa evidenciou que o discurso de Valadão não se limita à condenação religiosa, mas incentiva a intolerância ativa entre seus seguidores, apresentando a rejeição da comunidade LGBTQIAPN+ como uma responsabilidade moral e religiosa de todo cristão. Essa construção discursiva contribui para a

naturalização de práticas intolerantes e a legitimação de discursos que fomentam a exclusão social, reforçando estereótipos e preconceitos.

A identificação e análise das falácias e inconsistências lógicas utilizadas para argumentar contra o direito de existir do outro é fundamental para desmistificar o fundamentalismo religioso intolerante. Defendemos a ideia de que as práticas discursivas intolerantes têm implicações diretas na manutenção das hierarquias sociais, reforçando o poder institucional da religião e moldando o comportamento dos sujeitos, em especial no Brasil, onde religião e Estado se entrelaçam culturalmente e politicamente. O estudo dos discursos de figuras religiosas, como André Valadão, evidencia o uso do discurso religioso como ferramenta de influência moral e social, legitimando valores que perpetuam o controle e a regulação dos corpos e das vidas.

Por fim, reforçamos a importância de estudos como o desenvolvido aqui para o fortalecimento de resistências contra discursos de exclusão e para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos sejam respeitados. A Análise do Discurso desempenha, assim, um papel crucial na compreensão e no enfrentamento das formas de intolerância que ainda permeiam nossa sociedade. Encerramos este trabalho destacando a necessidade de continuar investigando o papel dos discursos religiosos na configuração das estruturas sociais.

REFERÊNCIAS

ALTHUSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Editorial Presença ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. – São Paulo: Contexto, 2005.

BARROS, Fabiano Augusto Buchholz de. *Uma resposta ao sentimento de angústia moderno: o caso da Igreja Batista da Lagoinha*. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 119. 2010. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-8BVNKJ/1/disserta_o_de_fabiano_august_o_buchholz_de_barros.pdf

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro Semiótico*. nº 11 - 12, p. 60 - 74, jul, 1989 - jan. 1990. Disponível em: <https://felsemiotica.com/descargas/cruzeirosemiottico1112.pdf> Acesso em: 11 de ago. 2022.

_____. O discurso intolerante: primeiros estudos. *DIVERSITAS*. São Paulo. 2005. Disponível em: <https://diversitas.fflch.usp.br/o-discurso-intolerante-primeiros-estudos> Acesso em: 11 de ago. 2022.

_____. A identidade intolerante no discurso separatista. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, v. 9, p. 147-167, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59777/62886> Acesso em: 11 de ago. 2022.

_____. A Construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, D. L. P. de. *Preconceito e intolerância*. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: editora Mackenzie, p.255-270, 2011. Acesso em: 11 de ago. 2022.

_____. Estudos discursivos da intolerância: o ator da Enunciação Excessivo. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 58, n. 1, p. 7-24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151> Acesso em: 11 de ago. 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos últimos Dias, Salt Lake City, Utah, EUA, 2015. Disponível em: https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/shared/content/portuguese/pdf/language-materials/83800_por.pdf

BARROS II, João R. *Pode pastoral e cuidado de si em Foucault*. Foz do Iguaçu: EDUNILA – Editora Universitária, 2020.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II* – Campinas, SP: Pontes, 1989

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. – 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995. Editora da Universidade Estadual de Campinas.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2004

BRANDÃO, Sebastião Hugo. Religião na pós-modernidade. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 14, n. 1, 2016. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8088> Acesso em: 02 mar. 2024

BRASIL. *Constituição* (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARREIRA, Rosângela. *Paratopia e proxêmica discursiva: discurso e resistência na literatura*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020 [e-book il]. Disponível em: <https://pdf.blucher.com.br/openaccess/9786555060584/completo.pdf> 20 jul. 2024

CHARAUDEAU, Patrick, MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, Eloízio. Evangelizar - Tarefa de todo cristão. Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte. Disponível em: <https://oitavaigreja.com.br/evangelizar-tarefa-de-todo-cristao/> Acesso em: jul. 2021

COSTA, Waldney de Souza Rodrigues. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v.14, n.2, p.03-24, jul-dez/2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/download/26975/18656/106497> Acesso : 13 jul. 2023

DIJK, Tuen A. van. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. 1. ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FILHO, Prócoro Velasques. Declínio do cristianismo tradicional e ascensão das religiões do espírito. In.: MENDONÇA, Antonio Gouvêa e FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição: maio de 2002. São Paulo: Edições Loyola, 1990. (p. 249 – 265

FIORIN, José Luiz. Tendências da Análise do Discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 19, p. 173–179, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636834>. Acesso: 05 mar. 2024

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. – Rio de Janeiro: Edição Graal, 13ª ed, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France* (1977 - 1978). – São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. 7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France, 1979 - 1980: aulas de 09 e 30 de janeiro de 1980*. – São Paulo: Centro de Cultural Social, 2009.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

HERVIEU-LÉGER, Daniele; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2009.

HIGEUT, Etienne Alfred. Apresentação do dossiê. *Hermenêutica: Religião na produção e crítica de sentidos*. Estudos de Religião, v. 28, n. 1, jan.-jun. 2014 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6342620.pdf> Acesso: 13 mai. 2023

HISTÓRIA dos Frades Menores Capuchinhos, Ordem fundada por São Francisco de Assis. Santuário Basilica de São Sebastião, 03 de out. 2022. Disponível em: <https://igrejadoscapuchinhos.org.br/37239-2/#:~:text=%E2%80%99COs%20Capuchinhos%20foram%20heroicos%20mission%C3%A1rios,e%20administravam%2C%20inclusive%2C%20par%C3%B3quias> Acesso em 28 jun. 2023.

IPSOS. *Ipsos Global Advisor - Religion 2023 Report - 26 countries*. 2023. Disponível em: <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%2026%20countries.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2024.

JUNIOR, Candido Ferreira de Souza; TOMAZI, Micheline Mattedi. Paratopia e Metaenunciação no Discurso Teológico. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; CANO, Márcio Rogério de Oliveira; ELIAKIN, Jonatas (orgs.). *Paratopia - Discurso e Cultura* Vol. 3. São Paulo: Blucher, 2020.

JOSEPHUS, Flavius. *Defesa dos judeus contra apion e outros caluniadores*. Tradução de Rubens dos Santos. Belo Horizonte: Departamento de Letras Clássicas da UFMG, 1986.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3.ed. Campinas: Pontes, 1997a.

MAINGUENEAU, Dominique. *Os termos-chave da Análise do Discurso*. 1. ed. Portugal, Lisboa: Gradiva. 1997b.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Leituras e quadro hermenêutico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, nº 9, p. 279 - 292, 2007. Disponível em: <https://revistas.usp.br/flp/article/view/59784/62893> Acesso: 13 fev. 2024

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In.: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana (orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. (p. 11 - 29)

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008c.

MAINGUENEAU, Dominique. Clareza do texto, discursos constituintes e quadro hermenêutico. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 8, n. 1, p. 11-19, 2012 Disponível em <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2635/1797> Acesso em: 20 fev. 2024

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e análise do discurso*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*, v. 2, n. 1/2, p. 1-12, 2016a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331> Acesso em: 13 jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web? *Revista da ABRALIN*, v15, n. 3, p. 135-160, jul/dez. 2016b. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274/1197> Acesso em 20 mai. 2024.

MATOS, Alderi Souza de. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. *Fides Reformata*, vol. XI, nº 2, 2006. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/fides-reformata/fides-reformatada-2007-2005/fides-reformata-11-n2>

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola: 2008.

MORAIS, Edson Elias de. A religião como dispositivo de biopoder: relações de poder no cristianismo contemporâneo In: *VI Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo* (LERR/UEL), 2017, Londrina. Anais... Londrina: UEL, 2017. Disponível em: <https://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/anais/index.php/2017/SIPRMC/paper/viewFile/115/86> Acesso: 17 jun. 2024.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. *et all. A parábola do filho pródigo*. São Paulo: LPB, 2009.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. In.: NASCIMENTO, Jarbas Vargas e FERREIRA, Anderson (orgs.). *Discursos constituintes*. São Paulo: Blucher Open Access, 2020.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; SOUZA JUNIOR, Candido Ferreira de; COUTINHO, Creone. Discurso de ódio, ethos discursivo e a legitimação da escravização no Brasil. In.: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; MIRANDA, André Freitas (orgs.). *Discurso, cultura e vulnerabilidade linguística*: Série discurso e cultura, volume 5. São Paulo: Blucher, 2022.

NICHOLS, Robert Hastings. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

NORTH, Douglass C. Institutions. *Journal of Economic Perspectives* — Volume 5, Number 1, Winter 1991. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/pdfplus/10.1257/jep.5.1.97> Acesso em: 03/01/2024

OLIVEIRA, Derli Machado de. *Testemunho, mídia e prosperidade: o evangelho segundo o capitalismo neoliberal*. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem e Ensino). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p. 120. 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5784> Acesso jun. 2023.

ORLANDI. Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. – Campinas, SP: Pontes, 1987

ORLANDI. Eni Pulcinelli. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. – Campinas, SP: Pontes, 2005

ORO, Ivo Pedro. *O fenômeno religioso: Como entender*. São Paulo: Paulinas, 2013. E-book.

OZ, Amós. *Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo*. Companhia das Letras, 2016.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, Reinaldo Arruda. *Igreja Batista da Lagoinha: trajetória e identidade de uma corporação religiosa em processo de pentecotalização*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, na Faculdade de Humanidades e Direito. São Bernardo do Campo, p. 375. 2011. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/197#preview-link0> Acesso em: 25 jun. 2023

PEREZ, Clotilde. *Mascotes: Semiótica da Vida Imaginária*. São Paulo: Cengage Learning, 2011

RODRIGUES, Mária Tânia. Foucault do suplício à ditadura militar: memórias de uma história política. *Cadernos Do PET Filosofia*, vol. 12, nº 24. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/1614> Acesso em: 20 fev. 2023

SALES, Franciele E. & HAETINGER, Matheus. *A religião como instituição social*, 2014. In: <https://prezi.com/ca4bal5dfjim/a-religiao-como-instituicao-social/>. Acesso em:

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. O sermão expositivo religioso enquanto gênero do discurso: uma abordagem linguístico-dialógico-discursiva. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*. Feira de Santana, v. 19, n. 2, p. 79-90, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/3563/pdf> Acesso em: 03 jul. 2024

SCHMIDT, Erivelton Douglas. *Uma igreja para a sociedade: ação e presença social da Igreja Batista da Lagoinha à luz da eclesiologia de Jürgen Moltmann*. Dissertação (Mestrado em

Teologia). Programa de Pós- Graduação em Teologia da Faculdade de Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, p. 104. 2021. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/DISSERTACAO-ERIVELTON-SCHMIDT-FINAL.pdf> Acesso em: 04 de mai. 2023

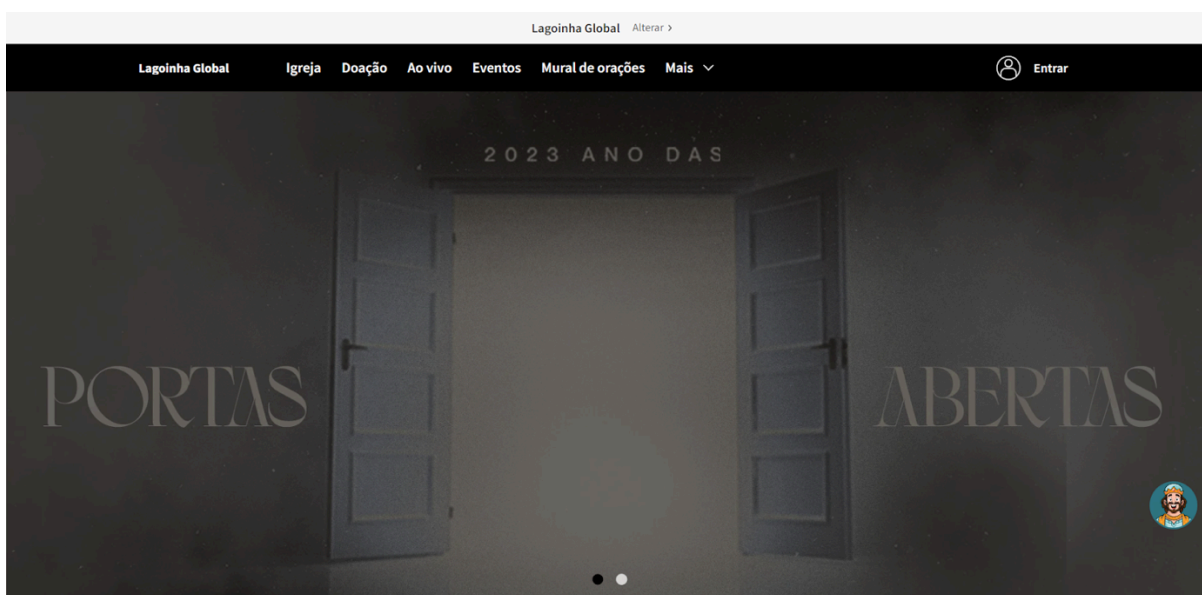
SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico* [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Flávia Santos da. *O semantismo social entre línguas*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Orientadora: Dr^a Cármen Lúcia Hernandes Agustini. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015. (p. 216)

TRIGO, Natália Guimarães. *Mascotes digitais como porta-vozes de marcas: um estudo de caso da personagem Lu, do Magalu*. Orientador: Prof. Dr. Sandro Tôres de Azevedo. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda). Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2021. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/19474> Acesso em: 04 de mai. 2023

VILHAGRA, Leonardo Teixeira de Freitas Ribeiro. *Cenografia e ethos discursivo nos testemunhos midiaticizados da Igreja Mundial do Poder de Deus*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo. Espírito Santo, p. 218. 2018.

ANEXO A



ANEXO B

✕



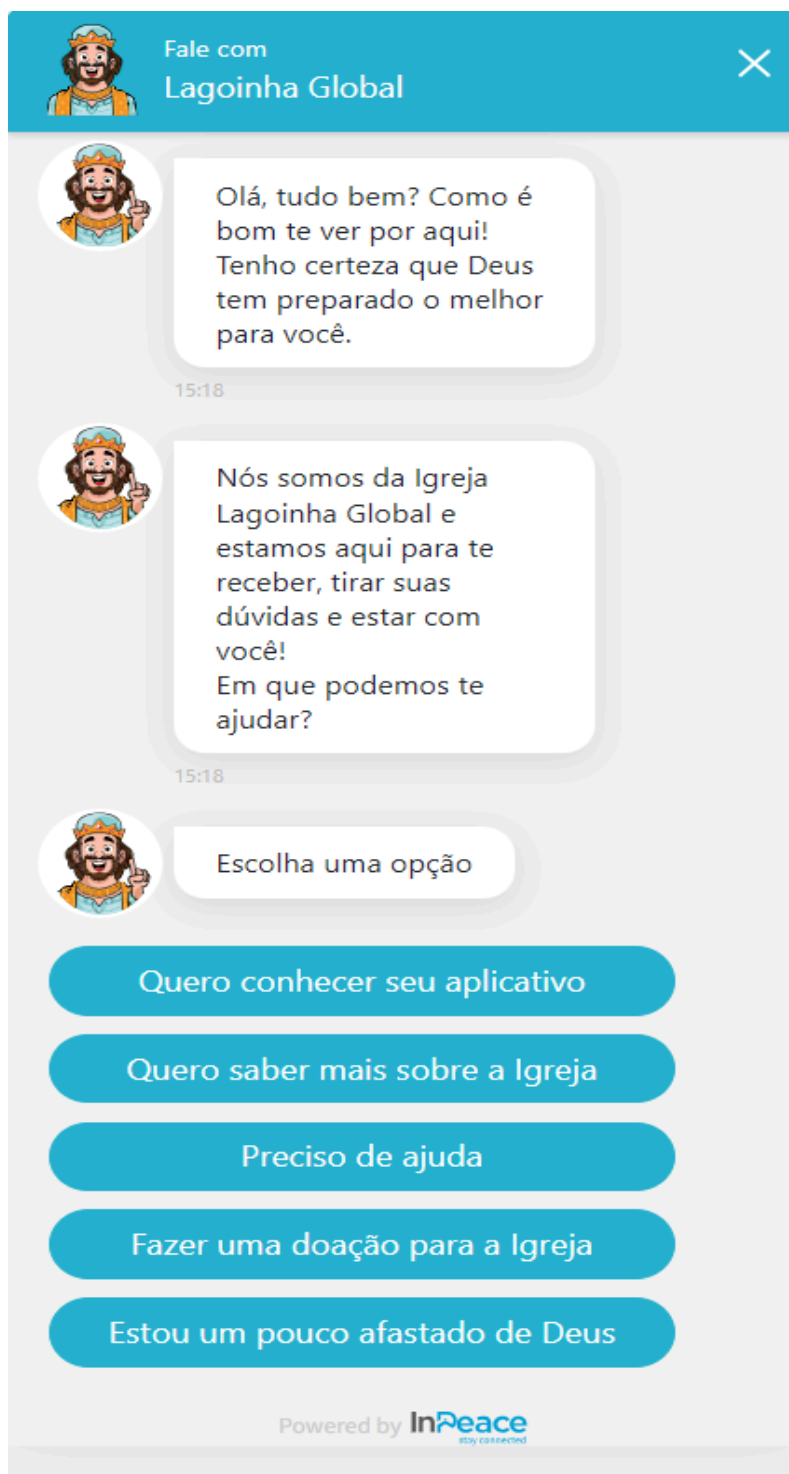
Olá, eu sou o Salomão

Sou filho de Davi e, apesar de ser jovem, sou um sábio conhecido e respeitado em todo reino. Deus me concedeu sabedoria e inteligência para governar o povo de Israel. Estou aqui para te aproximar da igreja e de nosso Pai. Está pronto para conversar comigo?

INICIAR A CONVERSA

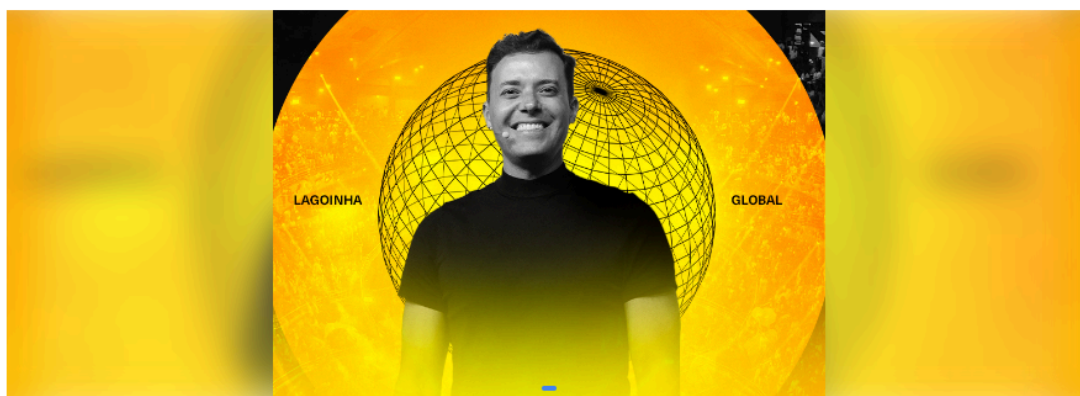
Powered by **InPeace**
day connected

ANEXO C



ANEXO D

Igreja



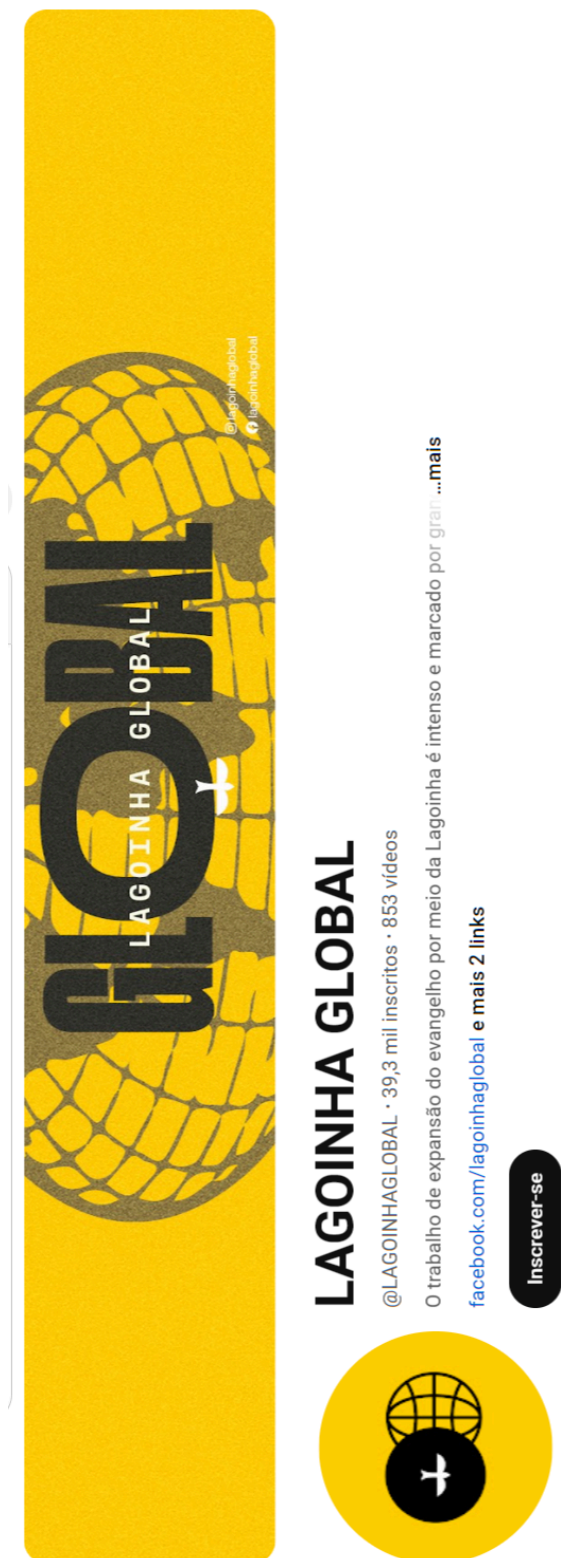
História

"Então, Jesus aproximou-se deles e disse: "Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mateus 28.18-20).

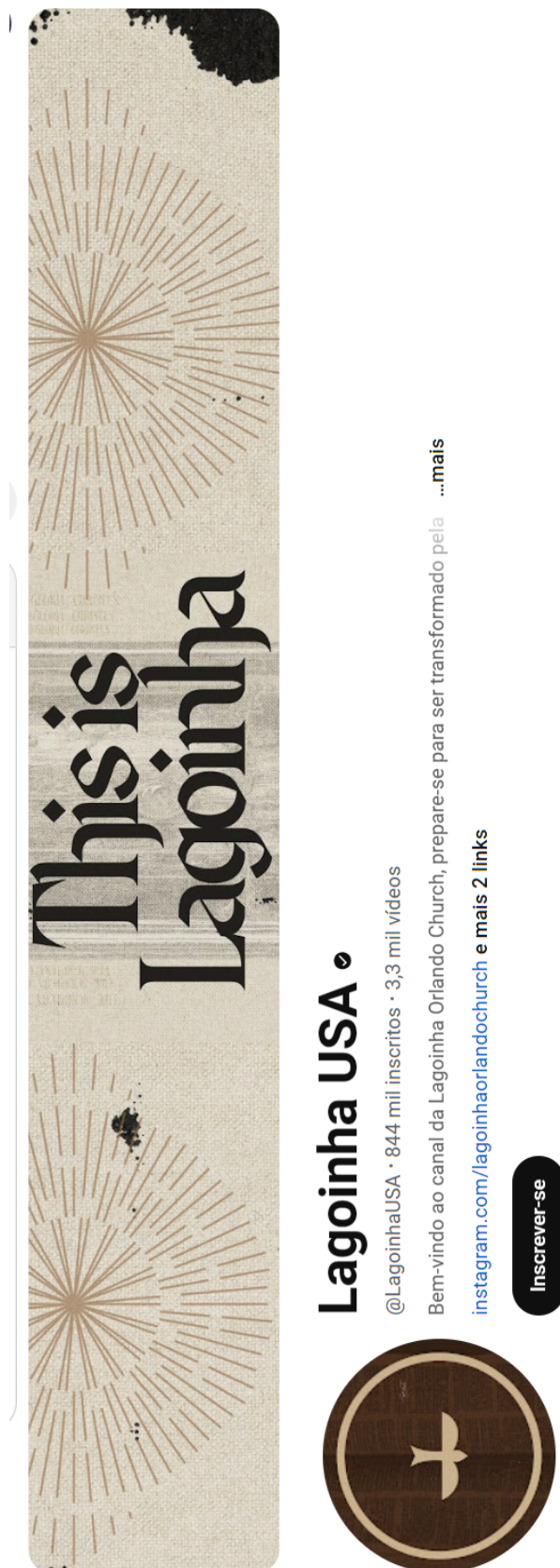
Esse é o chamado que a Lagoinha Global tem se dedicado a cumprir. É impossível explicar essa dimensão de forma humana. É um milagre. Multiplicado, constantemente abençoado, diariamente sustentado. Com 66 anos de história, a Lagoinha, hoje, tem centenas de igrejas plantadas em todos os continentes do mundo.

A Lagoinha Global é a convenção da Igreja Batista da Lagoinha e surgiu com a finalidade de facilitar os processos de implantação de igrejas e dar visibilidade às suas ações evangelísticas ao redor do globo. Dessa forma, todas

ANEXO E



ANEXO F



ANEXO G

Santidade é para "todes"

SÉRIE - ORGULHO NÃO

Lagoinha USA

6 vídeos · 6.271 visualizações · Última atualização em 2 d...

Reproduzir tu... · Ordem aleató...

#NOPRIDE Deus odeia o ORGULHO! A origem do pecado está no orgulho e Deus abomina isso!

Não perca essas ministrações dedicadas ao mês do ORGULHO

1 vídeo indisponível está oculto

- SANTIDADE É PARA "TODES" - ANDRÉ FERNANDES**

Lagoinha USA · 387 mil visualizações · Transmido há 1 mês
- TROCANDO VERDADES POR MENTIRAS: OS PERIGOS DA REJEIÇÃO DE DEUS - VINICIUS ZULATO**

Lagoinha USA · 8,1 mil visualizações · Transmido há 1 mês
- TRANSFORMADOS, ELA É O CARA - ANDRÉ VALADÃO**

Lagoinha USA · 287 mil visualizações · Transmido há 1 mês
- DIGA NÃO - VINICIUS ZULATO**

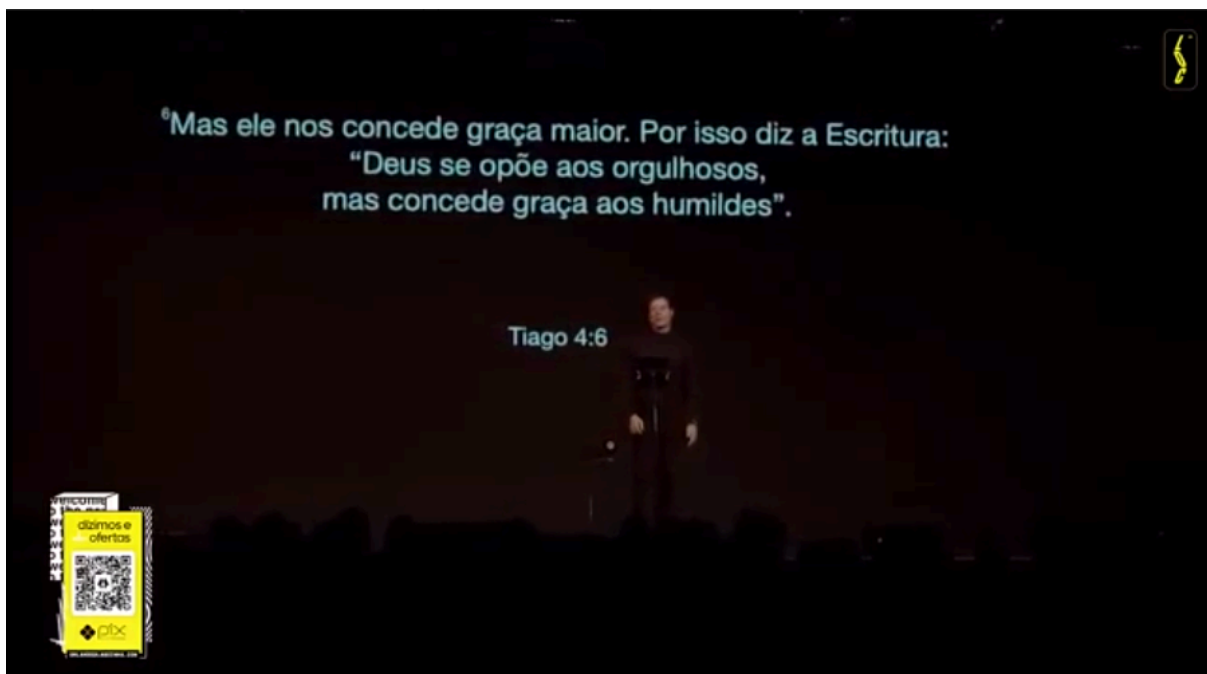
Lagoinha USA · 17 mil visualizações · Transmido há 1 mês
- NÃO É UM MOVIMENTO, É UMA RELIGIÃO - ANDRÉ VALADÃO**

Lagoinha USA · 425 mil visualizações · há 1 mês

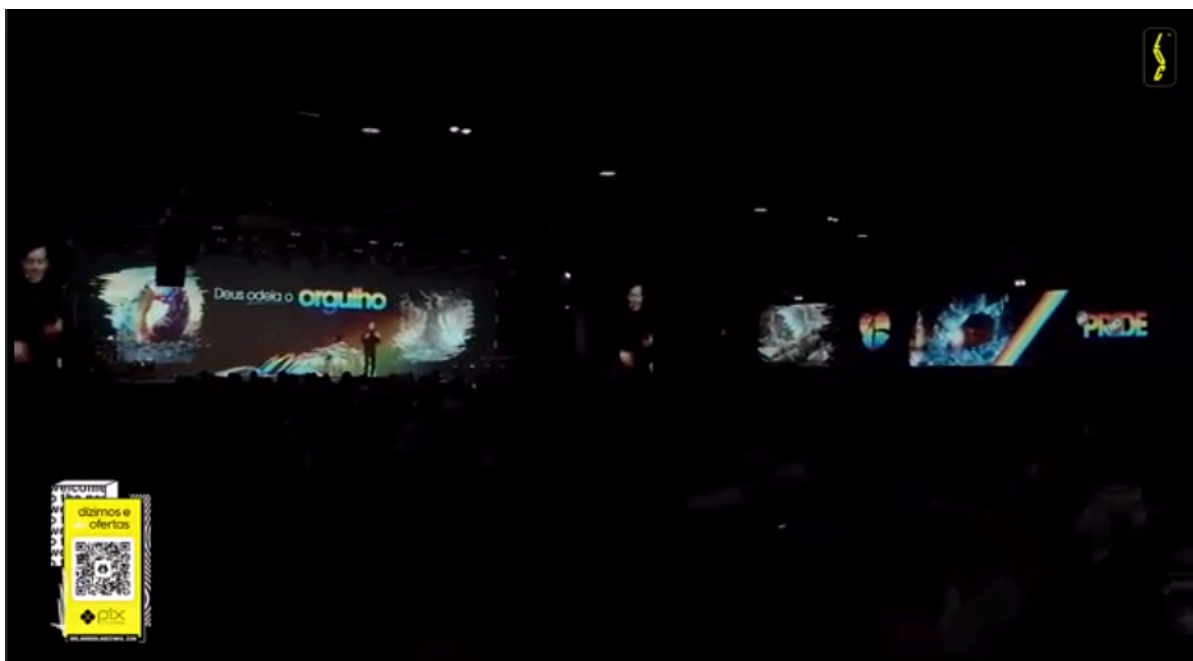
ANEXO H



ANEXO I



ANEXO J



ANEXO K



ANEXO L

A HISTÓRIA DA LAGOINHA

Conheça mais sobre a história da Lagoinha lendo esta entrevista surpreendente. Saiba como tudo começou. E assim como o próprio pastor Márcio diz: “A história da Lagoinha é assim... Há muitos detalhes... Às vezes dores, lágrimas, sofrimento, mas, por outro lado, muitas vitórias alcançadas pelo poder do Senhor!”

“Falar da Igreja Batista Lagoinha é falar do amor, do carinho de Deus e, acima de tudo, da Sua graça de um modo real sobre as nossas vidas”. (Márcio Valadão, pastor e presidente da Igreja Batista da Lagoinha, em Belo Horizonte. Outubro de 2001)

O início de tudo...

A Igreja Batista da Lagoinha nasceu do coração de Deus. E Ele fez nascer, também, no coração das pessoas os seus sonhos. Assim, exatamente no dia 20 de dezembro de 1957, aqui, bem próximo de onde estamos, na rua Formiga em Belo Horizonte, cujo número, se não me engano hoje é o 320, foi organizada a Igreja Batista da Lagoinha pelos membros vindos da Igreja Batista do Barro Preto. Esses irmãos – um grupo relativamente pequeno, cerca de 20 pessoas – convidaram José Rego do Nascimento para pastorear a nova igreja. Até então, ele era pastor da igreja em Vitória da Conquista, na Bahia. Naquela época, sua igreja já era conhecida em todo o Brasil. Ela nasceu do próprio sonho de Deus, o Pai.

Com a chegada do pastor José Rego em BH, houve um grande impacto, pois naquela época as pessoas começaram a compará-lo com o Pelé, o jogador de futebol. Pelé era novo e tinha um talento enorme. Os irmãos, então, começaram a considerar o pastor José Rego como se fosse um Pelé também, no sentido de uma unção gloriosa. O pastor José é um homem precioso de Deus, um erudito e que tem um coração de misericórdia, apaixonado pelo Senhor!

Naquele tempo a igreja reunia-se em um galpão alugado, já que ela não era uma instituição jurídica e legalizada. O galpão foi alugado no nome de alguns membros da igreja. Com o passar dos meses, algo diferente aconteceu. José Rego era um pastor batista. Ele pregava de modo diferente, pregava com unção, com muita graça. As pessoas choravam, havia arrependimento e clamor, porém, aos olhos de algumas pessoas, isso não “soava bem” para uma estrutura batista. Foi então que o grupo que fundou a igreja e, principalmente, algumas famílias se levantaram contra o pastor dizendo que ele não era um pastor batista, e sim pentecostal.

Essa foi a primeira crise da igreja. Ela surgiu exatamente na virada do ano de 1958 para 1959. Alguns membros começaram a questionar o por quê do pastor José Rego, não ter preparado um conferencista para o primeiro aniversário da igreja. Coisa sem importância... mas que se transformou em algo de grandes proporções. Sabemos que esses atritos tinham um objetivo: atingir o pastor. Ele era batista, com convicções batistas, só que ele havia experimentado antes de vir para Belo Horizonte, o batismo com o Espírito Santo, havia recebido também a capacitação espiritual e o dom de falar em línguas.

A coisa se tornou tão forte, que foi realizada uma assembléia para resolver o assunto. A votação foi secreta e em papezinhos para saber se ele era batista ou pentecostal. Os que achassem que ele era pentecostal, iriam escrever pentecostal. Os que achassem ser ele batista, iriam escrever batista. No qual não foi a surpresa. A maioria achou que ele era batista! Contudo, como o grupo que estava insatisfeito era justamente o grupo cujo salão estava no nome deles, a igreja foi fechada.

Recomeços...

Os membros da igreja tinham o costume de orar todos os dias pela manhã. Quando esses irmãos chegaram para orar, encontraram a porta da igreja fechada com um cadeado. Eles haviam trocado o cadeado. Aqueles irmãos ficaram do lado de fora. Porém, como um homem espiritual, o pastor Rego não entrou em conflito com o grupo. Ele procurou, junto a aqueles irmãozinhos que ficaram, um outro caminho. Eles foram para a Terceira Igreja Batista, localizada no bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte, que na época tinha como líder o saudoso pastor Aquiles Barbosa.

Durante alguns dias, o pastor Aquiles abrigou aqueles membros em sua igreja. Era uma igreja bem pequena, com cultos pela manhã e à noite. A Igreja da Lagoinha passou a se reunir no período da tarde. Depois a igreja veio para o bairro da Floresta, enquanto buscavam um outro local para se reunir. Esta peregrinação durou exatamente 40 dias. Interessante... Esse foi o mesmo número do Êxodo, 40 dias. Nesse tempo os irmãos encontraram o salão a qual estamos hoje, na rua Manoel Macedo 360, bairro Lagoinha. Duas lojas foram alugadas, e os irmãos com a maior alegria organizaram tudo. A partir daí, a igreja teve um novo recomeço. É muito forte falar e lembrar dessa história. Ela meche com a gente!

Naquele tempo, os móveis, o piano, o púlpito... tudo ficou com aquele grupo que fechou as portas da igreja. Estes irmãos tomaram esses móveis e mandaram para um colégio batista. Não me recordo se foi na cidade de Itajubá ou Varginha, mas sabe o que aconteceu? Dentro de pouco tempo houve um incêndio no colégio e tudo foi queimado. Tudo, tudo,

tudo... Enquanto isso o pastor Rego pregava e anunciava a Palavra de Deus com toda a graça e unção.

Renovação Espiritual

Nessa época havia uma missionária americana, chamada Rosalee Apleby. Dona Rosalee fez parte da história do Movimento de Renovação Espiritual no Brasil. Quando ela e seu esposo vieram para o País, logo no primeiro ano ela engravidou. Entretanto, um triste fato aconteceu. No dia em que ela estava dando a luz a seu filho, o marido estava morrendo. No dia que estavam sepultando o seu marido, o filho dela estava nascendo. Os líderes da denominação quiseram que ela voltasse para o país de origem, os Estados Unidos, porém Dona Rosalee colocou em seu coração a convicção do chamamento dela para o Brasil.

Ela orava por um avivamento espiritual. Havia dentro do coração da Dona Rosalee este sonho, de um avivamento espiritual. E ela era uma mulher cheia de Deus, contagiante! A influência dela era tão grande na igreja que, no início dos anos 60, muitas mães, ao conceberem, davam o nome às suas filhas também de Rosalee. Se você conhecer alguém chamada Rosalee, pode saber que foi da época (risos).

Certo dia o pastor Rego pediu a ela uma sugestão para um programa de rádio. Ele desejava abrir um programa de rádio. Naquela época a televisão estava nascendo, mas havia aqui em Belo Horizonte uma emissora que, aliás, existe até hoje: a Rádio Guarani. Essa rádio alcançava todo o País. Ele pediu, então, uma sugestão para o nome do programa. Dona Rosalee sugeriu: “Renovação Espiritual”. Esse passou a ser o nome do programa – um programa semanal e da Igreja da Lagoinha. É interessante ressaltar aqui, que várias mensagens pregadas pelo pastor Rego nesse programa, estão em um livro chamado Renovação Espiritual.

Em todo o Brasil as pessoas ouviam a emissora e percebiam uma grande diferença na mensagem do pastor Rego, havia unção, quebrantamento, autoridade, graça. Muitas pessoas começaram a se identificar com o pastor. Ele passou a ser convidado para pregar em muitos lugares, em muitas igrejas pelo País a fora, principalmente para outros pastores. Este foi um tempo de clamor. Nesse período, no início dos anos 60, o pastor Rego viajava por todo o Brasil. Ele passou a escrever para o jornal denominado Jornal Batista. Vários de seus artigos estão acessíveis até hoje nos livros da Renovação Espiritual. E ao lerem esses artigos, tenho certeza que as pessoas ficarão impactadas com a unção que havia na vida dele. Era um diferencial tremendo!

Divergências Teológicas

Mas, por outro lado, a denominação começou a se levantar contra, porque achavam que havia excessos. Certa vez, o pastor Rego foi pregar no Rio de Janeiro, na cidade da Ilha do Governador. Ele se encontrava hospedado no Seminário Batista. Após pregar na cidade, ele chegou tarde no seminário, e vários alunos estavam na biblioteca o esperando porque queriam orar com ele. Chamaram, então, o pastor Rego para ir orar com eles. E algo maravilhoso aconteceu naquela noite na biblioteca. Houve um derramar da graça de Deus tão forte, que os alunos começaram a chorar arrependidos, outros foram batizados com o Espírito Santo, alguns oravam alto e isso, no meio batista, transformou-se numa situação muito ruim. O diretor do seminário ouviu tudo aquilo e logo alguns começaram a se levantar contra, falando que aquilo era algazarra, emocionalismo.

Alguns seminaristas estavam arrependidos, chorando, gritando... Isso era algo inusitado naquela época. Uma situação delicada começou a acontecer. As pessoas começaram a questionar por que o pastor Rego pregava que o batismo com o Espírito Santo era uma experiência distinta da regeneração espiritual – uma experiência não cumulativa na conversão, mas diferente da conversão, e que os dons espirituais não terminaram quando o Novo Testamento ficou pronto, os dons eram para a atualidade também. Essas eram as duas doutrinas básicas dos batistas: a doutrina em que o batismo do Espírito Santo era uma experiência diferente da regeneração, e a doutrina dos dons espirituais como realidade para os dias de hoje. A denominação batista separou um grupo de 13 homens. Fizeram uma comissão chamada “Comissão dos 13”, esta comissão era formada por quatro pastores totalmente contra a renovação espiritual, quatro a favor, e cinco não tinham uma posição definida.

A denominação pediu a eles um estudo teológico como um parecer aos batistas. Eles queriam encontrar uma resposta, se o que estava acontecendo era realmente batista ou não. Após muitos encontros, alguns deixaram de participar, e o parecer final da “Comissão dos 13”, foi que esta doutrina não era batista, e sim pentecostal. Eles não aceitaram.

Ano de mudanças

O ano de 1964 foi marcado por vários acontecimentos tanto no mundo espiritual como também no natural. Foi um ano de situações muito delicadas, entre elas a “Revolução de 1964”. E foi exatamente na Convenção Batista deste ano, na cidade de Niterói – RJ, na Primeira Igreja Batista que ocorreu um fato que marcou nossas vidas. Nessa época a Igreja da Lagoinha foi excluída da Convenção Batista Brasileira. E quando os irmãos estavam votando a exclusão da igreja, a luz apagou. A votação então, foi feita à luz de velas. Interessante

isso... Excluíram a Igreja da Lagoinha! Contudo, sete igrejas daqui de Minas Gerais ficaram solidárias à Lagoinha.

Naquele ano a igreja teve um outro recomeço, mas um recomeço diferente, pois a igreja não era mais reconhecida pelos batistas brasileiros. Porém, havia uma convicção muito grande no coração de cada membro da Lagoinha, e nesta época o pastor Rego já vivia uma batalha espiritual muito forte, muito forte...

Começar... Mais uma vez

No ano de 1965 foi programado um encontro de renovação espiritual aqui em Belo Horizonte onde vários pastores participaram. É relevante dizer que este encontro seria somente para os pastores, mas o povo veio também, gente de todo o Brasil estava presente. No ano de 1966 marcaram um outro encontro de renovação espiritual. Vejam só... eu me converti no dia 19/05/1966! Neste segundo encontro eu estava presente. Glória a Deus! Este encontro aconteceu aqui mesmo na Lagoinha, porém, na época, o salão era alugado pela igreja. Várias denominações vieram participar deste encontro. Estavam presentes membros da Presbiteriana, Metodista, Congregacional, e tantas outras que foram alcançadas com o batismo do Espírito Santo e com a realidade dos dons espirituais.

Naquela época eles formaram uma Associação Missionária Evangélica – AME, que funcionava como uma cooperativa das igrejas. Havia ainda em Belo Horizonte, o Seminário Teológico Evangélico do Brasil – STEB. O diretor era o pastor chamado Wilson Reges, um homem visionário, um pregador abençoado.

Propósitos...

Um fato mexeu conosco no ano de 1966. E até hoje não conseguimos explicá-lo. Neste ano o pastor José Rego adoeceu, mas não de uma doença física, e sim emocional, inexplicável. Após adoecer ele foi para o Rio de Janeiro, não me recordo bem, mas acho que foi para Duque de Caxias. Na ocasião tive a oportunidade de visitá-lo no período de exílio pelo qual ele passou devido à sua saúde.

Nesta época a Igreja da Lagoinha tinha, além do pastor Rego, o pastor Airton dos Santos Sales, do Rio de Janeiro. Quando o pastor Rego saiu, o pastor Airton ficou em seu lugar como o pastor da igreja. Tudo aconteceu de forma incompreensível para nós.

Em 1967, o pastor Rego retornou totalmente recuperado. A igreja havia passado um ano com o pastor Airton, porém a diretoria da igreja tinha um relacionamento muito significativo com o pastor Rego. Então, o pastor Airton convidou o pastor Rego para assumir

novamente o pastorado da igreja. Ele veio. Mas nesse tempo em que o pastor Rego esteve fora, aconteceram algumas situações distintas.

O pastor Airton é uma pessoa muito preciosa, mas naquela época da renovação espiritual não havia um referencial, tudo era novo. De pentecostal só existia a Igreja Assembléia de Deus com os seus próprios costumes e doutrinas. A Igreja da Lagoinha tinha ênfase também assembleiana em função do pastor Airton, já a mensagem do pastor Rego sempre foi de cunho espiritual, com mais liberdade.

Em 1967 os dois pastoreavam a Lagoinha, e nós estávamos construindo o templo novo da igreja, onde hoje é o Tabernáculo. A conclusão deste templo veio a acontecer somente no ano de 1970. Foi aí que algo aconteceu...

Os dois pastores já não falavam a mesma ‘língua’, por isso nenhum deles permaneceu na igreja. Isso foi muito triste! E 1968, ocorreu essa crise. A igreja ficou sem pastoreio. Nesse interim convidaram o pastor Reuel Feitosa, que é filho do pastor Renê – diretor do Seminário. Neste ano o pastor Reuel assumiu o pastorado da igreja, permanecendo de 1968 a 1971. Em 1971 houve uma outra crise na igreja, e isso fez com que no dia 31 de dezembro de 71 o pastor Reuel deixasse a Lagoinha. Em seu lugar ficou o pastor Hilton Quadros, que era o Secretário Executivo da Convenção Batista, ele ficou como pastor interino da igreja. O pastor interino é aquele que faz os atos pastorais quando a igreja se encontra sem pastor. Eles começaram a orar e a buscar em Deus um pastor para a Lagoinha.

Como tudo aconteceu...

Nesta época eu estava pastoreando em Ponta Grossa, Paraná. Deixei o pastorado da igreja no Paraná e retornei a Belo Horizonte. Eu cheguei aqui numa sexta-feira (chamada pelos católicos de “Sexta-feira da Paixão”) de 1972. Mesmo pastoreando no Paraná, eu continuei como membro da Lagoinha. O pastor Hilton Quadros fez uma viagem para Brasília, com o objetivo de fazer contato com um pastor de lá, convidando-o para pastorear a igreja. Só que, infelizmente, no caminho acontece um terrível acidente.

O carro do pastor Quadros capota e ele fica muito machucado. Após o acidente, fui visitá-lo. Ele estava engessado na sua casa. Então ele me disse: “Márcio, ficarei aqui durante algum tempo, você podia fazer o seguinte... pregar no meu lugar”. Na mesma hora eu disse: “Pois não pastor!”

Comecei a pregar e a dirigir os cultos. Aos poucos o pastor se recuperava, e enquanto isso a comissão da igreja buscava um pastor. O pastor Quadros chamou novamente a comissão para reiniciar o processo de busca por um pastor. Ele disse: “Vamos recomeçar...”

Os irmãos da igreja falaram: “Olha pastor, o Marcinho!” Naquela época os irmãos me chamavam de Marcinho, porque eu já estava ali há muito tempo. Eles continuaram: “O Marcinho está aqui, está indo bem, o povo está gostando dele (risos), não precisa mais procurar...”

No dia 30/07/72 eu tomei posse do pastorado da Igreja da Lagoinha. Eu era bem jovem, tinha 23 anos, era solteiro, e uma série de coisas que não eram bem aceitas pela prática dos batistas. Na época, a igreja da Lagoinha era uma igreja grande com cerca de 300 pessoas. Quando comecei a pastoreá-la, ela de encontrava dividida. Porque existia o grupo do pastor Rego, o grupo a favor do pastor Airton... Mas em tudo eu reconheço o cuidado de Deus para com a minha vida. Ele me preservou!

Quando os pastores – Rego e Airton – saíram da igreja, eu ainda não estava lá. Eu trabalhava numa cidade chamada Martinho Campos, não havia vivido a realidade. Na saída do pastor Reuel, eu também não estava presente, porque eu estava pastoreando no Paraná. Quando vim para a igreja como pastor, eu era uma pessoa isenta, amigo de todos. Deus me resguardou, foi interessante isso!

Voltando há 33 anos, vejo que foi um grande desafio! Mas, já naquela época, havia no meu coração uma grande convicção de que Deus iria realizar algo em minha vida.

Sempre na dependência do Senhor, comecei a trabalhar com todo afinho e com toda à disposição, e a visão de crescimento da igreja por meio da abertura de novas congregações. Contudo, atualmente, as coisas são bem diferentes. Hoje, por exemplo, o pastor fica o dia inteiro na igreja. Antes, não tínhamos nem gabinete pastoral, era só o templo. Os cultos aconteciam aos domingos pela manhã e à noite.

Na segunda-feira e na quinta-feira, aconteciam as reuniões. Era assim... Os membros ficavam felizes, e nós também, porém existia uma inquietação. Queríamos mais de Deus. Durante algum tempo caminhamos abrindo novas igrejas. Chegamos a abrir 100 delas. Algumas são um referencial de Deus em todo o Brasil, como a Igreja Batista Getsêmani – cujo presidente é o pastor Jorge Linhares. A Getsêmani é uma igreja muito amada, pois ela é ‘filha’ da Igreja da Lagoinha!

Crescimento

No dia 21 de abril de 1987, fizemos algo inédito no Brasil: emancipamos todas as igrejas. Elas se tornaram independentes, e a cada uma foi dado o patrimônio...

Nesse dia, a Igreja da Lagoinha deixou de ter todos os seus membros, isto é, para se tornar membro da igreja, a pessoa teria que fazer um novo pedido, um cadastramento. Nessa

época, ficaram cerca de 1.200 pessoas na igreja. Antes da emancipação, contávamos com aproximadamente 5 mil membros. E, durante este tempo, recomeçamos baseados em uma visão: investir nos membros. Para isso, precisávamos de uma casa pastoral e pastores em tempo integral. O nosso desejo era investir nos membros para que através deles mais vidas se rendessem aos pés de Jesus. Iniciamos um trabalho chamado “Grupo de Crescimento” – hoje denominado como “Célula” (pequeno grupo de pessoas).

Na época, pedi a um pastor amigo nosso, também da Lagoinha – pastor Jonas Neves (atualmente líder da Igreja Batista do Povo, em São Paulo) –, para que percorresse o Brasil e verificasse como eram desenvolvidos os grupos de crescimento. E onde existisse um, ele fosse conhecer como era feito o trabalho. Neves foi em Goiânia, Porto Alegre, Florianópolis, São Paulo, Argentina, Coréia... Até que no ano de 1999, éramos cerca de 6 mil membros. As pessoas olhavam e achavam tudo muito interessante. Contudo, havia, principalmente dentro de mim, uma inquietação muito grande, pois era pouco diante do desafio de evangelizar uma cidade inteira (Belo Horizonte), que cremos ser algo que vem do coração de Deus.

Um voto ao Senhor

No dia 30 de julho de 1999, quando eu estava em Manaus para participar de um encontro, eu fiz um voto a Deus. Precisamente naquele dia eu celebrava mais um ano de pastorado. Firmei um voto com o Senhor dizendo que a partir daquele dia eu não iria cortar minha barba até que houvesse um avivamento real na vida da nossa igreja. Quando eu retornei à capital mineira, alguns membros me olharam espantados, pois estava há uma semana sem fazer a barba (risos). Foi um impacto para eles, já que se habituaram a me ver barbeado!

Então eu expliquei a eles o que acontecera, o porquê de estar barbudo, contei-lhes sobre o voto que havia feito ao Senhor. E algumas pessoas, até mesmo alguns colegas de ministério falaram assim para mim: “Ah! A sua barba vai chegar até lá nos pés, e não vai acontecer nada!” Porém, eu continuei firme no propósito daquele voto, e crendo que o Senhor faria alguma coisa. O voto não era para mudar o coração de Deus, isso jamais vai acontecer, pois Deus é imutável. O voto muda o nosso coração, nos faz lembrar de alguma coisa. Voto é algo físico, que você pode ver, está na sua ‘cara’. Quando eu me olhava no espelho e via aquela barba, eu recordava que estava em um propósito com o Deus todo Poderoso.

E uma das coisas interessantes que aconteceu, é que eu não pedi a ninguém para fazer o mesmo, porém para a minha surpresa, muitos irmãos deixaram a barba crescer também. Quase todos os pastores agiram da mesma forma. Foi maravilhoso aquilo, lembro-me como se fosse hoje!

Em novembro de 1999, senti em meu coração uma convicção muito grande de Deus que era o momento de encerrar aquele voto, pois o avivamento já estava estabelecido.

Avivamento estabelecido

Desde então, a Lagoinha tem experimentado um crescimento maravilhoso. Hoje somos mais de 25 mil membros. Glória a Deus!

E esse crescimento não pára, estamos vivendo um tempo de colheita, um tempo de abundância, um tempo de misericórdia, um tempo de multiplicação. Sabemos que existem muitas coisas a serem conquistadas, temos muitas dificuldades na vida da igreja, mas ela tem uma história, tem os seus recomeços... Sempre recomeçando dentro de um propósito, não por doutrinas, mas recomeços na própria vida de Deus.

Para contar a história da igreja, eu ficaria anos falando (risos)! Seria muito emocionante que cada um de vocês lessem os livros das atas da igreja, lendo-os vocês irão compreender tudo o que eu disse, vão conhecer o que era a igreja, o que acontecia, as decisões...

Inspiração

A Igreja da Lagoinha nasceu com um referencial de Deus. Eu percebo que ela tem uma vocação. Falo isso com muita humildade, sem querer ser pretensioso. A vocação de ser modelo, aquilo que nós fazemos dirigidos pelo Senhor, as outras igrejas também querem fazer. Isso é maravilhoso! Certa vez, o pastor Jorge Linhares – presidente da Igreja Batista Getsêmani, em Belo Horizonte – foi à minha casa, e ele me contou que sempre diz no púlpito: “O que a Lagoinha faz, eu faço!” Não como disputa, mas com carinho e amor que ele e seus membros têm pela Lagoinha. Não é só a igreja dele, outras agem da mesma forma para conosco.

Vivemos situações diversas a esse respeito. Pastores e mais pastores vêm aqui com o desejo de saber o que está acontecendo! E acham que vão encontrar uma ‘super máquina’, mas quando chegam encontram gente, pessoas simples, iguais. Eles ficam impactados. Muitos chegam a pensar assim: “Ah! O pastor Márcio não é simples coisa nenhuma!” Mas quando me vêem dizem assim para mim: “Oh! É você?” Eu respondo: “Sim, sou eu!” Isso é tão maravilhoso! E Deus tem levantado hoje, tantos outros colegas apaixonados também para levar a visão adiante.

Creio que estamos vivendo o tempo de ser uma igreja que ajuda outras pessoas, que serve como inspiração, buscando sempre a glória de Deus. E somente Ele pode fazer isso, Só mesmo a bondade do Senhor!

A história da Lagoinha é assim... Há muitos detalhes... Às vezes dores, lágrimas, sofrimento, mas, por outro lado, muitas vitórias alcançadas pelo poder do Senhor. Eu vejo a Igreja da Lagoinha como resposta das orações de dona Rosalee, esta irmã que já está na glória! Ela orava por um avivamento no Brasil. E eu creio que isso está acontecendo, pois só a Convenção Batista Nacional abriga mais de 1.200 igrejas no País. E estas igrejas, por sua vez, alcançam com as congregações mais de 2.500 igrejas.

Isso é fruto de um trabalho que começou lá trás, e a Igreja Batista da Lagoinha teve a oportunidade de ser uma semente dentro de todo esse processo.

Essa é a nossa história. E vai continuar...

Entrevista: Departamento de Comunicação do portal Lagoinha.com.

Revista e Adaptada por Ana Paula Costa – Jornalista responsável pela Redação do portal Lagoinha.com(www.lagoinha.com)

ANEXO M

Recorte I

[O cristão o homem e a mulher de Deus ama abraça cuida até o último fôlego de vida Mas nós não vamos aceitar vida de pecado Não podemos aceitar Eu não estou falando pra perseguir Eu não estou falando pra bater pra não responder pra não estar junto pra não trabalhar junto Não tem nada disso Nós amamos Temos que amar Amar o drogado amar o alcoólatra amar o adúltero Do qual muitos de nós fomos um dia homossexual temos que amar temos que ter empatia]

Recorte II

[O símbolo do orgulho na bíblia é Lúcifer o anjo que quis se comparar a Deus se igualar a Deus e a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer Deus não respeitou Lúcifer Deus não amou o Lúcifer Deus expulsou Lúcifer do reino Deus chutou Lúcifer dos Céus ele caiu como um relâmpago ele foi colocado pra fora porque Deus repugna o orgulho Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho]

Recorte III:

[Tiago capítulo quatro no versículo seis a gente vai ler muito a Bíblia aqui amém gente? Porque eu não estou aqui pra dar minha opinião Eu estou aqui pra ler a Bíblia pra você A posição de Deus em relação ao orgulho é clara Vamos ler em voz alta]

Recorte IV:

[Deus odeia ele repugna qualquer atitude de orgulho Só o uso da palavra orgulho Deus já condena Qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho Deus abomina Porque Deus não está com quem se orgulha Deus está Deus está com quem se humilha]

Recorte V:

[eu preciso odiar o pecado eu preciso odiar a impureza sexual eu preciso ter ódio ódio daquilo que Deus não criou de forma natural eu preciso ter nojo Eu preciso romper na minha vida não deixar que isso entra na minha casa na mente dos meus filhos das minhas crianças do meu casamento eu não posso tratar naturalidade aquilo que Deus repugna.]

Recorte VI:

[Jesus teve empatia teve compaixão por todos os pecadores Mas ele denunciou o pecado Jesus morreu por todas as pessoas mas ele denunciou ele foi contra o pecado quantas pessoas Jesus disse ‘vai e não peques mais’. Aleluia. Jesus não disse ‘eu te amo eu te protejo e continue vivendo a vida que você quer’ ele disse ‘eu te amo eu te protejo eu te perdoo mas não peque para que não te aconteça coisa pior. Para com essa vida muda de vida’ Nós precisamos ter um limite naquilo que é empatia O cristão o homem e a mulher de Deus ama abraça cuida até o último fôlego de vida Mas nós não vamos aceitar vida de pecado]

Recorte VII:

[Eu preciso falar sabe por quê? Porque isso provoca Deus Eu preciso falar porque esse mês todo nós vamos falar e vamos apontar o pecado vamos apontar o caminho da santidade vamos apontar o caminho por quê? Porque

está entrando está sujando está destruindo aquilo que presta atenção Deus não destruiu a humanidade por causa de roubo Deus não destruiu a humanidade por causa de assassinatos. Deus não destruiu a humanidade Quem está pegando aqui? Por causa de idolatria Deus destruiu a humanidade por causa de imoralidade sexual Nível daquilo que Deus repugna é imoralidade sexual como um pecado grave]

Recorte VIII:

[OK mas e quando a Bíblia já diz? Então eu me tiro de dizer o que eu acho e passo a ler o que a Bíblia diz A Bíblia não está dizendo que uma pessoa que vive uma prática dessa maneira vai pro céu A Bíblia está dizendo que ela não vai pro céu]

Recorte IX

[Eu estou aqui pra te dizer, você tem toda a liberdade de prestar seu culto ao senhor Você tem toda a liberdade de falar aquilo que você crê Você tem toda a liberdade de dizer aquilo que está na palavra de Deus você tem toda a liberdade de adorar o senhor, de vir domingo na igreja, de estabelecer uma família amém? Que tá pegando isso aqui comigo? de estabelecer aquilo que é pela Bíblia aquilo que nós cremos Por isso Deus repugna o orgulho]

Recorte X:

[Eu falo com vocês Deus odeia o orgulho Deus não tolera uma das palavras mais é difíceis pra Deus é orgulho Deus odeia ele repugna qualquer atitude de orgulho Só o uso da palavra orgulho Deus já condena qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho Deus abomina Porque Deus não está com quem se orgulha Deus está Deus está com quem se humilha Então o esse o mês do orgulho eu considero que hoje é o mês que Deus mais repugna na humanidade Porque só a expressão orgulho é a expressão que mais provoca a Deus irrita Deus e Deus condena Deus não está com os orgulhosos Deus está com os humildes]

Recorte XI:

[eu preciso odiar o pecado eu preciso odiar a impureza sexual eu preciso ter ódio ódio daquilo que Deus não criou de forma natural eu preciso ter nojo Eu preciso romper na minha vida não deixar que isso entra na minha casa na mente dos meus filhos das minhas crianças do meu casamento eu não posso tratar naturalidade aquilo que Deus repugna]

Recorte XII:

[eu preciso falar. Eu preciso falar, sabe por quê? Porque isso provoca Deus. Eu preciso falar porque esse mês todo nós vamos falar e vamos apontar o pecado vamos apontar o caminho da santidade]

Recorte XIII:

[E aí existe um outro ensino hoje que está envenenando a igreja que é o ensino da empatia. Empatia. E você não tem ideia como que dói meu coração pregar isso hoje. Mas não deveria doer A igreja hoje ela ela se constrange em falar de pecado]

Recorte XIV:

[e hoje a gente vive uma agenda na mídia uma agenda externa onde marcas bilionários as redes sociais elas levantam uma agenda muito forte onde o não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver]

Recorte XV:

[a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer Deus não respeitou Lúcifer Deus não amou o Lúcifer Deus expulsou Lúcifer do reino Deus chutou Lúcifer dos Céus ele caiu como um relâmpago ele foi colocado pra fora porque Deus repugna o orgulho Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho]

Recorte XVI:

[eu estou lendo apóstolo Paulo São Paulo O que que ele diz? “Dizendo-se sábios Tornaram-se loucos” Olha como o Espírito Santo trata a promiscuidade “Dizendo-se sábios tornaram-se loucos”]

Recorte XVII:

[Hoje você vê um debate, você vê debate de um de um homem que se sente mulher competir em competições femininas Eu vi esses dias um vídeo de uma manifestação na Europa de pessoas que se sentem cachorros latindo na rua Dizendo-se sábios tornam-se loucos]

Recorte XVIII:

[Deus não criou Adão e outro Adão imagine Deus criar Adão e criou o outro Adão e falou assim multiplique-se Agora multiplica. Não tem como Deus não criou isso Não faz parte do plano de Deus que é natural é natural tudo que Deus faz é natural ele tem um ciclo ele tem uma forma e o que se rompe nisso é promíscuo é rebelião é orgulho Deus abomina]

Recorte XIX:

[são insensatos desleais sem amor pela família odeiam a família odeiam a família hétero homem mulher gerar filhos]

ANEXO N

Eu falo com vocês Deus odeia o orgulho Deus não tolera uma das palavras mais difíceis pra Deus é orgulho Deus odeia ele repugna qualquer atitude de orgulho. Só o uso da palavra orgulho Deus já condena qualquer movimento ou qualquer ação na nossa vida que carrega o termo orgulho Deus abomina. Porque Deus não está com quem se orgulha, Deus está Deus está com quem se humilha Então o esse o mês do orgulho eu considero que hoje é o mês que Deus mais repugna na humanidade. Porque só a expressão, orgulho é a expressão que mais provoca a Deus, irrita Deus e Deus condena. Deus não está com os orgulhosos. Deus está com os humildes Então o que que o que Jesus nos ensina é lavar os pés é humilhar o que Jesus ensina o que o reino de Deus ensina é submeter é prostrar quem está pegando isso aqui comigo João Calvino escreveu algo que me leva nesse mês inteiro todos nós aqui como igreja e entender e meditar nisso e se necessário nós vamos fazer isso todo mês de junho até Jesus voltar João Calvino disse “um cachorro late quando o seu dono é atacado e eu seria um covarde se visse que a verdade de Deus é atacada e ainda sim permanecesse em silêncio” A figura do orgulho é Lúcifer. A figura do orgulho da palavra orgulho é o anjo caído. É alguém que debaixo dos seus atributos e dons e possibilidades que se igualar a Deus. Se colocando numa posição dizendo “eu posso ser como ele é, eu posso fazer o que ele faz, eu posso determinar aquilo que é certo ou não eu me coloco no lugar de autoridade na minha vida não preciso de Deus” Orgulho é dizer “eu não preciso de Deus. Ele está ele existe, ele tá sentado no trono, mas eu posso ter o meu próprio reino, eu posso fazer a minha própria vontade” O símbolo do orgulho na bíblia é Lúcifer o anjo que quis se comparar a Deus se igualar a Deus e a palavra mostra que Deus não tolerou Lúcifer Deus não respeitou Lúcifer Deus não amou o Lúcifer Deus expulsou Lúcifer do reino Deus chutou Lúcifer dos Céus ele caiu como um relâmpago ele foi colocado pra fora porque Deus repugna o orgulho Deus rejeita toda e qualquer forma de orgulho e nesse mês onde se levanta a bandeira daquilo que Deus mais odeia que é o? Orgulho nós precisamos nos humilhar sobre a poderosa mão de Deus. Glória a Deus O orgulho de Lúcifer verá ao ponto de dizer como se Deus tivesse errado. “Deus errou. Deus errou. Ele não é único. Podem existir outros como ele. O orgulho te leva pro lugar ao ponto de confrontar Deus quem é Deus Deus errou. Eu é que sou certo. Eu não preciso de Deus” Por isso Deus ele repugna o orgulho e hoje a gente vive uma agenda na mídia uma agenda externa onde marcas bilionários as redes sociais elas levantam uma agenda muito forte onde o não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver Vou repetir, a gente vive um tempo hoje onde o não crente quer dizer pro crente como o crente tem que viver Mas o

crente não ouve o não crente. O crente ouve a bíblia. A palavra de Deus. Palmas vovó Isso é muito forte porque quem nós vamos ouvir? A quem nós daremos ouvidos nesses dias? Aonde a política, presta atenção, onde a política se limita às suas leis mas fora da política as empresas são operacionadas, operacionalizadas para fechar o cerco Se você tem livre expressão pela lei, se você tem livre expressão e liberdade de culto pela lei, então quem rege a lei não pode te proibir. Mas uma agenda cultural te oprime Se a lei te dá liberdade, tô aqui nos Estados Unidos, não tô no Brasil, tô nos Estados Unidos, Brasil hoje já então estou nos Estados Unidos. Porque aqui aqui ainda existe uma liberdade total de culto e de expressão. Eu estou falando aqui em Orlando Flórida onde eu sou residente pago imposto aqui. Estou aqui. Moro aqui. OK? Então eu tenho total liberdade. Então a lei ela te dá essa liberdade Então como aqueles que regem a lei sabem que não pode te proibir e não podem te calar eles usam os meios da secularidade mas nós não vamos nos calar. Eu estou aqui pra te dizer, você tem toda a liberdade de prestar seu culto ao senhor. Você tem toda a liberdade de falar aquilo que você crê. Você tem toda a liberdade de dizer aquilo que está na palavra de Deus você tem toda a liberdade de adorar o senhor, de vir domingo na igreja, de estabelecer uma família, amém? Que tá pegando isso aqui comigo, de estabelecer aquilo que é pela Bíblia, aquilo que nós cremos Por isso Deus repugna o orgulho. Tiago capítulo quatro no versículo seis a gente vai ler muito a Bíblia aqui amém gente? Porque eu não estou aqui pra dar minha opinião. Eu estou aqui pra ler a Bíblia pra você. A posição de Deus em relação ao orgulho é clara. Vamos ler em voz alta “mas ele nos concede graça maior. Por isso diz a escritura, Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes” o orgulhoso ele quer colocar a goela abaixo aquilo que ele acredita o orgulhoso ele fecha o coração pra novas possibilidades o orgulhoso ele se coloca dentro de uma de um de um de um de um movimento onde ele se vê superior onde ele se vê acima e o que Tiago está dizendo é que Deus ele concede graça para aqueles que vão pelo caminho da humildade. O caminho da humildade e nós temos que entender isso aqui de uma maneira muito forte. É um caminho onde não vivemos pra nós mesmos, mas nós vivemos para o nosso Senhor. Alguém tem um senhor na sua vida? Que que significa o Senhor na sua vida? É alguém que manda em você ter um senhor na nossa vida tem alguém que manda em mim ele é meu dono eu tenho a minha vontade eu tenho os meus próprios pensamentos mas tem alguém que manda em mim e diz você “pode pensar sim mas não é o que eu te mandei pensar é o que eu te mandei fazer. Você não vai viver assim porque eu estou mandando” Então isso é se humilhar debaixo da poderosa mão de Deus. Porque Deus odeia o orgulho O coração da humanidade nunca vai se voltar pra Deus. O homem, o ser humano por si só não volta o seu coração pra Deus Marcos capítulo sete, versículos vinte e um ao vinte e

três. Palavras do nosso Senhor Jesus Cristo. “Pois do interior do coração dos seres humanos” Vem o quê? Que vem do coração do ser humano? “Maus pensamentos”. Que mais “imoralidade sexuais”. Que mais? “Os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano devastação, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o ser humano impuro” Hoje existe uma agenda dizendo “olha, se você tem pensamentos maus, tá tudo bem, Deus te ama. Se você vive imoralidade sexual, tem problema não, Deus ama você. Ah, você rouba? Ah, você é ladrão? Tem problema não. Deus te ama também, está tudo certo Homicídio? Ah não! Tudo bem! Acontece! Deus te ama! Adultério! Não! Está tudo bem! Isso mesmo Você ama a sua amante? Isso, viva pelo seu coração. Deus ama você. O amor é puro, o amor é verdadeiro. As cobiças. Não, você tem que mesmo cobiçar o do outro ali, ó. Vai pra cima, pega o que é dele, rouba o que é dele, vai pra cima. Isso aí faz parte” Deus está vendo as maldades, o engano, inveja, calúnia, fala mesmo, inventa fofoca, cria fake news, pode criar, não tem problema, Deus é amor, pode inventar história, mentira sobre a vida dos outros arrogância, insensatez. Jesus disse, tudo isso vem do coração do ser humano. Ou seja, todo ser humano que não se rende a poderosa mão de Deus está sujeito a seguir o que está no seu coração. Aquele que sujeita a sua vida em Deus ele ouve a voz ele tem um temor no coração e por mais que o seu coração também bata por esses mesmos pecados ele tem força pelo Espírito Santo pra dizer “eu não vou matar não vou roubar, eu não vou ter maus pensamentos, eu não vou praticar imoralidade sexual, minha vontade era de roubar, mas eu não vou roubar, minha vontade era de adulterar, mas eu não vou adulterar” fala amém comigo quem tá pegando essa palavra aqui, “minha vontade era de enganar, mas eu não vou enganar” porque você tem um Senhor. Aleluia. Primeiro Coríntios, capítulo seis, versículos nove ao onze “Vocês não sabem que os perversos não herdarão o reino de Deus” Eu amo essa frase essa pequena frase “não se deixem enganar “Tem coragem? Fala pra quem está do teu lado. Não se deixe enganar. Diga mais alto. Não se deixe enganar. Bata no teu coração. Diga não se deixe enganar. Aleluia. Olha só. “Nem imorais nem idólatras, nem adúlteros, nem homossexuais passivos ou ativos nem ladrões, nem avarentos, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o reino de Deus. Assim foram alguns de vocês e eu me incluo nisso. Mas vocês foram lavados foram santificados, foram justificados no nome do senhor Jesus e no espírito do nosso Deus” Vamos dar um glória a Deus se você faz parte desse povo lavado pelo sangue de Jesus Ele chega a dizer não se deixe enganar porque porque tem pessoas que tem dito isso hoje “Não, eu não posso definir quem vai pro céu ou não” Tem um ensino hoje, eu falo de de muitos homens chamados homens de Deus e mulheres chamadas mulheres de Deus. Que tem a coragem de dizer “não, eu não

posso eu não posso falar quem vai ou não vai pro céu” OK mas e quando a Bíblia já diz? Então eu me tiro de dizer o que eu acho e passo a ler o que a Bíblia diz A Bíblia não está dizendo que uma pessoa que vive uma prática dessa maneira vai pro céu. A Bíblia está dizendo que ela não vai pro céu. Então quem crê na bíblia, se você não crê na bíblia essa palavra não é pra você. Você já não crê Isso é pra quem crê. A minha preocupação aqui é porque hoje cinquenta e sete por cento da família cristã aceita o mês do orgulho Hoje cinquenta e sete por cento da família evangélica e que se diz cristã não se opõe ao arco-írisinho nas lojas Cinquenta e sete por cento da família evangélica hoje trata com normalidade. A prática do pecado da homossexualidade. Nós estamos falando que mais da metade desse auditório aqui não tem um sentimento ou uma atitude e diz, é pecado, está errado e não vai pro céu eu preciso falar. Eu preciso falar, sabe por quê? Porque isso provoca Deus. Eu preciso falar porque esse mês todo nós vamos falar e vamos apontar o pecado vamos apontar o caminho da santidade, vamos apontar o caminho por quê? Porque está entrando, está sujando, está destruindo aquilo que presta atenção Deus não destruiu a humanidade por causa de roubo. Deus não destruiu a humanidade por causa de assassinatos. Deus não destruiu a humanidade. Quem está pegando aqui? Por causa de idolatria Deus destruiu a humanidade por causa de imoralidade sexual. Nível daquilo que Deus repugna é imoralidade sexual como um pecado grave. Todo pecado é pecado. Pecado grave. E aqui ele diz claramente não herdarão, não sou eu que estou dizendo, é a bíblia, é a palavra de Deus. Se você é crente, se você crê na palavra de Deus, você tem que crer nela toda você vai crer nela inteira, completamente e a Bíblia diz que homossexuais passivos ou ativos não herdarão o reino de Deus. Eu preciso crer na bíblia. Amém. E eu não sei você, eu não quero viver uma vida boa nessa terra, eu quero viver uma vida boa no céu na eternidade. Tem uma frase muito conhecida que diz isso “Pro crente o inferno que ele vai experimentar é a terra. Pro incrédulo o céu que ele vai experimentar é a terra” Levítico capítulo dezoito versículo vinte e dois. A palavra de Deus fala tudo gente, eu posso ouvir um amém aqui? Olha só o que ele diz “não se deite com um homem como se deita com uma mulher” É o quê? Repugnante. “Não se deita com um homem como se deita com uma mulher. É repugnante” A palavra de Deus considera isso repugnante E aí existe um outro ensino hoje que está envenenando a igreja que é o ensino da empatia. Empatia. E você não tem ideia como que dói meu coração pregar isso hoje. Mas não deveria doer A igreja hoje ela se constrange em falar de pecado. A igreja americana hoje vive uma decadência onde o jovem na igreja americana usa drogas, usa álcool, se prostitui, homossexuais, não tem direção nem na política os pastores pregam sobre unicórnio nas nuvens. O jovem americano hoje não sabe o que é pecado. Isso não vai acontecer com a

igreja brasileira No que depender de mim não vai acontecer com a igreja brasileira. Não vai acontecer. Não se engane pastor E aí a simpatia enganosa é o seguinte, eu sinto que você sente. Eu eu te entendo. Eu eu te amo. Eu estou com você e tem levado a empatia pra um lugar que não é certo. Jesus teve empatia, em compaixão por todos os pecadores. Mas ele denunciou o pecado Jesus morreu por todas as pessoas, mas ele denunciou, ele foi contra o pecado, quantas pessoas Jesus disse, “vai e não peques mais”. Aleluia. Jesus não disse, eu te amo, eu te protejo e continue vivendo a vida que você quer ele disse “eu te amo, eu te protejo, eu te perdoo, mas não peque para que não te aconteça coisa pior. Para com essa vida, muda de vida” Nós precisamos ter um limite naquilo que é empatia. O cristão, o homem e a mulher de Deus ama, abraça cuida até o último fôlego de vida. Mas nós não vamos aceitar vida de pecado. Não podemos aceitar. Eu não estou falando pra perseguir Eu não estou falando pra bater pra não responder, pra não estar junto, pra não trabalhar junto. Não tem nada disso. Nós amamos. Temos que amar. Amar o drogado, amar o alcoólatra, amar o adúltero. Do qual muitos de nós fomos um dia homossexual temos que amar, temos que ter empatia, mas não significa que porque a pessoa é alcoólatra eu vou beber com ela, que a pessoa é adúltera, eu também vou sair adulterando porque eu amo, então eu Então eu compartilho da promiscuidade que ela vive. Não, eu preciso odiar o pecado, eu preciso odiar a impureza sexual, eu preciso ter ódio, ódio daquilo que Deus não criou de forma natural, eu preciso ter nojo. Eu preciso romper na minha vida, não deixar que isso entra na minha casa, na mente dos meus filhos, das minhas crianças, do meu casamento, eu não posso tratar naturalidade aquilo que Deus repugna. Deus falou “não vai entrar no meu reino quem faz essa prática” Aleluia. Interessante porque é uma defesa onde gera-se você não tem empatia você não tem amor eu repito nós amamos nós amamos nós amamos Mas nós apontamos o caminho que é Jesus. Porque o nosso amor por maior que seja é nada diante do amor de Jesus. Aleluia. Deus fez as coisas de forma natural. Dá um exemplo os pássaros por exemplo quando você vê os pássaros começam o inverno no norte que que os pássaros fazem? Voam pro sul. É natural. É natural. É natural. Começou a esfriar os pássaros se reúnem se reúnem e eles saem do norte pro sul. Imagina você romper com uma naturalidade óbvia. Está frio? Então os pássaros vão subir mais pro frio eles vão eles vão contra aquilo que é natural. Deus não criou Adão e outro Adão imagine Deus criar Adão e criou o outro Adão e falou assim multiplique-se Agora multiplica. Não tem como Deus não criou isso. Não faz parte do plano de Deus que é natural é natural, tudo que Deus faz é natural, ele tem um ciclo, ele tem uma forma e o que se rompe nisso é promíscuo é rebelião é orgulho Deus abomina quem está pegando essa palavra comigo aqui Deus criou tudo que Deus criou é claro é é óbvio você não precisa fazer força o pé de laranja

ele não faz força pra brotar a laranja não faz força é natural Agora imagine o pé de laranja eu quero brotar jabuticaba porque eu quero brotar a jabuticaba ah e eu vou fazer o que for pra eu ser jabuticaba eu serei uma jabuticaba não tem como Deus não fez isso nós precisamos anunciar denunciar, nos levantar como bandeira onde Cristo é o senhor da nossa vida, onde a palavra de Deus é a base da nossa vida, onde aquilo que Deus criou é a realidade natural na nossa vida é tempo de nós nos levantarmos principalmente no mês como mês de junho onde nós vamos dizer aquilo que Deus criou é óbvio quem é uma palavra de Deus? É claro precisa ser dito, precisa ser dita nas redes sociais, precisa ser dito na nossa vida, esse assunto que eu tô falando não tem que haver constrangimento algum do cristão falar disso crente que tem medo, medo de falar, medo de dizer, medo de apontar, fala pra quem tá do teu lado, vai pra cima meu filho Romanos capítulo um olha o que o apóstolo Paulo escreveu pra igreja. Quem está pegando essa palavra hoje em nome de Jesus? Romanos capítulo um nós vamos ler muito muita muita palavra aqui de Deus. Repetindo está na bíblia. Estou lendo a Bíblia olha o que diz “pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus e seu eterno poder e sua” olha só de novo “pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus seu eterno poder e sua natureza divina tem sido vistos” com muita dificuldade? Tem sido vistos o quê claramente, vamos continuar? “Sendo compreendidos por meio das coisas criadas de forma que tais pessoas são indesculpáveis” Olha só o que que Paulo acabou de escrever é claro o que Deus criou, você compreende a vontade de Deus até por aquilo que ele cria e se você ver claramente o que Deus criou compreende aquilo que Deus criou e você não aceita, você está indesculpável. Não precisa de Espírito Santo não. Precisa de oração de ninguém. Quem está entendendo aqui Ó o que Deus está falando, ele criou, é óbvio, é claro você vê, você não aceita, você é indesculpável. Por quê? Vamos continuar, estou lendo a Bíblia. “Tendo conhecido a Deus não o glorificaram como Deus” ou seja, eu não quero Deus. Por que que Deus odeia o orgulho? Não, eu não quero Deus, “nem lhe renderam graças” Vamos ler comigo? Lê em voz alta, vamos lá “mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e seus corações insensatos e obscureceram” Negar a Deus a criação de Deus, a vontade de Deus A gente está lendo aqui te torna fútil. Fútil Vamos continuar? “Dizem-se” eu estou lendo apóstolo Paulo. São Paulo. O que que ele diz? “Dizendo-se sábios. Tornaram-se poucos” Olha como o Espírito Santo trata a promiscuidade “Dizendo-se sábios tornaram-se loucos” Hoje você vê um debate Você vê debate de um de um homem que se sente mulher competir em competições femininas. Eu vi esses dias um vídeo de uma manifestação na Europa de pessoas que se sentem cachorros latindo na rua. Dizendo-se sábios tornam-se loucos Vamos continuar e “trocaram a glória de Deus do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do

homem mortal. Bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis” Olha a consequência desse pensamento, do orgulho, desse movimento, olha a consequência, olha o que que Deus faz com esse tipo de pessoas que se posiciona dessa maneira, é o que está na Bíblia “por isso Deus os entregou a impureza sexual” Quem que entregou? Deus entregou falou assim ó aqui ó Olha como Deus odeia, odeia esse movimento. Por isso Deus entregou vamos ler juntos? “A impureza sexual Segundo os desejos pecaminosos dos seus corações. Para a degradação dos seus corpos entre si. Trocaram a verdade de Deus que é óbvia, verdade de Deus é óbvia pela mentira. E adoraram e serviram as a coisas e seres criados em lugar do criador que é bendito para sempre” Amém De novo Paulo escreve dizendo, “por causa disso Deus os entregou a paixões vergonhosas” Quais são elas? “Até suas mulheres trocaram suas relações sexuais naturais por outras contrárias a natureza” Quais são essas que Deus entregou? Que Deus largou? “Da mesma forma homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Consequências começaram a cometer atos indecentes homens com homens e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão. Além do mais visto ainda tem mais hein gente Além do mais, visto que desprezaram o conhecimento de Deus, ele os entregou a uma disposição mental reprovável. Para praticarem o que não deviam” O que existe por trás é uma depravação tão grande onde no na onde na borda é só um arco-íris ame todo mundo tenha empatia Jesus amou a todos ele morreu por todos é isso mas o que tem no fundo disso é Deus entrega uma disposição mental reprovável para praticarem o que não deviam. É um nível de de uma mentalidade onde hoje uma criança está sendo levada a a a movimentar-se sobre a sua sexualidade. Não é possível que um cristão, eu estou falando pra crente, pra crente. Não é possível um cristão respeitar o movimento desse. Aceitar não é possível. Não tem como Não tem como. Olha só, tornaram-se cheios de toda sorte de injustiça, maldade, ganância, e depravação Vem comigo. “Estão cheios de inveja, homicídio, rivalidade, engano e malícia. São bisbilhoteiros, caluniadores inimigos de Deus, insolentes, arrogantes, presunçosos, inventam mentiras” estou lendo a Bíblia, “inventam maneiras de praticar o mal desobedecem a seus pais, são insensatos, desleais sem amor pela família” odeiam a família, odeiam a família hétero, homem, mulher gera filhos. Implacáveis. “Embora conheçam o justo decreto de Deus de que as pessoas que praticam tais coisas merecem a morte. Não somente continuam a praticá-las mas também aprovam aqueles que a praticam Morte” aqui ele está falando de morte eterna. A morte espiritual. Ele está dizendo quem pratica isso é inimigo de Deus. Odeia a família que Deus criou e que tem esse mês todo pela frente pra meditar sobre essas coisas. Agora eu amo essa passagem. Romanos dois um ao quatro. “Portanto Você que julga” porque o cristão fala, mas eu não posso julgar.

Como que eu faço? Como que eu trato isso? Como que eu posso lidar com isso? Eu tenho na minha casa, na minha família Tô vendo essa situação agora. Esse texto é pra nós. “Portanto, você que julga os outros é indesculpável” Nós não estamos julgando. Nós estamos buscando viver a palavra de Deus. Amém não é sobre julgar, é buscar viver a palavra de Deus. Quando você julga, se vê maior, tá errado, não é sobre isso. Todos nós temos pecados, estamos sendo tratados na nossa vida Todos nós continuamente diante de Deus. Olha o que ele diz “pois está condenando a si mesmo naquilo em que julga. Visto que você que julga pratica as mesmas coisas” Ou seja, pecado “Sabemos que o juízo de Deus contra os que praticam tais coisas é conforme a verdade. Assim quando você, uma simples pessoa o julga, mas pratica as mesmas coisas Você pensa que escapará do juízo de Deus?” Agora que eu amo essa passagem “ou será que você despreza as riquezas da sua bondade” Qual que é a riqueza da bondade? “Tolerância e paciência. Não reconhecendo que a bondade de Deus o leva ao arrependimento” Quem pode aplaudir o senhor por isso? Quem pode dar um glória a Deus? Porque Deus tem sido tolerante com cada um de nós. Quem pode dar um glória a Deus que ele tem sido bondoso com cada um de nós e misericordioso com cada um de nós. Vamos dar a Deus aqui comigo, se você tá pegando isso. Ou será que você despreza a riqueza da bondade de Deus? Qual é a bondade de Deus? A bondade de Deus não é pra acabar, destruir, aniquilar, é tolerar, ter paciência porque no momento devido nós cremos no poder do arrependimento, na minha vida, na sua vida, na vida de todos. Ele tá dizendo “não vive para julgar, não viva para julgar, proteja a sua casa, a sua vida, você, sua família firme-se naquilo que a palavra de Deus diz e aqueles a quem você ama e talvez vivem essa situação” Deus te dá graça a tolerar, a ter bondade e a saber que assim como você eles também viverão arrependimento. Fala amém comigo aqui se você crê É. Romanos dois seis, a palavra é clara, “Deus retribuirá a cada um conforme o seu procedimento” Ou seja, ah não eu estou salvo, agora eu estou salvo amém, já aceitei Jesus. Bora viver agora. Paulo fala isso claramente. Eu vou eu vou pecar mais pra que a graça seja ainda maior. Eu não posso fazer isso. Porque Deus vai tratar da minha vida a partir daquilo que eu faz e não tem desculpa pra ninguém versículo onze de Romanos dois, quem está amando a palavra de Deus aqui hoje? “Pois em Deus não há parcialidade” nossa é muito texto que eu tenho pra ler vou ler vou ler só mais três Gálatas cinco versículo dezesseis ao vinte e seis essa é a nossa luta viver pelo espírito ou pela carne. Por isso digo vamos ler juntos? “Vivam pelo espírito. E de modo nenhum satisfarão os desejos da carne. Pois a carne deseja o que é contrário ao espírito e o espírito o que é contrário a carne. Eles estão em conflito um com o outro. De modo que vocês não fazem o quê desejam” Essa é a frase do movimento do orgulho. Faça o que você deseja. Seja quem você quer ser. Viva a vida que você quer viver

Mas o crente, o cristão, o que tem Jesus como dono da sua vida de modo que vocês não fazem o que vocês desejam. Mas se vocês são guiados pelo espírito não estão debaixo da lei. “Ora, as obras da carne são manifestas” Qual que é a primeira que está ali? Imoralidade sexual. Impureza e libertinagem idolatria, feitiçaria, ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções, inveja, embriaguez, orgias e coisas semelhantes. “Eu os advirto. Como antes já tinha falado, advertido vocês” Que que ele diz? Que os que praticam essas coisas vão pro céu porque Jesus é amor. Que os que vivem essa forma de vida vão viver com Jesus? Não herdarão o reino de Deus. “Mas o fruto do espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão” e o quê pra quem tá do teu lado, domínio próprio, domínio próprio meu filho, cê vai fazer mas não faz porque cê tem domínio próprio. Cê vai falar mas não fala porque você tem domínio próprio, o o fruto do espírito é domínio próprio, você não vai ser dominado por demônio, nós não vamos ser dominados por uma agenda desse mundo, nós não vamos ser dominados pela nossa própria vontade, domínio próprio é viver aquilo que é pelo Espírito Santo de Deus e contra essas coisas não há lei Deus nos ajude. “Os que pertencem a Cristo crucificaram a carne com que, com as suas paixões e os seus desejos” ele não tá dizendo que nós não temos paixões na carne, ele tá dizendo, cê tem, eu tenho, todos nós temos. O que ele tá dizendo é, mata essa carne Ah então quer dizer que eu vou viver infeliz a vida inteira? Porque esse é o meu desejo. Você não vai viver infeliz. Só Jesus pode preencher o seu coração. Não é um é um não é um casamento hétero que faz uma pessoa feliz Quem colocou na sua vida achando que é só porque o sexo entre homem e mulher você vai ser pleno. Não vai ser pleno. Se fosse não tinha tanto divórcio igual tem no mundo hoje. A única realidade que faz uma pessoa plena é a presença do Espírito Santo, é Jesus na vida dele Então toda paixão na minha vida tem que ser crucificada, tem que morrer! Tem que morrer! “Se vivemos pelo espírito, andemos pelo espírito, não sejamos presunçosos, provocando uns aos outros e tendo inveja uns uns uns dos outros” Deus odeia o orgulho. Deus odeia o orgulho. Eu e você temos que abominar da nossa vida, abominar não aceitar sermos contra na nossa vida a prática do pecado Deus abomina aquele que se levanta. Lúcifer foi a prova de como Deus abomina o orgulho. Romanos capítulo seis Da mesma forma considerem-se mortos para o pecado mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Quem está lendo a Bíblia hoje? “Portanto não permitam que o pecado continue dominando os seus corpos mortais” Como que eu sei que o pecado está dominando o meu corpo? Fazendo o que vocês obedecem aos seus desejos. Ah! Mas se eu posso ser hétero, por que que eu não posso ser homossexual? Não, eu não sou hétero porque é Um desejo é porque é natural. Não é sobre desejo, é natural. Ah, mas eu não nasci assim Existe uma maldição, existe um peso que

precisa quer ser quebrado só em Jesus. O mundo jaz do maligno quer estar aqui comigo. Não significa que você é hétero, você é santo. Eu vou repetir quantos héteros divorciados separados, adultério, confusão, prostituição. Ele fala orgias Todo esse movimento de libertinagem sexual levou Deus lá em Gênesis em Gênesis nove dezesseis, o símbolo que é o arco-íris. Dizendo pro homem eu me comprometo a não fazer o que eu fiz agora, por causa da sua promiscuidade. Eu eu salvei uma família, mas todas morreram. E Satanás é tão astuto que ele pega o símbolo que mais feriu a Deus pra colocar de volta no mundo todo hoje dizendo tá aqui ó vou fazer de novo mas Deus levanta uma igreja hoje eu oro pra que Deus levante pastores que não tem medo de falar e ler a Bíblia Pelo amor de Deus. Tem que ler a Bíblia. Tem que ler a Bíblia Tem que ler a palavra. Tem que se colocar nessa posição. “Não ofereçam os membros dos seus corpos ao pecado. Como instrumento de injustiça antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida. E ofereçam os membros dos seus corpos a ele como instrumento de justiça. Pois o pecado não os dominará” eu libero essa palavra na tua vida, o pecado não os dominará porque vocês não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça. Fica em pé no teu lugar se você tá debaixo dessa graça, aplauda o senhor, dá um brado de louvor a ele Ah, esse mês é o mês da humilhação, é o mês de levantar a bandeira que é Jesus, é o mês de levantar o senhor e dizer, eu é a minha casa, serviremos ao senhor, eu e meus filhos veremos a bondade de Deus Primeira João um nove tá escrito, “existe esperança pra mim, existe esperança pra todos nós, existe esperança de mudar o coração, de se arrepender, existe esperança em Deus” ele diz claramente em primeira João nove, vamos ler juntos? “Se confessarmos ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos de toda injustiça”. Vamos ler de novo? “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça” No mês do orgulho que o mundo diz é o mês da nossa humilhação e dizer senhor me perdoa do meu pecado, me me perdoa das minhas falhas, lava o meu coração, tem misericórdia da minha vida, no mesmo orgulho onde pessoas tentam colocar com ela abaixo uma agenda do a igreja precisa levantar e dizer, senhor, eu não tenho justiça própria, eu não tenho como viver de mim mesmo, o próprio senhor Jesus disse, o coração do homem vem toda a imoralidade sexual, então Deus tem misericórdia da minha vida minha casa, cê pode erguer suas mãos e dizer, senhor eu me humilho diante do senhor, eu peço nessa dia misericórdia, perdão, lava meu coração, ô igreja desperta, nós não vamos dar lugar a uma agenda do inferno dentro da nossa casa, nós não vamos dar lugar. Ah, em nome de Jesus, é uma agenda do mal dentro da nossa família. Começa a dizer, a obra, o coração, eu abro, eu abro, eu abro, eu abro